

CPI DAS TORCIDAS

RELATÓRIO

VEREADOR NELO RODOLFO

(PROCESSO RDP Nº 08-0018/2013)

Presidente

Vereador Laércio Benko (PHS)

Vice Presidente

Vereador Conte Lopes (PP)

Relator

Vereador Nelo Rodolfo (PMDB)

Demais Integrantes:

Vereador Adolfo Quintas (PSD) – Substituído, em razão de filiação partidária, pela **Vereadora Patrícia Bezerra (PSDB)**

Vereador Alessandro Guedes (PT) – Substituído, em razão da reassunção do Vereador titular, por **Vereador Senival Moura (PT)**

Vereador José Police Neto (PSD)

Vereador Ota (PSB) – Substituído, em razão de filiação partidária, pelo **Vereador Ricardo Teixeira (PROS)**

Vereadora Patrícia Bezerra (PSDB)

Vereador Ricardo Teixeira (PROS)

Vereador Rodolfo Despachante (PHS) – Substituiu o **Vereador Laercio Benko (PHS)** durante licença de 46 dias.

Vereador Rubens Calvo (PDT) – Substituído, em razão de filiação partidária pelo **Vereador Nelo Rodolfo (PMDB)**

Vereador Senival Moura (PT)

Vereador Toninho Paiva (PR)

Senhores,

Chegamos ao fim de mais uma missão. Neste momento, não poderia deixar de agradecer a cada um dos senhores, pela coragem nos momentos decisivos, pela calma nos momentos de tensão e principalmente pela lucidez nos momentos de grandes decisões. Desde agosto último, colhemos informações e depoimentos e realizamos reuniões, atingindo positivamente nossos objetivos.

Este trabalho não poderia ter sido concluído sem a participação e empenho de todos os nobres Vereadores nesta Comissão, que foi de suma importância para nossa Cidade.

Recebam esta cópia do Relatório que, acredito, traduz muito bem nosso objetivo final.

Cordialmente,

Vereador Nelo Rodolfo
Relator – CPI
Torcidas Organizadas

Sumário

1. INTRODUÇÃO	4
2. INSTALAÇÃO	9
3. VICE-PRESIDÊNCIA E RELATORIA.....	9
4. REQUERIMENTOS.....	9
5. PRAZOS.....	9
6. METODOLOGIA DOS TRABALHOS	10
7- INFORMAÇÕES GERAIS	11
SÚMULA DE ATIVIDADES DA CPI.....	11
8- RESUMO DAS REUNIÕES E EVENTOS	12
9 – REUNIÕES	17
9.1 - REUNIÃO DE INSTAÇÃO 06 /08/ 2015.....	17
9.2 - TIPO DA REUNIÃO: ORDINÁRIA 12/08/ 2015	21
9.3 - TIPO DA REUNIÃO: ORDINÁRIA 09/09/2015.....	28
9.5 - TIPO DA REUNIÃO: ORDINÁRIA 21/10/2015.....	36
9.6 - TIPO DA REUNIÃO: ORDINÁRIA 04/11/2015.....	42
9.7 - TIPO DA REUNIÃO: ORDINÁRIA 18/11/2015.....	49
9.8 - TIPO DA REUNIÃO: ORDINÁRIA 02/12/2015.....	56
9.9 - TIPO DA REUNIÃO: ORDINÁRIA 02/03/2016.....	63
9.10 TIPO DA REUNIÃO: REUNIÃO DE TRABALHO – 30/03/2016.	68
10 – CONVIDADOS QUE COMPARECERAM ÀS REUNIÕES DESTA CPI.....	78
11 - DOS REQUERIMENTOS APROVADOS	79
12 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
13 - PROVIDÊNCIAS, ENCAMINHAMENTOS E INDICAÇÕES DO RELATÓRIO DA CPI DAS TORCIDAS ORGANIZADAS	82
ANEXO	85

1. INTRODUÇÃO

Esta CPI iniciou seus trabalhos no dia 06 de agosto de 2015, com o propósito de apurar as causas da violência entre torcedores de futebol, violência esta que a imprensa atribui às torcidas organizadas. Ao buscar as causas, a Comissão procurou caminhos para propor soluções que devolvam a paz e a segurança aos torcedores.

Em razão de desfiliações e filiações partidárias, ocorridas em paralelo e no transcurso dos trabalhos desta CPI, fui convidado para integrar a Comissão, já na reta final dos trabalhos. Por entender que ao homem público não é facultado o dever da batalha, aceitei o desafio, entendendo-o como uma missão em benefício de todos os que verdadeiramente amam o esporte.

Aqui cabem parênteses para lembrar que frequento estádios de futebol desde os seis anos de idade, quando fui levado por meu pai para assistir a um clássico entre Palmeiras e Santos, um verdadeiro duelo de titãs, com Pelé, Coutinho e companhia de um lado e Ademir da Guia, Dudu e Academia de outro.

Era 1965, um tempo em que os torcedores se comportavam como adversários, jamais como inimigos, e dividiam lado a lado a mesma arquibancada, sem correr riscos.

A escolha profissional pelo jornalismo me levou, mais tarde, às cabines de transmissão dos estádios, como comentarista esportivo, particularmente da rádio Jovem Pan. Quando eu era Deputado Federal, participei da CPI do Futebol e já víamos nesse trabalho realizado em Brasília a necessidade dos organizadores melhorarem a relação com as torcidas.

Fecho parênteses com a lembrança de que relatar os trabalhos desta CPI enobrece uma vida inteira dedicada ao esporte, posto que, ao longo de mais de 50 anos acompanhando o futebol profissional, vi deteriorar-se a relação entre as torcidas e a relação destas com as autoridades policiais.

Observei também que, ao mesmo tempo em que, para alguns, o futebol se tornou risco de vida, para outros, pouquíssimos, uma fonte próspera de riqueza e poder. É uma vergonhosa contradição.

O espetáculo ganhou o horário nobre da TV, mas o torcedor que vai ao estádio descobriu que a nobreza do horário televisivo é incompatível com o horário do metrô, trens e ônibus.

Não é possível separar o debate da violência entre as torcidas de outros fatores que interferem na vida do torcedor.

Nesse sentido, como justificar o sanduíche vendido a 20 reais dentro dos estádios e um refrigerante a 10 reais? Como justificar que, por razões de segurança, torcedores em

estádio adversário tenham a entrada liberada no momento em que o jogo começa ou até com a bola já rolando?

Como justificar a proibição da venda de bebida alcoólica nos estádios, se o comércio de cerveja e de outras bebidas é livre e intenso na porta do estádio?

Não se trata de defender a proibição da venda de bebida alcoólica também na porta dos estádios, mas de voltar a permitir o comércio no interior do estádio.

Hoje, o torcedor chega mais cedo aos arredores do estádio, bebe todas e deixa para entrar no estádio quase no início da partida, causando filas desnecessárias e aglomerações perigosas nas imediações do estádio.

Como vimos durante a Copa do Mundo, com a permissão da venda de bebidas no interior do Estado, o torcedor chega mais cedo, bebe a sua cervejinha dentro do estádio e assiste com mais tranquilidade à partida de futebol.

Muito positivo, a esse respeito, o depoimento colhido por esta CPI do Promotor de Justiça Paulo Sérgio de Castilho, que há mais de dez anos atua nos temas relacionados ao futebol e às torcidas organizadas.

Ele, que participou do grupo de trabalhos que levou à proibição da venda de bebidas alcoólicas nos estádios, reviu sua posição. Nos Estados brasileiros em que a proibição foi igualmente revista, a violência não aumentou, em algumas praças até diminuiu.

O depoimento do Promotor de Justiça Paulo Sérgio de Castilho integra um excepcional conjunto de informações colhidas pela CPI, digo excepcional porque não encontro adjetivo mais apropriado para definir o trabalho desta Comissão de Vereadores.

Faço essa afirmação depois de ler e reler os depoimentos colhidos pela CPI, obrigação que me impus para dar conta da tão relevante missão de relator, aceita, como disse, já na reta final dos trabalhos.

Esta CPI ouviu todos os principais atores envolvidos na questão da torcida, fazendo a inquirição com as perguntas pertinentes. Vereadores desta comissão realizaram diligência em estádio de futebol, e contaram com a boa vontade da Polícia Militar, do Ministério Público, da Justiça e dos líderes das torcidas, mas as autoridades do Poder Legislativo tiveram seu trabalho cerceado por “fiscais” da Federação Paulista de Futebol, verdadeiros brucutus, mais preocupados em impedir o registro em vídeo dos trabalhos realizados do que em prestar esclarecimentos sobre a sua rotina em dia de jogo.

Ficou evidente que os “fiscais” se preocupam hoje muito mais com a imagem dos patrocinadores dos jogos, com suas marcas exibidas pela TV, do que com a organização do espetáculo em si.

Não resta dúvida da responsabilidade que deve ser imputada aos organizadores pela violência decorrente do futebol, Federação Paulista de Futebol entre eles.

Este relatório contempla o que disseram à CPI os representantes das principais torcidas organizadas, o Comandante das Operações da PM em dia de jogos, do Delegado responsável pelo funcionamento da Delegacia especializada em crimes ocorridos em razão dos jogos, do Promotor de Justiça que representa o Ministério Público nos eventos esportivos e até de um dos mais importantes estudiosos das torcidas organizadas, autor de uma pesquisa que as compara a grupos similares da Europa e da América do Sul.

Tenho certeza de que, analisando o conteúdo dos depoimentos e de outros textos juntados a esta CPI, aos autores responsáveis pelo espetáculo do futebol – não só os organizadores – encontrarão muitas das respostas que buscam.

A violência é intrínseca ao ser humano, mas não é inevitável. A paixão é uma faísca que pode fazer explodir o monstro escondido no recôndito da alma das multidões. O antídoto a este veneno é a informação e a educação, e dar o primeiro passo nessa direção não custa muito.

Como mostra uma experiência da Alemanha, relatada aqui, os resultados não demoram a aparecer. É preciso ter coragem de enfrentar o problema e não tomar o caminho mais simples da proibição.

Por exemplo, proíbe-se a venda da bebida alcoólica no estádio, o comércio de bebidas nas imediações aumenta (e surge até comércio de drogas ilícitas).

Proíbe-se a torcida adversária nos clássicos, mas se desconsidera que muitos dos conflitos são entre torcedores de um mesmo time.

Proíbem-se bandeiras na arquibancada, mas se mata com paus e ferros no caminho do torcedor até a casa.

Restringe-se o número de instrumentos musicais nas arquibancadas, como os bumbos, e a violência corre solta nas rodas improvisadas em estações de trem e metrô.

A proibição pura e simples aumenta o poder de alguns, pode até gerar manchetes nos jornais, revistas e TV, mas na prática só faz aumentar a distância entre torcedores e autoridades.

É preciso envolver as torcidas na organização do espetáculo e passar a punir não o CNPJ das torcidas, proibindo-as de funcionar, mas o CPF dos infratores, colocando-os na cadeia, dependendo da gravidade do crime, ou impedindo, efetivamente, que eles voltem a entrar num estádio.

Com o monitoramento em vídeo no interior do estádio e até das imediações, é possível identificar exatamente quem cometeu determinado ato ilícito.

É o criminoso que deve ser punido e a pena, como diz a Constituição, não pode passar da pessoa de quem cometeu o delito.

Monitoramento eficaz e cadastro de responsabilidade das torcidas organizadas, dos clubes, da Federação Paulista e da Confederação Brasileira de Futebol, com a definição de um local seguro para que assistam aos jogos. Este é o caminho para devolver a paz entre as torcidas.

Não adianta culpar o todo pela parte, é preciso tirar a maçã podre da caixa, impedindo que contamine todo o resto. Nesse movimento, os clubes também têm que assumir sua responsabilidade e dialogar com as torcidas organizadas.

Gostem ou não alguns, a torcida organizada é parte do espetáculo, é hora de ouvi-las mais e não criminalizá-las.

**OS TERMOS DO DISPOSTO NO REGIMENTO INTERNO DESTA EDILIDADE, A PRESENTE
COMISSÃO PARLAMENTAR DE INQUÉRITO**

CRIAÇÃO

24 DE JUNHO DE 2015

INSTALAÇÃO

06 DE AGOSTO DE 2015, COM PRAZO ORIGINAL DE 120 DIAS

TERMO FINAL PREVISTO

03 DE DEZEMBRO DE 2015.

PRORROGAÇÃO POR MAIS 120 DIAS

TERMO FINAL

12 DE MAIO DE 2016.

Presidente

Vereador Laércio Benko (PHS)

Vice Presidente

Vereador Conte Lopes (PP)

Relator

Vereador Nelo Rodolfo (PMDB)

Demais Integrantes:

Vereador Adolfo Quintas (PSD) – Substituído, em razão de filiação partidária, pela **Vereadora Patrícia Bezerra** (PSDB)

Vereador Alessandro Guedes (PT) – Substituído, em razão da reassunção do Vereador titular, por **Vereador Senival Moura** (PT)

Vereador José Police Neto (PSD)

Vereador Ota (PSB) – Substituído, em razão de filiação partidária, pelo **Vereador Ricardo Teixeira** (PROS)

Vereadora Patrícia Bezerra (PSDB)

Vereador Ricardo Teixeira (PROS)

Vereador Rodolfo Despachante (PHS) – Substituiu o **Vereador Laercio Benko** (PHS) durante licença de 46 dias.

Vereador Rubens Calvo (PDT) – Substituído, em razão de filiação partidária pelo **Vereador Nelo Rodolfo** (PMDB)

Vereador Senival Moura (PT)

Vereador Toninho Paiva (PR)

2. INSTALAÇÃO

A instalação da Comissão Parlamentar de Inquérito ocorreu em 06 de agosto de 2015. Na reunião de instalação, o Vereador Laércio Benko (PHS) foi eleito Presidente da CPI das Torcidas.

3. VICE-PRESIDÊNCIA E RELATORIA.

Na reunião de instalação, ocorrida em 06 de agosto de 2015, foi eleito o Vereador Conte Lopes (PROS) para a Vice-Presidência e formalizada a eleição do Relator, o Vereador Ota (PSB). Por motivos de filiação partidária, o Vereador Ota se retirou da CPI e em 19/04/2016 foi nomeado como relator, o Vereador Nelo Rodolfo (PMDB).

4. REQUERIMENTOS

Para melhor andamento dos trabalhos, o Presidente, com a concordância dos demais membros, adotou a seguinte sistemática:

Os requerimentos foram encaminhados para reunião seguinte e submetidos à votação. Requerimentos provenientes de fatos relevantes serão discutidos em pé de pauta.

Todos os requerimentos submetidos à votação foram de convite, devidamente instruído com nome, endereço físico, endereço eletrônico, telefones dos destinatários e outros dados que torne possível o seu encaminhamento pela Secretaria. No caso de oitiva, foi acordado que seria no formato de convite.

5. PRAZOS

O Requerimento RDP Nº 08-0018/2013, que solicitou a constituição desta CPI, de acordo com o Regimento Interno da Câmara Municipal de São Paulo, indicou o prazo de funcionamento de 120 (cento e vinte) dias. A referida comissão teve seu prazo prorrogado em 120 (cento e vinte) dias. Tal prorrogação foi fundamental para aprofundar a discussão da violência entre as torcidas, já que é notório os confrontos entre as torcidas, e que destes confrontos, tivemos resultados que causaram a morte de diversos torcedores.

6. METODOLOGIA DOS TRABALHOS

A missão constitucional atribuída ao Poder Legislativo, especialmente quanto ao exercício de sua ação fiscalizadora, é exercida dentro da esfera do que lhe é materialmente possível, ou seja, não sendo aparelhado para realizar complexas auditorias, exerce seu poder-dever de fiscalizar limitado, mas também justificado, pelo princípio da razoabilidade.

Nesse sentido, o trabalho desenvolvido pelos membros desta Comissão Parlamentar de Inquérito deve se pautar por um método adequado ao volume de informações colecionadas, escolhendo a Comissão, então, voltar sua atenção aos pontos que indicam possíveis irregularidades.

Ficam estabelecidos os seguintes procedimentos administrativos: 1º) todo e qualquer requerimento será encaminhado por escrito, produzido pela assessoria do vereador solicitante e submetido à votação no final de cada reunião; 2º) todo requerimento que se reporte a pedido de documento e informações, convite, convocação, intimação, deverá ser devidamente instruído com nome, endereço físico, endereço eletrônico, telefone do destinatário ou outros que tornem possíveis o seu encaminhamento pela Secretaria; 3º) os vereadores membros indicarão à secretaria o nome do assessor de seu gabinete, que cuidará dos assuntos desta CPI, bem como o endereço eletrônico, e-mail para convocações de reuniões e demais comunicações; 4º) intimações, convocações, convites e outros encaminhamentos relevantes serão obrigatoriamente assinados por esta presidência, sejam endereçados a pessoas públicas, sejam endereçados a particulares, serão entregues pessoalmente por estafeta designado pela Guarda Civil Metropolitana, que registrará formalmente o cumprimento do mandado e certificará eventuais ocorrências e incidentes; 5º) tendo em vista a agilização dos trabalhos, a secretaria fica autorizada a afirmar os demais encaminhamentos da CPI, cuja remessa poderá ser feita por e-mail ou via postal; 6º) consideram-se atas de nossas reuniões as Notas Taquigráficas em sua íntegra, que serão disponibilizadas aos membros da CPI em meio eletrônico, ficando dispensada a sua leitura em reunião; 7º) Reuniões definidas às quartas-feiras, quinzenalmente, a partir do dia 13 de agosto.

Os trabalhos realizados serão relatados e agrupados em tópicos, conforme o procedimento adotado, em razão da delimitação do objeto desta CPI, a fim de facilitar a sua análise diante da extensa quantidade de documentos que instruem os autos.

7- INFORMAÇÕES GERAIS

SÚMULA DE ATIVIDADES DA CPI

De forma a consignar como foram desenvolvidos os trabalhos da Comissão Parlamentar de Inquérito Das Torcidas Organizadas, foi solicitado a Secretaria da CPI para que apresentasse a súmula das atividades, tal como outras informações relevantes, e que agora fazemos constar deste relatório final.

Desde a criação e instalação desta CPI, a Secretaria tem prestado valioso suporte administrativo aos trabalhos da Comissão, e que ora se faz o registro dos agradecimentos pelo empenho e dedicação de seus membros.

8- RESUMO DAS REUNIÕES E EVENTOS

Evento	Data	Assunto	Depoimentos, Deliberações, outros
Instalação	06/08/2015	Instalação da CPI	CPI Instalada
		Eleição do vice-presidente e relator da CPI	Vereador Conte Lopes, a vice-presidente Vereador Ota como Relator da nossa CPI
1ª Reunião Ordinária	21/08/2015	Deliberativa de Requerimentos	Aprovação de Requerimentos
		Oitiva de 1 Convidado	Comandante do 2º Batalhão de Choque Major Luiz Gonzaga de Oliveira Junior
2ª Reunião Ordinária	09/09/2015	Deliberativa de Requerimentos	Aprovação de Requerimentos
3ª Reunião Ordinária	23/09/2015	Oitiva de Convidados (Não compareceu)	Dr. Mário Sérgio de Oliveira Pinto, da 5ª Delegacia de Polícia de Repressão e Análise aos Delitos de Intolerância Esportiva - DRADE
4ª Reunião Ordinária	07/10/2015	Oitiva de Convidados	Dr. Mário Sérgio de Oliveira Pinto, titular da 5ª Delegacia de Polícia de Repressão e Análise aos Delitos de Intolerância Esportiva - DRADE
		Deliberativa de Requerimentos	Aprovação de Requerimentos
5ª Reunião Ordinária	21/10/2015	Oitiva de Convidados	Sr. Rodrigo de Azevedo Lopes Fonseca, Presidente da Torcida Gaviões da Fiel. Sr. Danilo Zamboni, Presidente da Torcida Independente, Conselheiro sócio-fundador da Torcida Independente e Sr. Jânio Carvalho dos Santos,

			Presidente de Honra da Torcida Mancha Verde.
		Deliberativa de Requerimentos	Aprovação de Requerimentos
6ª Reunião Ordinária	04/11/2015	Oitiva de Convidados	Sr. Atevir Nogueira, Diretor Social da Torcida Pavilhão Nove e Sr. Marcelo Moises Moura Lima, Presidente da torcida TUP, Torcida Uniformizada do Palmeiras
Reunião de Trabalho	18/11/2015	Oitiva de Convidados dispensados da leitura do termo de compromisso. Motivo: Reunião de Trabalho	Sr. Denis de Almeida, Presidente da Torcida Jovem do Santos e Álvaro Sousa, da Torcida Leões da Fabulosa
		Não houve deliberação de requerimentos, pois não fora realizada uma reunião ordinária.	
Reunião de Trabalho	02/12/2015	Oitiva de Convidados dispensados da leitura do termo de compromisso. Motivo: Reunião de Trabalho	Dr. Paulo Sérgio de Castilho, Promotor de Justiça do JECrim
		Não houve deliberação de requerimentos, pois não fora realizada uma reunião ordinária.	

Reunião de Trabalho	02/03/2016	Oitiva de Convidados dispensados da leitura do termo de compromisso. Motivo: Reunião de Trabalho	Dr. Felipe Tavares Paes Lopes, Professor da Universidade de Sorocaba-Uniso.
		Não houve deliberação de requerimentos, pois não fora realizada uma reunião ordinária.	
1ª Reunião Extraordinária	15/03/2016	Deliberativa de Requerimentos	Aprovação de Requerimentos
Reunião de Trabalho	17/03/2016	Saída desta Comissão do Vereador Ota, que era o Relator	
		Oitiva de Convidados dispensados da leitura do termo de compromisso. Motivo: Reunião de Trabalho	Sr. Jânio, representando a Mancha Verde; Atevir Nogueira, representando a Torcida Pavilhão 9; Sr. Fábio Fagundes, representando a Camisa 12; Sr. Denis de Almeida, Torcida Jovem; Sr. Danilo Zamboni, Torcida Independente
		Não houve deliberação de requerimentos, pois não fora realizada uma reunião ordinária.	
Reunião de Trabalho	30/03/2016	Oitiva de Convidados dispensados da leitura do termo de compromisso. Motivo: Reunião de Trabalho	Sr. Lúcio da Silva Blanco, Superintendente de Arrecadação do Sport Club Corinthians Paulista, do Sr. Renato Renatino dos Santos, advogado do São Paulo Futebol Clube e Sr. Leonardo Holanda (representando o Sr. Paulo Nobre)

		Não houve deliberação de requerimentos, pois não fora realizada uma reunião ordinária.	
Reunião de Trabalho	13/04/2016	Oitiva de Convidados dispensados da leitura do termo de compromisso. Motivo: Reunião de Trabalho	Sr. Ricardo Borges Martins, Diretor Executivo do Bom Senso Futebol Clube
		Não houve deliberação de requerimentos, pois não fora realizada uma reunião ordinária	
2ª Reunião Extraordinária	19/04/2016	Eleição do Novo Relator	Vereador Nelo Rodolfo, é o novo relator desta CPI.
		Eleição do Novo vice-presidente	Reeleição do Vereador Conte Lopes, a vice-presidente, só pela questão da mudança partidária.
		Deliberativa de Requerimentos	Aprovação de Requerimentos

Reunião de Trabalho	27/04/2016	Oitiva de Convidados dispensados da leitura do termo de compromisso. Motivo: Reunião de Trabalho	Gilson Pereira de Menezes Comandante Geral – Inspetor de Divisão
		Não houve deliberação de requerimentos, pois não fora realizada uma reunião ordinária.	

9 – REUNIÕES

COMISSÃO PARLAMENTAR DE INQUÉRITO PARA APURAR AS CAUSAS E POSSÍVEIS SOLUÇÕES ACERCA DA VIOLÊNCIA DAS TORCIDAS ORGANIZADAS NO ÂMBITO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

9.1 - REUNIÃO DE INSTALAÇÃO 06 /08/ 2015

Eleito vice-presidente, Conte Lopes diz:

“A semana passada estava assistindo a Globo e vi que estão criando uma delegacia de polícia no Estado. Isso já foi criado quinhentas vezes. O que tem de ser feito é aplicar a lei, Sr. Presidente. A hora que conseguirmos aplicar a lei e fazer com que a lei se aplique, que o policial militar detenha aquele que está cometendo crime, que o policial civil autue em flagrante e o promotor denuncie e o juiz condene está solucionado o problema. Agora, enquanto não se fizer nada disso, obviamente não vamos chegar a lugar nenhum.”

Presidente da CPI, Laércio Benko, respondendo a uma questão de ordem de Conte Lopes, diz que pontos devem ser tratados na CPI:

“Mas eu acho que existem alguns pontos, alguns pilares que nós temos que tratar nesta CPI. Um deles - não vou citar por ordem de importância – um deles, sem dúvida nenhuma, é o relacionamento Polícia Militar torcidas organizadas, porque torcida organizada não gosta de Polícia Militar e Polícia Militar não gosta de estar dentro do estádio de futebol, como babá de torcida uniformizada, porque policial militar tem coisas mais importantes para fazer. Eu, particularmente, essa é uma opinião minha, que vou pedir para que seja colocada em debate aqui, eu acredito que segurança dentro e no entorno do estádio de futebol, como qualquer evento privado, tem que ser de responsabilidade do organizador do evento. Então, não acho correto você disponibilizar policiais militares que ganham muito pouco para isso, que poderiam estar fazendo coisas melhores e mais úteis para si ou para a polícia, para ficar trabalhando dentro e no entorno do estádio de futebol. Então, eu acredito que esse é um dos primeiros temas que nós devemos tratar nesta CPI e o senhor tem total conhecimento do assunto, pode concordar, discordar parcialmente da minha opinião, não sei qual a opinião de V.Exa. mas esse é um dos pilares a ser tratado. Outro pilar a ser tratado é a questão do relacionamento da torcida organizada. Da situação jurídica da torcida organizada ou da formação jurídica da torcida organizada, obviamente, toda torcida organizada é uma associação com CNPJ, mas qual a finalidade da torcida organizada? Ele tem, para mim, um caráter jurídico, eminentemente assessorio, obrigatoriamente assessorio. Ou seja, ela não existe por si só, é uma associação assessoria. Sempre assessora a um clube de futebol. Não posso imaginar torcida independente, se o São Paulo, em algum momento, tanto São Paulo, quanto Corinthians, quanto Palmeiras, quanto Santos, pode, a qualquer momento, se o

conselho, de acordo com seu estatuto se reunir e acabar com o departamento de futebol.

Em todos os estatutos de qualquer clube existe essa possibilidade. Qualquer clube pode ser extinto a qualquer momento, por questões internas ou externas. Imagina se acabar o São Paulo, por exemplo, a independente não teria motivo para existir. Se acabasse o Palmeiras, a Mancha Verde e Tup não teriam motivos para existir. E sem identidades assessorias, tem um principio jurídico que diz assessória segue a sorte do principal. Não posso admitir uma torcida uniformizada existindo sem uma relação jurídica, estabelecida com o clube de futebol. Esse é um tema que essa CPI também tem de tratar e temos de propor medidas para que haja uma regulamentação, para que a torcida tenha uma relação registrada formalmente, com o Clube de futebol, por escrito por meio de um regulamento, por meio de um contrato, ou qualquer outra coisa, porque, afinal de contas se eu quisesse, eu Laércio Benko, Palmeirense fanático, quiser fazer 100 camisas com o nome do Palmeiras, e vender usando a imagem do Palmeiras vou ser processado por pirataria, estou usando uma imagem que não é minha.”

“Quero aqui lembrar a postura corajosa, por exemplo, do Presidente do Cruzeiro Futebol Clube, que depois de uma baderna realizada pela torcida do Cruzeiro, proibiu a torcida do Cruzeiro de utilizar o símbolo do Cruzeiro. “

“Agora imaginamos o seguinte: o Clube Corinthians sabe que existem lá Gaviões da Fiel, Pavilhão Nove, Camisa 12. A presidência do Palmeiras sabe que existe Mancha Verde, Tup, Pork’s, Acadêmicos do Savoia. A Presidência do São Paulo sabe que existe a torcida independente e demais torcidas uniformizadas. A Diretoria dos Santos, sabe que existe a torcida jovem e outras torcidas organizadas. Então se eles sabem, estão pecando no mínimo por omissão. E mais, não são poucos os casos que vemos quando é conveniente para determinada diretoria, usar a força da torcida organizada, colocar a torcida organizada dentro do clube de futebol, até para resolver, ou fazer pressões políticas dentro do clube de futebol e quando dá problema com a torcida uniformizada, eles simplesmente se esquivam, ou seja, quando é útil batem palmas, atrasam, usam para expulsar dirigentes, para valorizar ou vaiar jogadores, para xingar técnicos ou não. Agora, quando acontece algum problema eles não querem saber de nada. Mas não podem se ouvidar disso. Quero saber, por exemplo, nobre Vereador Salomão, se eu sair daqui, por exemplo, usando uma camiseta do Banco Bradesco, dizendo que sou Bradesco e todos falando que sou o Bradesco, e quando chega ao conhecimento do Bradesco, se ele não vai tomar nenhuma atitude. Lógico que vai. “

O SR. SALOMÃO PEREIRA – É lamentável eu determinadas situações, e parablenizo V.Exa. pela iniciativa de criar essa CPI e também parabenizar todos os membros da CPI e dizer que vamos procurar resgatar a União, a unidade dentro dos campos de futebol porque, no passado, eu já fui a campo de futebol assistir jogo. Quando terminava o

jogo mesmo se meu time tinha ganhado ou perdido, a gente saia abraçado e ia tomar uma cerveja ou café, ou almoçar ou jantar. Enfim, a situação era outra. Hoje, quando um time perde, os torcedores partem para cima daquele pessoal que ganhou e é lamentável essa atitude.

Conte Lopes diz algo parecido.

“O SR. PRESIDENTE (Laércio Benko) – No meu entendimento, Vereador, se há um jogo Palmeiras e Corinthians, na Aliança Arena, e existe um confronto nesse dia de torcida da Mancha Verde com a Gaviões da Fiel, em Perus, que fica a 40 km da Aliança Arena, Palmeiras e Corinthians têm de ser responsabilizados pelos danos causados aos bens públicos, aos bens privados porque Palmeiras e Corinthians sabem que existem a Mancha Verde e a Gaviões da Fiel. “

“Esse é o grande desafio desta CPI porque muitas vezes ficamos discutindo em uma CPI ou em qualquer outro assunto em que vai se discutir torcida uniformizada se tem de acabar ou não com a torcida uniformizada. Eu acho esse um discurso muito pobre, muito raso. O que temos, sim, é discutir a natureza jurídica da torcida uniformizada. O que temos de discutir é quem são os responsáveis por toda essa cadeia de relação da torcida organizada. Se a CBF quiser, o Palmeiras não disputa um campeonato. E a responsabilidade dela sobre isso?”

“A Federação Paulista de Futebol regula o campeonato paulista; a CBF, os campeonatos brasileiros e a Copa do Brasil. Então, todo mundo tem de ser responsabilizado nisso e temos de criar uma forma de administrar essa situação sem preconceito contra a torcida uniformizada.”

“Porque existe um clube de futebol que teve um presidente que conseguiu se eleger porque colocou uma torcida para dentro do clube para tirar e expulsar o presidente anterior e estou me referindo ao Corinthians e à Gaviões da Fiel e André Sanches porque eu não tenho papa na língua.”

“Aí tinha um torcedor com a camisa da *Pork's*, uma das torcidas uniformizadas do Palmeiras, com os olhos esbugalhados, no mínimo, ele estava alcoolizado. E quando o Palmeiras fez o terceiro gol, ele simplesmente abaixou as calças, pegou o pênis e chacoalhou o pênis dele na direção da torcida do São Paulo. E eu estava lá ao lado da minha filha e da minha esposa, que me acompanham nos jogos de futebol. E minha filha e minha esposa ficaram aterrorizadas vendo aquela cena.”

“Temos aqui 120 dias, prorrogáveis por mais 120 dias, para tratar desse assunto importante de forma profunda. Ouvir os presidentes das torcidas uniformizadas aqui sem preconceito. Chamar os dirigentes de clubes, diretores de futebol, presidentes de clube, todos eles agem por omissão.”

“Temos aqui 120 dias, prorrogáveis por mais 120 dias, para tratar desse assunto importante de forma profunda. Ouvir os presidentes das torcidas uniformizadas aqui sem preconceito. Chamar os dirigentes de clubes, diretores de futebol, presidentes de clube, todos eles agem por omissão.”

Conte Lopes:

“Agora, vejam a que ponto chegamos - que é bom a CPI entender -, que vem gente, vem outros policiais de outros países, para aprenderem no 2º Batalhão de Choque o trabalho eficiente do 2º Batalhão de Choque. Porque em campo de futebol, aqui em São Paulo, não tem agressões, dificilmente morre alguém, porque a Polícia age de forma correta e tem um treinamento para isso.”

“E fica todo mundo fazendo discurso. O cara vira Promotor, vai ser político, vai ser não sei o que lá, vai para a televisão todo dia, tem espaço.

Mas, na verdade, a gente precisaria não de criar novas leis, mas aplicar as que aí estão.

Essa é a realidade.

Agora, não adianta dizer: “Tire a Polícia Militar e põe empresa privada”. A empresa privada vai lá e, a primeira coisa que faz é ligar 190, porque não tem condições de segurar o pepino depois.”

Alessandro Guedes:

“Recentemente, teve uma ação dessas no Rio Grande do Sul – muito interessante. Começaram a ter iniciativas nesse sentido. Inclusive, o Vereador Alfredinho apresentou um Projeto de Lei nesta Casa, o qual criava esse tipo de espaço. Não sei em que fase do trâmite se encontra, mas é uma iniciativa interessante.”

“Temos que responsabilizar, sim, os clubes e as torcidas, mas, principalmente, temos que responsabilizar o indivíduo, porque a pessoa que puxou o gatilho de um revólver tem nome, tem R.G. e endereço; a pessoa que deu a paulada na cabeça do outro tem nome, R.G. e endereço; a pessoa que ficou nua na frente da sua família tem nome, R.G. e endereço.”

Laércio Benko: Com certeza. E para que não fiquemos sem nenhuma deliberação, eu proponho aqui, peço que depois se faça por escrito para a gente assinar, se aprovado for, colocar em votação o convite para o Comandante do 2º Batalhão da Polícia Militar para que venha...

9.2 - TIPO DA REUNIÃO: ORDINÁRIA 12/08/ 2015

Ouviremos hoje o Comandante do 2º Batalhão de Choque Major Luiz Gonzaga de Oliveira Junior,

“Na verdade, o 2º Batalhão de Polícia de Choque é o responsável pelo policiamento em eventos artísticos, esportivos e culturais na cidade de São Paulo e, quando necessário, no restante do Estado.”

“O 2º Batalhão de Choque faz policiamento em campos de futebol e em estádios desde 1937. O primeiro policiamento que o 2º Batalhão de Choque fez foi no Parque Antártica em 1937. Desde então, a responsabilidade é desse batalhão.”

No 2º Batalhão de Choque, nós possuímos cursos de policiamento em praças esportivas, destinados a policiais militares do Brasil inteiro e até mesmo a policiais de outros países. Neste exato momento está ocorrendo um curso de policiamento de praças esportivas lá; inclusive tem dois oficiais do Senado Federal fazendo curso lá com a gente, além de oficiais de outros Estados: Rio Grande do Norte, Alagoas, Sergipe e policiais do Estado de São Paulo.

O SR. PRESIDENTE (Conte Lopes) – Major Gonzaga, houve uma colocação aqui a respeito de substituir a Polícia Militar por firmas de segurança. Qual a opinião de V.Sa. a respeito disso?

O SR. LUIZ GONZAGA DE OLIVEIRA JÚNIOR – Eu acho que hoje, na atual circunstância, vislumbro isso como totalmente impossível. Hoje nós temos o problema de torcedores organizados. Eles mal respeitam o policial fardado, quanto mais o agente de segurança, ou seja lá quem for.

“Nas novas arenas hoje, tanto do Corinthians como do Palmeiras, existe um número maior, realmente, de orientadores e de alguns assistentes de segurança. Esses assistentes de segurança são fiscalizados pela Polícia Federal, eles têm curso de eventos realmente. Porém, é difícil para eles porque não existe poder de polícia; eles não conseguem o respeito do torcedor organizado, que, como eu disse, mal respeitam o policial fardado. Então, a gente tem alguns tipos de ocorrências em estádios hoje em dia com esses orientadores de público e esses seguranças, que por vezes são agredidos e não conseguem realmente colocar ordem em algumas situações. E não só o torcedor organizado: o torcedor comum também não os respeita e por vezes também os agride.”

“O torcedor está lá envolvido com vários fatores psicológicos, que são fatores psicológicos de multidão; e quando ele está nessa multidão, ele se altera realmente, ele se transforma. Isso é fato. Isso não ocorre só no estádio, isso ocorre também em manifestações públicas. Isso é um fator interessante, realmente a pessoa muda dentro

de um estádio de futebol em virtude da paixão, em virtude de rivalidade com outro time e assim por diante. A gente tem que entender, além do problema de torcida organizada, o torcedor comum também costuma causar algum tipo de problema. O futebol é uma paixão.”

“E tem alguns fatos que extrapolam os campos de futebol, como o próprio fato do Pavilhão 9, onde foram mortos aqueles torcedores lá dentro e outros fatos envolvendo tráfico de drogas e assim por diante, que extrapolam a parte de estádio de futebol e futebol.”

O SR. LUIZ GONZAGA DE OLIVEIRA JÚNIOR – É mais ou menos isso. Hoje em dia, em grandes clássicos, nós temos o Jecrim, que participa desses eventos. Como a maioria dos casos em estádios de futebol são crimes de menor potencial ofensivo, então eles já são julgados ali no momento. Porém, essa pena geralmente é transformada em serviço comunitário ou alguma coisa parecida. Ela não surte tanto efeito. Por quê? Além da proibição do cidadão, de ficar participando, de assistir aos jogos, ele tem que cumprir essa pena durante o horário dos jogos. Porém, tem Central de Penas do Tribunal de Justiça determina algumas entidades a que a pessoa tem que se apresentar nesses horários de jogos e que, infelizmente, não surte efeito porque jogos de futebol geralmente são de quarta-feira às 10 horas da noite ou no domingo, e essas instituições não estão funcionando nesses horários – de quarta-feira nem no domingo. Então, isso aí é um complicador.

As penas existem, mas elas são ínfimas. No Brasil é assim, as penas não surtem efeitos porque ninguém fica preso. Então para o torcedor é a mesma coisa, não muda nada, então eles continuam frequentando o estádio de futebol. A gente pode ver que aquele pessoal que foi preso em Oruro, na Bolívia, todos eles cometeram crimes novamente, um deles inclusive já morreu. Todos voltaram a cometer crimes novamente porque a pena aqui realmente não surte efeito.

“Seja qual for o campeonato, essa reunião preparatória existe e é feita no 2º Batalhão de Choque. Inclusive, é por força da lei que está no Estatuto do Torcedor essa reunião preparatória. Seria de competência do organizador, mas nós avocamos, a Polícia Militar avocou essa reunião porque depois a responsabilidade recai toda sobre a PM. Então, a gente começa as nossas medidas preventivas já nessa reunião, e tratando com outros órgãos que realmente têm envolvimento e até responsabilidade. Para ajudar preventivamente, todos esses órgãos têm que ser envolvidos, inclusive com a participação das torcidas também, de representantes das torcidas organizadas. Nisso, são tratadas as metas que nós vislumbramos para que o evento transcorra na maior tranquilidade.”

“Hoje em dia eu posso dizer que dentro do estádio de futebol a situação é até um pouco mais tranquila. Realmente, nós conseguimos ter o respeito das torcidas, porque nós fazemos algumas punições administrativas com eles.”

“Como o senhor mesmo disse, o torcedor na multidão se transforma realmente, e um jogo pode ser um jogo tranquilo, com uma torcida só; porém, se acontece alguma coisa dentro de campo, a coisa já pode mudar, e essa multidão pode ficar enfurecida com alguma coisa que aconteceu no interior do gramado, e vira um problema. Eu cito sempre o exemplo aqui do Corinthians e River Plate, em que a torcida do Corinthians se revoltou e tentou invadir o campo de jogo, e foi um grande problema para nós ali.”

“Inclusive entre as próprias torcidas organizadas existem rivalidades, existem rixas, existem brigas entre eles. A tudo isso, a gente tem que ficar atento, a gente tem que conhecer rivalidades entre torcidas de outros Estados inclusive, porque o problema de torcida organizada não é só aqui em São Paulo, tem no Brasil inteiro, e as torcidas de outros Estados vêm para cá também. Geralmente elas são aliadas a alguma outra torcida daqui de São Paulo e são inimigas de algum outro time. Então, a gente tem que ter conhecimento disso, tem que ter essas informações para que a prevenção seja a maior possível. Porém, como eu estava falando, dentro dos estádios hoje é tranquilo. Hoje o problema acontece muito nas periferias, até longe dos estádios, em horários distantes dos jogos. Aconteceu um fato na Inajar de Souza certa vez, que era um jogo entre Corinthians e Palmeiras, em que torcedores foram mortos às 10 horas da manhã, e o jogo era às 4 horas da tarde. E a Inajar de Souza é distante do estádio uns 6, 7 quilômetros. Então, isso tudo envolve esses torcedores organizados.”

Respondendo a uma pergunta do vereador Cabrabom, o major diz:

O SR. LUIZ GONZAGA DE OLIVEIRA JÚNIOR – Como eu já disse aqui, na verdade, para melhorar a situação de um estádio de futebol, que a lei fosse aplicada e que os maus torcedores fossem punidos. Essa é a única forma de inibir alguma situação de violência. É a aplicação da lei, é o torcedor achar que a impunidade impera. Isso aí, ele acha mesmo. Além de estar no meio da multidão, ele se prevalece do anonimato de uma multidão; então, ele comete alguns atos criminosos e ele tem certeza da impunidade. Eu só acredito que é a aplicação da lei, ou uma lei mais forte, mais pesada. Isso, sim, inibiria o crime. É a única forma que eu vejo, que eu enxergo no momento. Não vejo elitizar o futebol. Não é o caso, porque o futebol a gente vê que é a paixão nacional, e elitizar o futebol, colocar ingresso mais caro, isso aí não vai mudar nada.

“Tem uma outra situação que é: vamos extinguir as torcidas organizadas. Tá bom. Vão extinguir como instituição? Mas eles vão estar lá do mesmo jeito, organizados e juntos do mesmo jeito. A gente não consegue separá-los. A gente impede, certas vezes, as indumentárias deles, as camisas das torcidas, as faixas, mas nós sabemos que eles

estão lá todos juntos, todos no mesmo lugar e a gente não consegue terminar com isso. Então, eu acredito que seria uma aplicação de uma lei dura, realmente a punição deles, e com o tempo isso aí melhoraria. “

O SR. LUIZ GONZAGA DE OLIVEIRA JÚNIOR – Realmente, algumas pessoas são bem intencionadas, eles tentam controlar as suas torcidas. Algumas torcidas até menores, elas são bem administradas pelos seus presidentes, e tal. Algumas outras torcidas, em virtude de um grande número de pessoas, fica realmente complicado. E tem um fator que eu sempre cito até para eles. Nós nos reunimos, fazemos a reunião no Batalhão de Choque em uma situação confortável, em uma situação tranquila, em um dia semana, em que todos talvez tenham seus trabalhos e estão lá tranquilamente sentados conversando. Na hora do jogo, geralmente essas pessoas que são os responsáveis por controlar suas torcidas estão embriagadas, estão emocionalmente alteradas, e nós não conseguimos conversar para cumprir os acordos que nós fizemos alguns dias atrás durante uma reunião. Geralmente, eles não têm condições físicas – vamos dizer assim – de cumprir, de nos atender porque já estão embriagados ou outras coisas mais.

“Uma certeza eu tenho, hoje existe um clube que está tentando de todas as formas tolher a torcida uniformizada deles, que é o Palmeiras. É o único clube que vemos que ele faz ações para não beneficiar de forma alguma a torcida organizada. Agora, quanto aos outros terem envolvimento eu não posso dizer isso porque não sei, não tenho certeza, não consigo identificar. Agora, consigo identificar sim um que não dá privilégio para a torcida, que é o Palmeiras. Isso é a única coisa que dá para afirmar.”

O SR. RODOLFO DESPACHANTE – Major, V.Sa afirmou para nós agora há pouco, que antes de um jogo importante, uma semana antes vocês se reúnem para programar o jogo. Qual a orientação que esses policiais têm a respeito dos baderneiros, até por que o policial também é ser humano, também torce para algum time. Tem alguma orientação, tipo desce a borracha ou coisa parecida?

R – O nosso policial é especializado em fazer estádio de futebol, ele está acostumado a tratar com multidão e ele está lá, num primeiro momento, no estádio preventivamente, para evitar qualquer coisa de irregular. Ele está ali, num primeiro momento, para orientar o torcedor. Ele está ali para evitar que aconteça algum tipo de crime, algum tipo de transgressão. Nós temos que entender o seguinte: quando há algum fato dentro do estádio nós temos que entender que nós temos uma multidão confinada num local, que é o estádio de futebol, nós não utilizamos arma de fogo de forma alguma, apesar de sermos um batalhão de choque, também não utilizamos armas não letais e armas químicas, munição química, munição explosiva de forma alguma dentro do estádio, porque nós temos uma multidão confinada dentro do local. Ali nós temos que resolver as coisas, às vezes, no braço. Para tentar conter um torcedor violento nós temos que usar a força necessária para cessar essa violência. E no caso, o nosso policial é treinado com situações de defesa pessoal, de imobilização e

é o que ele utiliza. Nós não utilizamos nenhum tipo de armamento dentro do estádio de futebol. Fora do estádio, nós temos ali à nossa disposição, e quando necessário, na parte externa do estádio nós utilizamos. Mas dentro do estádio, dentro das arquibancadas de forma alguma. Então tem que ser técnica de defesa pessoal mesmo, imobilização e esse tipo de coisa. Agora, descer a borracha não é bem assim.

O SR. PRESIDENTE (Conte Lopes) – Major Gonzaga, a gente percebe que dentro e fora do estádio as decisões do 2º Batalhão de Choque é aceito pela Justiça, pelo Ministério Público, pela Polícia Civil e pelos clubes de futebol, pela experiência que o 2º Batalhão de Choque tem nesse ramo. Tanto é que agora, na semana que vem, tem um jogo de futebol entre Corinthians e Santos, seria na Vila Belmiro, o Santos queria trazer o jogo para jogar no Pacaembu, mas, me parece, tem um outro jogo aqui, entre Palmeiras, São Paulo, e o 2º Batalhão de Choque tomou a decisão para que o jogo não venha para cá. Quer dizer, o 2º Batalhão de Choque tem até esse poder de influenciar. Qual motivo seria do jogo não poder em São Paulo, ter que ser lá, não poder ter dois jogos ao mesmo tempo. Para controlar as torcidas fora do estádio, seria isso?

R - Exatamente. Para evitar o encontro de torcidas na cidade, nos meios de transporte, nos itinerários. Um jogo, mesmo que seja em horários distintos, mas em horários próximos, uma torcida estaria indo para o estádio, outra estaria saindo, utilizando meios de transporte, utilizando as vias mesmo e isso, com certeza, iria causar um problema. No caso, Santos e Corinthians, são duas torcidas grandes que estariam circulando na Cidade, que já é um problema, aliado a um jogo do Palmeiras, que tem a proximidade do Pacaembu com o Allianz Parque, os meios de transporte são os mesmos, geralmente o metrô. Então isso aí causaria um transtorno imenso para a Cidade. Nós não conseguimos prever e nem prevenir um encontro de torcidas dessas dentro do metrô, dentro dos ônibus e mesmo nas vias públicas.

R – Com certeza. Nós tentamos evitar ao máximo que se façam dois jogos envolvendo duas torcidas grandes em mesmos horários em São Paulo e até mesmo um clássico e um outro jogo qualquer que seja envolvendo um outra torcida grande. Os quatro grandes, no caso aí, São Paulo, Palmeiras, Santos e Corinthians. Mas até mesmo temos problemas com torcidas do interior. Ponte Preta, torcida do Guarani, são sempre causadoras de algum tipo de problema. E de outros estados também. Então temos que sempre estar atentos a isso e não podemos nos omitir quanto a isso. Então a gente dá opinião sim, colocamos a nossa opinião, informamos federação, CBF, seja lá quem for a organizadora do evento para que não ocorra isso na Cidade.

R – O senhor citou bem, na Inglaterra mudou-se a lei, punição pesada. Hoje o cidadão está em dois, três juntos, eles já se transformam psicologicamente, como eu falei, é um fator psicológico de multidão e além do sentimento de impunidade, ele acha que tem o direito de agredir, de matar o outro torcedor sim, principalmente quando eles estão em maior número ou até em grupos maiores. Como eu falei, o sentido de não

serem reconhecidos, de não serem identificados no meio da multidão, isso é um fator psicológico de multidão e eles se aproveitam disso, aliado ao fato de ter certeza da impunidade. Então acontece isso mesmo. E aí a paixão pelo futebol, a paixão pelo seu time, enfim, são algumas coisas assim, aliadas, às vezes, ao consumo de bebida alcoólica, de entorpecente. Aí também a pessoa já perde a noção da realidade. Então temos esses casos também. Hoje em dia, em alguns setores de um estádio de futebol, setores que são até mais caros, se vê pouco, mas se vê torcedores de times antagônicos juntos, mas é um fator de atenção para nós, porque a qualquer momento eles podem se engalfinharem, eles discutem, eles às vezes se pegam no estádio sim, mas existe isso sim. Teve pouco tempo atrás um Grenal no Rio Grande do Sul no qual o Internacional de Porto Alegre incentivou torcedores a ficarem no mesmo setor, foi só um setor específico daquele estádio, que fique bem claro isso, foi um setor específico, um setor que era relativamente caro o ingresso, e eram só sócios do clube que compraram esse tipo de ingresso e que tinha direito a levar um outro torcedor do outro time. E foi realmente um sucesso, não teve problema algum, mas que fique bem claro que era um setor pequeno do estádio, um setor que era muito caro. Então não houve realmente problema. Mas hoje em dia, setores dos estádios que nós trabalhamos existe uma pequena mistura, mas sempre é um fator de atenção para nós. Nós sempre temos que manter alguns policiais atentos ali porque a qualquer momento eles saem na mão mesmo e não tem jeito.

P – Praticada pela entidade ou por membros?

R – Pela entidade. Já foram pegas várias ocorrências dentro das sedes das torcidas. Torcida do Palmeiras, do São Paulo, do Corinthians, enfim. Já foram pegos caminhões carregado com droga dentro da torcida do Palmeiras, caminhões carregado com drogas dentro da Gaviões da Fiel, isso aí é fato, é público e notório, não estou aqui inventando nada. Porém eu não sei a fundo a investigação porque não faz parte, não compete a mim, a Polícia Civil que tem essas investigações, eu não tenho.

O SR. PRESIDENTE (Conte Lopes) – Majora Gonzaga, nós estamos terminando o depoimento por causa do seu horário, mas eu gostaria que o senhor explicasse uma coisinha que até nos 24 anos como Deputado houve muito debate na Assembleia, só em São Paulo é que não tem as bandeiras, o uso de bandeiras por torcidas, eu explicasse para essa Comissão, até para que ficasse nos anais da Câmara o motivo do 2º Batalhão de Choque achar bom ou não achar bom as torcidas cada uma portar sua bandeira.

R – Na verdade é por força de lei. Existe uma lei estadual que proíbe esse tipo de material dentro do estádio.

P – Já quiseram mudar a lei, por isso que estou perguntando. Já ouvi debates sobre isso.

R – Mas é uma legislação. E outra coisa, isso aí ajudou muito também porque esses instrumentos eram utilizados contra outros torcedores e até contra a PM mesmo. E aí eles ficavam numa vantagem enorme, porque eram bambus de três metros de comprimento e eles utilizavam sempre contra outros torcedores e contra a Polícia Militar e a partir daí nós diríamos que os embates ficaram mais ou menos equilibrados. Quando eles resolvem querer causar algum problema, eles estão sem algum tipo de arma. Nos estádios a gente evita qualquer tipo de material que possa ser utilizado como arma, como corrimão e outras coisas mais, que nós fazemos vistoria nos estádios e tomamos o cuidado para que não haja desse tipo de coisa que pode ser utilizado como arma contra outro torcedor ou contra nós mesmos.

P – Major, inclusive o Presidente efetivo da Comissão chegou a referir que foi com a esposa e com a filha num jogo de futebol do Palmeiras e alguém tirou o pênis para fora na frente da família dele. Eu queria fazer a pergunta: isso aí é controlado pelas câmeras, a polícia toma atitude?

R – Sim. Desde que seja indicado ou constatado sim. Hoje o monitoramento nos estádios está muito bom, todos os três estádios que hoje estão em pleno funcionamento, Morumbi, Palmeiras e Corinthians tem um sistema de monitoramento muito bom. Nós temos um policial militar que fica junto com o operador dessas câmeras que assim que acontece alguma coisa estranha nos estádios as câmeras já estão direcionadas para esse local e, com certeza, se for constatado uma situação dessa a Polícia Militar toma atitude sim.

P – Inclusive o uso de drogas é comum?

R – Boa pergunta. É assim, hoje nós sabemos que o uso de entorpecentes no meio da torcida principalmente, no interior da torcida organizada principalmente existe e a Polícia Militar tem que tomar muito cuidado numa situação dessas. Por quê? Geralmente é no meio da torcida, eles são um grupo aglomerado e para que a gente adentre no meio dessa torcida nós temos que avaliar o risco de tudo isso, o que vale a pena ou não. Se nós colocarmos lá dez policiais militares no meio de uma torcida organizada, no meio de uma arquibancada o que pode causar isso. Se vai causar um problema no estádio inteiro, se vai causar um problema para o policial militar. Enfim, isso é uma coisa que a gente tem sempre que avaliar dentro do estádio para não causar um mal maior. Porém, a gente concita os próprios torcedores, os próprios dirigentes das torcidas que inibam isso aí e assim que constatamos isso, principalmente através de imagens, nós punimos administrativamente, como falei, é uma punição administrativa, tanto da Polícia Militar, como da Federação Paulista, que nós temos um acerto com eles, e nós punimos a torcida. Por vezes, como falei, nós temos que pensar, vamos fazer um flagrante de posse de entorpecentes no meio da torcida e causar um tumulto no estádio inteiro, ou a gente posteriormente identifica o cidadão e talvez até promova uma ação penal contra ele? Acho difícil, mas pode até

acontecer, mas punimos administrativamente a torcida. Isso aí temos que avaliar mesmo porque é sempre perigoso o policial militar entrar no meio de uma torcida organizada, no meio da arquibancada. Nós só fazemos essa situação quando é realmente avaliação necessária, que vai ter que fazer mesmo porque vai causar um mal maior. Então a gente tem que avaliar isso aí.

P – Comandante, só para encerrar, o número de componentes dessa torcida, a Polícia Militar tem ideia, mais ou menos, da Camisa 12, Gaviões e outras?

R – Sim, sim. Existe um cadastro oficial que está tanto na Federação Paulista quanto na Polícia Militar. O mesmo cadastro que eles apresentam na Federação Paulista nós temos também. Lógico, isso aí não é assim totalmente 100% certo, porque existe alguma deficiência na confecção desse cadastro. Anos atrás foi utilizada inclusive a sede do 2º Batalhão de Polícia de Choque para ser feito esse cadastramento, os torcedores apareciam lá, a Federação estava lá e fazia esse cadastro. Hoje existe a conferência da carteirinha de torcida organizada para o torcedor entrar no setor de torcida organizada. Existe uma conferência de carteirinha porque o torcedor da organizada tem que estar cadastrado na Federação, ele possui uma carteirinha a gente fiscaliza isso junto com a Federação. A Federação fiscaliza e nós apoiamos. Porém, existe muito torcedor que usar a camisa da torcida organizada e não está cadastrada nela, na verdade nem pertence e às vezes causa algum tipo de confusão portando a camisa, mas quando ele é detido a gente vai procurar no cadastro e ele não está cadastrado lá. Então a gente não consegue vinculá-lo à torcida e punir a torcida também. Mas existe um cadastro sim.

9.3 - TIPO DA REUNIÃO: ORDINÁRIA 09/09/2015

Apenas deliberação (votação de requerimentos)

9.4 - TIPO DA REUNIÃO: ORDINÁRIA 23/09/2015

Queremos informar que, infelizmente, o Dr. Mário Sérgio de Oliveira Pinto, da 5ª Delegacia de Polícia de Repressão e Análise aos Delitos de Intolerância Esportiva, DRADE, que havia sido convidado para participar, não compareceu.

TIPO DA REUNIÃO: ORDINÁRIA.

LOCAL: Câmara Municipal de São Paulo

DATA: 07/10/2015

Anuncio a presença do nosso convidado do dia de hoje, Dr. Mário Sérgio de Oliveira Pinto, titular da 5ª Delegacia de Polícia de Repressão e Análise aos Delitos de Intolerância Esportiva, DRADE. Peço que o senhor faça a leitura do termo de compromisso.

O SR. MÁRIO SÉRGIO DE OLIVEIRA PINTO – Pois não, Excelência. A nossa Delegacia é uma Delegacia de Polícia de Repressão e Análise aos Delitos de Intolerância Esportiva. Ela foi criada em 9 de abril de 2014, às vésperas da Copa do Mundo.

Onde são cumpridas as penas alternativas:

Atualmente, isso é feito no IML, Instituto Médico Legal; no Corpo de Bombeiros e, também, no Batalhão de Choque, mas o foco é no Corpo de Bombeiros e no IML, onde eles podem exercer algumas atividades, como serviços gerais, administrativos, ou, até mesmo, participarem de cursos, como no caso dos Bombeiros, curso de Brigadista.

Quando o apenado falta, juiz toma providências:

O Juiz, quando recebe essa falta, intima o faltoso a se apresentar em Juízo e justificar a sua ausência. Se for um caso justificado, ele manda a pessoa se reapresentar na unidade; em caso injustificado, ele entende como rompido o acordo da transação e dá prosseguimento à ação penal. Em casos reiterados, pode até decretar a prisão preventiva.

Quantas pessoas cumprem penas alternativas:

44, segundo o delegado, apenas resultado de crimes de pequeno potencial ofensivo cometidos nos estádios em 2015.

A identificação vai levar em conta a gravidade do crime e a quantidade de provas que podem ser colhidas no local. A nossa estatística mostra que os crimes menores são solucionados dentro de uma semana. A formalização pode levar um pouco mais porque, como não há um Termo Circunstanciado lavrado com a presença dos autores, o processo penal determina a instauração do Inquérito, a notificação para que essas pessoas se apresentem em cartório – isso pode levar um mês ou dois -, então, a conclusão desse Inquérito Policial, muitas vezes, com necessidade de realização de perícia – o que pode estender um pouco mais -, mas, assim que esse processo chega ao Poder Judiciário é, então, instaurado um processo penal e, em poucos meses, por ser de rito sumaríssimo, o Juizado Especial já tem um rito mais simplificado para ser mais célere, então, poucos meses após a identificação do criminoso, o processo é instaurado.

Então, independente do resultado desse processo, a cautelar já é cumprida de imediato. Nos crimes mais severos, Exa., nos casos de homicídio, o rito é muito mais complexo, nos casos de Júri. Nós temos casos de crimes que foram esclarecidos no dia seguinte, isso na sua prática, e outros que levaram meses até a coleta de provas, oitiva de testemunhas, mas, invariavelmente, essas pessoas são afastadas, ou de imediato ou em algum momento do processo ou finalmente quando são condenadas.

Nós temos aqui: São Paulo Futebol Clube, neste ano, nenhuma detenção; no caso do Esporte Clube Corinthians Paulista, 29; Santos Futebol Clube, dois; Sociedade Esportiva Palmeiras, 13. Esses são autores de crime de menor potencial ofensivo. Há crimes de maior potencial ofensivo, torcedores, também, obviamente, do São Paulo, Corinthians, Santos e Palmeiras, investigados pela prática de outros crimes mais graves e, também, réus em processos advindos de outras Comarcas e do próprio Juizado Criminal. Então, eu reforço que esses números são apenas dos TCs que nós lavramos na Delegacia Móvel no interior dos estádios.

O Estatuto do Torcedor, que a lei com a qual nós mais trabalhamos no estádio, prevê no seu artigo 41-B, que é a provocação de tumulto e atos de violência, não só esses atos de violência praticados no interior da arena, mas num raio de 5 mil metros da arena, ou seja, num raio de 5 quilômetros a partir do estádio, e nos deslocamentos de ida e de volta para o estádio.

Então, aconteceu um caso no ano passado, de uma briga na Marginal, e o jogo era no Pacaembu. Então, muito mais longe do que esses 5 quilômetros. E esse deslocamento iniciou-se em Hortolândia.

Então, nós estamos investigando e indiciando essas pessoas que participaram desse ato de violência, que portavam rojões, pedaços de pau e barras de ferro, já praticando crimes e agressões no deslocamento do interior para cá. O Tribunal alcança esses casos. No caso das brigas ocorridas muito mais distante do estádio, em geral, elas são registradas pela Delegacia da área e remetidas a nós para que instauremos o Inquérito Policial, caso não sejam detidas na hora. Daí, sim, é lavrado um Termo Circunstanciado, encaminhado ao Fórum pelas vias normais.

Eu tenho a ideia de que nós não podemos criminalizar a torcida enquanto agremiação. Mas, sendo um grupo de pessoas, de cidadãos, há em seu seio, naturalmente, pessoas de má índole.

E, nos casos das torcidas grandes, com 10, 12 e 15 mil integrantes, nós podemos destacar o que classificamos como lideranças informais.

Elas não se confundem com as lideranças formais, como as diretorias, muitas vezes, por votação, eleição. Mas são grupos que conseguem um respeito de alguns integrantes, justamente, por prática de atos criminosos, em especial, atos de violência. São pessoas que querem praticar delitos e utilizam a cobertura da torcida organizada para tanto. Em alguns casos, Exa., a gente percebe a ausência do Estado nesses locais. E, havendo ausência do Estado, há um terreno fértil para prática criminosa. Então se não há uma fiscalização efetiva por parte do Estado como um todo, pessoas que querem praticar delitos utilizam o manto da torcida organizada para fazê-lo. Então, muitas vezes, nas reuniões e nas quadras da torcida, se não há um efetivo controle das pessoas que ali estão, no estádio, das pessoas que adentram o estádio, percebemos

que, por exemplo, pessoas que têm interesse em realizar tráfico de drogas, ou aliciamento para prática de outros delitos, utilizam essa massa, esse espaço, para fazê-lo. Então não temos como atribuir o crime à agremiação, mas, sim, a certas pessoas que se utilizam da agremiação como cobertura.

Sim, Exa., nós temos umas equipes que cuidam da análise das estatísticas dos casos e realizam trabalhos de inteligência. Então nós monitoramos as redes sociais e os bancos de dados, dentre outras ferramentas que utilizamos, como informações, e especialmente o trabalho de campo, entrevistando as pessoas que nós temos conhecimento, participando dos eventos. Temos, por exemplo, policiais que vão a campo para coletar essas informações e elas coincidem com isso que eu falei, sobre a presença de pessoas dentro da torcida organizada para a prática de crimes e que se escondem através da proteção que a agremiação lhes fornece.

R – Sim, Exa., nós detectamos que, na maioria dos casos, a participação se dá por uma explosão emocional, causada por uma série de fatores sociais.

A grande maioria das pessoas que são detidas por brigas de torcida, não possuem registros criminais antecedentes. São pessoas, muitas vezes, trabalhadoras, e que nunca se envolveram em ocorrência criminal. Mas há uma necessidade de buscar um reconhecimento naquele grupo do qual ela faz parte, de se mostrar mais forte, mostrar que ela também pode brigar e, aí, literalmente brigar pela agremiação, faz com que ela seja mais suscetível a essa explosão emocional e participe de um confronto.

Nós percebemos que nesses confrontos há sempre uma escalada de violência. A violência ocorre de uma forma progressiva: começa com uma discussão, alguém mais exaltado atira uma pedra, já vem outro com uma barra de ferro. Então sempre alguém querendo mostrar que ele é mais forte nesse grupo e acaba praticando um ato totalmente impensado.

Esses casos, Exa., muitas vezes, são concluídos com um homicídio. Dessa briga, muitas vezes, sai uma pessoa fatalmente ferida. E, quando nós chegamos à autoria desses homicídios, na grande maioria dos casos, essas pessoas que praticaram o homicídio não queriam esse resultado. Aliás, muitas vezes, nem previam esse resultado.

A lei diz que deveriam prever naturalmente, porque, muitas vezes, atacaram a pessoa com uma barra de ferro na altura da cabeça e havia ou não intenção de matar, mas, pelo menos, deveria entender que poderia matá-la. Mas, em quase todos os casos, eles não queriam esse resultado. E ele foi produzido por um descontrole emocional que tem uma origem social, baseado na própria educação do cidadão. Ele já é educado dessa forma. Ele coloca o torcedor rival como um inimigo. Muitas vezes, ele tem um problema no seu emprego, ou quando tem emprego tem problemas no bairro em que mora, então a chance dele se tornar vencedor, quando ele não vence em outros

aspectos de sua vida particular, está na torcida. E aí ele coloca a torcida acima de tudo, acima da própria vida e da própria liberdade.

O SR. MÁRIO SÉRGIO DE OLIVEIRA PINTO – Sim, Exa., infelizmente. Como nós vemos em alguns países da Europa, as torcidas não são misturadas no estádio porque a simples presença de um torcedor “rival” poderia desencadear um ataque. Em geral, esse ataque começa com ofensas e provocações. Mas, dependendo da composição do grupo opositor, esse ataque pode imediatamente partir para uma agressão física. Então, um torcedor com uma camisa do Corinthians, se passar por um torcedor palmeirense, pode receber uma provocação; muitas vezes, é uma brincadeira, mas se houver um grupo de palmeirenses e, dentre eles, exaltados, pode haver sim uma agressão física. A utilização de camisas de clube não se mostra tão perigosa quanto a utilização de camisas de torcidas organizadas, porque a rivalidade entre os times fica em segundo plano quando se trata de rivalidade entre agremiações. Então, o indivíduo com uma blusa da Mancha Alviverde, se encontra indivíduos da Torcida Jovem do Santos, por exemplo, como aconteceu este ano, quando um rapaz foi morto, com golpes de barra de ferro no crânio por 10 torcedores santistas, que estão presos. Entrevistados durante o inquérito, eu lhes perguntei o motivo do crime: “Porque era da Mancha”, eles responderam. Eles não queriam esse resultado, não queriam matá-lo, mas acabaram matando o rapaz, porque acaba havendo a vingança da vingança. Um grupo de santistas, certa vez, foi atacado por um grupo da Mancha, então a rivalidade entre as agremiações é muito mais evidente do que a rivalidade entre os times.

O SR. MÁRIO SÉRGIO DE OLIVEIRA PINTO – Sim, Exa. Isso ficou bem evidente nos últimos anos. Houve o incremento do aparato de segurança dentro dos estádios, o trabalho realizado pela Polícia Militar é excelente e não permite que isso ocorra no estádio, a não ser em algumas exceções. Nós visualizamos, algumas vezes, brigas no seio da própria torcida, por uma desavença, às vezes, até motivada por uma razão externa; em alguns casos, briga por espaço para a colocação de faixas e bandeiras, não necessariamente um caso de intolerância entre torcidas. Esses casos, ainda assim, são bastante raros, porque a intervenção da Polícia Militar e da segurança privada das arenas é bastante rápida. Essas pessoas são detidas e apresentadas no tribunal, e já recebem a sua medida cautelar. Mas sabedores desse aparato de segurança, inclusive no entorno do estádio, as pessoas que têm a intenção de praticar atos de violência, já planejam fazê-lo fora do estádio, muitas vezes em áreas opostas da Capital. Nós temos casos de emboscadas premeditadas, ou seja, a torcida que quer atacar – não digo torcida, mas integrantes de torcidas –, que querem praticar atos de violência, preparados para emboscar rivais de uma outra torcida. Sabedores de que eles se reúnem em determinado estabelecimento comercial, ou em determinada praça, para dali irem ao clube, ou praticar alguma atividade, então eles já realizam uma emboscada longe, porque nesses locais naturalmente não haverá aquele aparato de

polícia de choque que há no estádio. E há casos, como esse que reportei do rapaz torcedor da Mancha que foi morto, em que há um mero acaso: um grupo de torcedores descontentes que decidem então rondar uma estação de metrô porque – nas próprias palavras de um dos autores do crime – “Vai que aparece alguém da Mancha”, então apareceu um, e essa vítima foi então escolhida aleatoriamente. Isso ocorre, Exa., que tem toda a razão. Os atos de violência, especialmente os mais graves, ocorrem fora do estádio e, muitas vezes, em dias em que nem há jogo.

O SR. MÁRIO SÉRGIO DE OLIVEIRA PINTO – A não ser que ele tenha praticado um crime de maior potencial ofensivo. Nós tivemos um caso recentemente de uma agressão dentro do metrô; e, após a agressão, as pessoas agredidas tiveram os seus pertences subtraídos. Então, eu classifiquei a conduta como roubo e indiquei os autores por roubo, Artigo 157, um crime de maior potencial ofensivo. Se fossem detidos no ato, seriam presos em flagrantes. A posse de materiais aptos a realização de atos de violência, como paus, pedras e barras de ferro, é classificada no Artigo 41-B como crime de menor potencial ofensivo. Por isso, não se impõe a eles prisão em flagrante delito, mas é lavrado um termo circunstanciado. O efeito imediato é o mesmo, porque, apesar de não haver a efetiva transformação de detenção em prisão preventiva, a aplicação da medida cautelar é feita de imediato, então, sim, é lavrado um termo circunstanciado nos casos dos detidos por esses atos. Se maior potencial ofensivo, por exemplo, posse de explosivos, bombas caseiras, há um enquadramento em leis mais severas e essas pessoas ficam presas.

O SR. MÁRIO SÉRGIO DE OLIVEIRA PINTO – Excelência, nós tivemos uma experiência relativa na Copa do Mundo, com a presença de segurança privada no interior das arenas, que foram denominados *stewards*. Na minha modesta opinião, a retirada da polícia do estádio só vai fazer piorar a situação, porque infelizmente há necessidade de um aparato incrementado de polícia para mostrar que os atos de violência no estádio não ficam impunes. Na Copa do Mundo, nós tivemos uma porção de casos de briga de torcidas que não puderam ser contidas por inexperiência dos funcionários das empresas privadas. Em alguns casos, eles envidaram esforços bastante grandes para deter essas pessoas, mas não o fazem com a tecnicidade que tem o Batalhão de Choque. Em outros casos, as pessoas conseguiram se evadir do estádio após a prática de crimes muito graves. Nós tivemos um torcedor inglês cuja orelha foi decepada numa mordida praticada por outro torcedor inglês, durante uma luta corporal. Ele não foi detido e conseguiu fugir do estádio. Dois dias depois, ele deixou o País. Esse caso foi concluído, nós chegamos à autoria através de imagens, de fotografias; mas, se essa pessoa tivesse sido detida, ela teria sido presa em território nacional. Isso seria um exemplo para o mundo todo de que a violência do estádio no Brasil não passa impune, independentemente de que seja estrangeiro ou nacional. Então, na minha opinião, a

presença apenas de segurança privada não resolve o problema, que é muito mais profundo, e hoje entendo que há necessidade de polícia cuidando desse assunto.

O SR. MÁRIO SÉRGIO DE OLIVEIRA PINTO – Eu acredito, Excelência, que o conhecimento técnico, especialmente do policial militar que labuta no Batalhão de Choque, é preponderante nesses casos: da incursão da tropa até o foco da crise e a retirada dessa pessoa sem danos colaterais, aliado ao fato de que os torcedores exaltados estão lidando com polícia, e não com segurança privada, porque tivemos fatos de seguranças que foram atacados por torcedores em situações que esses não atacariam policiais. Sempre temos relatos de confrontos, mas nos casos dos seguranças privados o embate foi maior, por isso a experiência do policial e a própria atribuição, e diria até o peso da farda, fazem com que a retirada desses brigões seja muito mais aproveitada pela justiça do que no caso de entidades privadas.

O SR. MÁRIO SÉRGIO DE OLIVEIRA PINTO – Eu acredito, Excelência, porque nós fizemos uma comparação estatística do ano de 2014 com 2015, e esse novo programa iniciado pela Secretaria de Segurança em conjunto com o Tribunal de Justiça teve início em março. De março para cá, o número de pessoas segregadas no estádio cresceu muito, e nós temos notado uma diminuição dos casos de violência, atrito, dentro do estádio. Isso nos leva a crer que as pessoas que frequentam o estádio já estão percebendo que os atos já não passam mais impunes. Quando detidos, vão receber medidas, que são bastante pesadas. E para um torcedor que é fanático – se me permite a expressão –, ser impedido de assistir todos os jogos do seu time, aliás, fazer com que ele não assista ao jogo nem pela televisão, nem pelo rádio, porque ele vai prestar serviço à comunidade, já é uma pena bastante dura. Então acredito que aquelas pessoas que realmente querem praticar um ato de violência pensarão duas, três, quatro vezes antes de fazê-lo, porque não vão ter mais aquela “coragem” de enfrentar o aparato do Estado para praticar um crime de violência sabendo que receberá uma punição muito dura. Essa medida é muito nova, a lei é de 2003, a parte penal da lei é só de 2010, a efetiva aplicação está se iniciando agora, então acredito que temos de aguardar um pouco mais para ver o desenvolvimento dessas aplicações, mas o prognóstico me parece muito bom pelo incremento do número de detidos tão rapidamente e, ao mesmo tempo, a queda do número de ocorrências.

R – Então rapidamente colocar como exemplo o Palmeiras, time de V.Exa.

V.Exa. sabe que o Palmeiras é um dos grandes times da Capital e o senhor presidente, o Sr. Paulo Nobre teve uma atitude bastante ousada e louvável. Ele mandou cessar o repasse de ingressos à torcida organizada. Isso é uma das medidas, nós insistimos em outras, mas essa é uma medida bastante importante: o corte do vínculo entre clube e torcida organizada.

R – Então rapidamente colocar como exemplo o Palmeiras, time de V.Exa.

V.Exa. sabe que o Palmeiras é um dos grandes times da Capital e o senhor presidente, o Sr. Paulo Nobre teve uma atitude bastante ousada e louvável. Ele mandou cessar o repasse de ingressos à torcida organizada. Isso é uma das medidas, nós insistimos em outras, mas essa é uma medida bastante importante: o corte do vínculo entre clube e torcida organizada.

Nós não queremos dizer que a torcida organizada – a agremiação – há de ser ilegal, porque, enfim, ela tem proteção constitucional, a atividade fim é lícita e, muitas vezes, ela é manchada pela presença de pessoas e lideranças informais que querem praticar crimes e acabam levando o nome da agremiação para a lama.

Nós imaginamos que, num futuro, essas agremiações serão parceiras do Estado na identificação desses maus elementos, dessas maças podres para que possam ser colhidas, para que possam ser retiradas.

Eu acredito, Exa., que seria muito salutar ao combate à violência no desporto a presença, chamar à responsabilidade os presidentes das entidades, das federações, da confederação e dos clubes, porque medidas como essa – como a cessação do repasse de ingresso – vão ceifar, eu diria, um repasse indevido ou uma fonte sem controle de proventos para essas agremiações. E que, se elas quiserem obter algum lucro, que o façam de modo lícito, recolhendo, por exemplo, valores pelo *royaltie*, pelo uso da marca do clube.

Então se esses clubes, se as agremiações querem voltar a ser parceiras dos clubes, que elas, então auxiliem o clube, que auxiliem o Estado, que auxiliem a sociedade a retirarem, do seu seio, esses brigões.

Eu acredito, Exa., que somente chamando essas pessoas à responsabilidade, nós poderemos atingir esse objetivo, porque o Estado tem a limitação da lei.

O Estatuto do Torcedor é uma boa lei, mas ele precisa de reformas, ele precisa de extensões, ele precisa ser adaptado à atual realidade.

Então não só no campo penal, eu até gostaria de mencionar um projeto de lei recentemente aprovado, de autoria do Deputado Fernando Capez, claro, o Estado de São Paulo não pode legislar em matéria penal, mas regulamentou um dispositivo do Estatuto do Torcedor que vai nos auxiliar bastante no estádio, que é: obrigar o cumprimento da questão do ingresso com lugar marcado. E, agora, clube, federação, torcida e torcedor serão responsabilizados, com pagamento de multas pesadíssimas.

Então, pela primeira vez, estamos vendo as entidades, enfim, responsáveis pela organização do evento, sendo responsabilizadas pelos atos dos seus torcedores, das pessoas que ela convida, das pessoas que ela, enfim, recebe quantias elevadas para realizar um espetáculo. Essa é uma iniciativa muito louvável, acredito que vai

demonstrar, num grau bastante grande, a participação e a responsabilidade dos dirigentes dos clubes. É um início. É o primeiro, Exa., esperamos que haja outras.

9.5 - TIPO DA REUNIÃO: ORDINÁRIA 21/10/2015

Eu sou o Rodrigo de Azevedo Lopes Fonseca, atual Presidente da Gaviões da Fiel. Sou convidado para depor perante a Comissão Parlamentar de Inquérito, para apurar as causas e possíveis soluções acerca da violência das torcidas organizadas no âmbito do município de São Paulo.

R – Acredito que não tem uma causa específica. A sociedade, no modo geral, é violenta. Se pegar, tem violência no trânsito, violência na balada da noite, violência no trabalho, violência doméstica. A violência, acredito, se a gente soubesse uma causa, o mundo estaria muito melhor. Haveria paz, haveria não só paz no estádio, mas paz na sociedade de um modo geral. Não existe acho que uma causa específica na violência no futebol.

R – Não sei. É difícil. A violência no esporte vem desde lá de trás, desde do, vários séculos atrás. Acho que não tem uma explicação lógica.

Acho que em todos os setores da sociedade também existe pessoas boas, pessoas ruins, na própria Polícia Militar também, que o senhor fez parte por muito tempo; na imprensa, têm jornalistas bons, jornalistas ruins e, na torcida, a mesma coisa. Nós estamos aberto a todo tipo de pessoa, e falar aqui também que não tem pessoas violentas lá vou estar mentindo, mas também tem, a maioria das pessoas, quase 100% são pessoas boas, trabalhadoras, pai de família, médico, empresários, polícia. A torcida organizada tem de tudo; agora tem político também. Agora, a violência no futebol não é só isso também. Há exclusão do torcedor, a imprensa toda hora focando violência. Não divulga um trabalho social também que nós fazemos na torcida. A imprensa só divulga a torcida organizada de maneira violenta. Em nenhum momento, divulgam-se as festas que a torcida faz também. Você pega o jogo da final da Libertadores agora, jogo do River, você pega um canal da TV fechada, “Nossa, que lindo. Tudo é lindo lá, o que eles fazem lá fora”. Se a gente fizer a mesma coisa aqui, nós somos bandido, marginal, que estamos colocando fogo no estádio, mas, quando é fora do País, na Alemanha e em qualquer lugar do mundo, a festa é linda, bonita. Se a gente for fazer algo semelhante aqui, nós somos bandido, marginal, que estamos levando sinalizador para o estádio, que é proibido. Então, enfim, a imprensa também tem uma parcela de culpa, que só divulga o lado da violência. Acaba produzindo até mais violência, na minha opinião.

“É verdade que vocês marcam encontro antes do jogo para ter confronto numa torcida contra outra? É verdade isso? Porque é isso que a gente lê.

R – Não.

P – É isso que passa na...

R – Então, é isso que a imprensa passa, não é? Que nem, o senhor falou aí de campanha de doação de sangue. Nós fazemos esse trabalho. Uma das maiores campanhas de arrecadação de agasalho era a campanha da Gaviões, a maior campanha não governamental era dos Gaviões da Fiel. Isso tudo a gente já faz, mas isso não chega, isso não chega. Só chega na sociedade o que a imprensa quer. Essa questão de marcar briga na internet é até triste isso. Jamais partiria da liderança da torcida. Eu já vi, já vi sim reportagens sobre isso e tal, mas, do mesmo jeito que o jornal identificou, a Polícia também identificou. Então, por que a Polícia não vai lá e prende esse indivíduo? Mas, não, é muito mais fácil jogar nas costas das torcida organizada. É muito mais fácil colocar o Presidente e a diretoria em xeque. Esse não é o nosso papel. Nosso papel é sim de liderança, de conscientizar a torcida inteira, na questão de caminho, de paz, de não à violência. Agora a imprensa também produz o que quer. Por que ela não? A Polícia identificou também se é esse indivíduo. Não foram investigar essa pessoa? Mas é fácil. Hoje joga-se na torcida organizada. De todos esses, essas marcações de internet aí que a imprensa já identificou nenhuma delas envolve líderes de torcida organizada.

R – Eu nunca identifiquei um sócio meu marcando briga na internet, porque assim: O cara pode colocar a camiseta e estar falando o que ele quiser na internet.

P – Mas você também, como líder, jamais entregaria um liderado só.

R – Mas eu cobraria ele internamente.

P – Sim, OK. Agora me diz uma coisa: Se você vem a um clássico, quer seja contra, o São Paulo está aqui, independe quer seja o Palmeiras, (inaudível) da Mancha, se vocês dois aparecem alguns dias antes abraçados: “Vamos lá, vamos para o jogo, vamos torcer, mas não vamos se bater”. Não é legal isso? Vocês não acham que vocês tinham que também se comunicar mais entre vocês? Porque não é à toa que cada um de vocês foi alçado a líder, não é?

R – Sim.

P – O que você pensa disso?

R – Eu acho bom.

P – Seria na sede da Mancha?

R – Já fomos, já fizemos reuniões já.

P – É?

R – Já foram na nossa sede, a gente conversa. Nós não somos do jeito que...

P – Por que você não chama a imprensa também para acompanhar?

R – Porque a imprensa não vai. Eu já convidei. Faz, mais ou menos, três anos que nós estamos na frente da torcida. A imprensa não foi um momento na sede, que nós convidamos para fazer parte de um trabalho, um trabalho social, divulgar o que está acontecendo, ver uma relação entre as torcidas organizadas. Não vão, porque eles querem vender sangue no jornal. Isso que dá a mídia, isso que dá IBOPE.

Sou o Jânio Carvalho Santos. Sou dos diretores da Torcida Organizada Mancha Alviverde.

Rodrigo, da Gaviões:

R – Ele falou de a gente conversar ou não, e tal, se a gente faz isso, se a gente não faz. Não sei se o senhor sabe, mas existe uma reunião preliminar, antes de um jogo de futebol, que estão presentes todos os órgãos competentes, até a imprensa, às vezes, participa, as torcidas organizadas, metrô, CPTM, tal, onde existe toda a logística do pré-jogo, onde a gente monta. Aí a minha pergunta, respondendo o senhor :”Como que, fazendo todo esse planejamento, toda essa logística, três ônibus da torcida do São Paulo consegue entrar no meio do comboio da torcida do Corinthians? Sendo que hoje existe toda a tecnologia, celular, rádio, não sei mais o que a Polícia tem lá para se comunicar; como que duas torcidas escoltadas, duas torcidas escoltadas, três ônibus da Torcida do São Paulo consegue entrar no meio da torcida do Corinthians? Outro dia nós evitamos um massacre lá também, confronto generalizado, onde nós marcamos o horário para embarcar na Estação da Luz, a Torcida Independente, a Torcida do São Paulo e o Gaviões, eles chegaram ao meio-dia e a gente chegaria treze e trinta. Nós estamos chegando treze e trinta na estação da Barra Funda, e a Torcida Independente, a Torcida do São Paulo ainda estava lá. Agora, como que um policial não se comunica com o outro? Tem celular, tem rádio, tem tudo. Está vendo(?) os dois comboios, estão andando. Ia se encontrar as duas torcidas dentro da estação. No contato telefônico entre os Presidentes da Torcida do São Paulo, na Dragões da Real e o Presidente da Gaviões da Fiel: “Vocês estão aonde?”, dissemos: “Estou dentro da estação”, e ele: “Como assim?”. Então nós evitamos o confronto. Não temos o intuito de sair de casa para digladiar, 500 contra 500. Só que é impressionante também como é que a polícia tem acesso a todas essas informações, um falando com o outro e todas as torcidas se encontram na estação. Como que três ônibus entram num comboio de 20 ônibus da Gaviões? São coisas a se pensar. E a Imprensa não divulga isso. A Imprensa não nos ouve nesse aspecto.

Daí o Promotor vai à televisão, no dia seguinte, fica lá meia hora, uma semana na televisão e ninguém vem perguntar para nós o que aconteceu. Só fala que teve a confusão, mas como é que teve essa confusão? É que tinha toda essa programação, tinha toda uma logística para o jogo.

São questionamentos que acho que a CPI tem de fazer para que cheguemos numa solução, afinal, tudo que é violência acaba acarretando para nós também. Só que também tem a programação do jogo, é feita toda uma logística e nós evitamos vários confrontos. Tem coisa que não conseguimos: tem uma briga lá no fundão da zona Sul, não estamos lá para ver o que está acontecendo. De repente, se encontraram lá e aconteceu.

Eu não acredito nessa programação de um ligar para o outro, na internet, ficar falando e se encontrar. Às vezes acontece, sim, de se encontrar no meio caminho, nas vias públicas, no transporte público e acontece algum encontro. Mas, da nossa parte, como liderança de torcida, isso jamais vai acontecer.

Sou Jânio Carvalho Santos da Mancha Verde. São dois pontos. Um, bem focado aqui pelo Presidente da Gaviões: temos toda uma programação feita junto ao Batalhão de Choque e todos esses problemas de violência que nós vimos, grande parte deles já tinha sido antecipado dentro do Batalhão e não foram tomadas providências para se evitar.

Um dos grandes problemas que tivemos na zona Norte era algo já anunciado e que nós anunciamos dentro do Batalhão. Nós pedimos que a Polícia pudesse colocar duas viaturas, uma escoltando os torcedores do Palmeiras para evitar um maior problema. A Polícia falou que isso não faz parte da função da Polícia. Se isso não faz parte da função da Polícia, muito menos é nossa. Então isso não pode vir para cima da gente, do mesmo jeito que não foi para cima da Polícia.

A outra coisa: esses acidentes que acontecem toda hora. Tivemos em 2013, se não me engano, dos quatro jogos Palmeiras e Corinthians, esse mesmo problema. Ônibus da torcida do Palmeiras entrando no meio da torcida do Corinthians e ônibus da torcida do Corinthians entrando em meio aos da torcida do Palmeiras, sendo que as duas estão escoltadas. O engraçado é que era o mesmo tenente nos quatro jogos. Então precisamos ver se aí não tem alguma coisa, mas também não temos prosseguimento dentro dessa questão.

Não estamos inocentando as torcidas, porque nós temos nosso problema também, temos as nossas diferenças, as nossas dificuldades, mas a grande parte das confusões na Cidade, hoje, é cometida, infelizmente, porque a Polícia Militar não consegue separar o joio do trigo.

Vamos colocar, primeiro, o jogo do Palmeiras e Corinthians na Arena, no estádio do Palmeiras. Vinte ou trinta torcedores foram lá, provocaram a torcida do Corinthians, na Sumaré, perto do shopping West Plaza. A Polícia veio batendo na torcida do Palmeiras todinha, pela Sumaré, Turiassu, até ou Bourbon lá embaixo. Deu a volta no estádio batendo em criança, mulher, jogando bomba, jogando gás de pimenta,

jogando carro da Choque em cima da população. Temos imagem da Polícia dando tapa na cara de torcedor que tentava proteger o filho.

Então, acho assim, a Polícia, hoje, mais atrapalha do que ajuda, dentro do estádio de futebol, porque a Polícia vê a torcida organizada como um adversário. Ela vê a torcida organizada como um inimigo. E, na verdade, nós somos totalmente o oposto a isso, porque nós damos o local de onde saímos, o trajeto, o horário, quantidade de torcedores que nós achamos que vai sair dele. Gente, acho que não precisamos mais do que isso para fazer um bom trabalho. Tem toda a logística.

P – A minha pergunta, a hora que eu fiz, se tirarmos a Polícia Militar, e dissermos “A partir de agora, as empresas privadas vão fazer a segurança do estádios, será que tem condição de segurar esse abacaxi?”

R - Melhora cem por cento.

P - Você acha que melhora?

R - Melhora cem por cento.

R – Mas a Federação Paulista, todos os envolvidos, os promotores, acham melhor não, mas nossa opinião e a opinião da Polícia sempre foi essa, porque a rivalidade que existe hoje entre a Polícia e o torcedor é muito grande.

Então eu não acho necessária a presença da Polícia dentro do estádio. É necessário do lado de fora até pelo contingente de pessoas e até para evitar furtos, assaltos, legal. Dentro do estádio, estamos falando de um espetáculo, onde a presença da Polícia se torna ameaçadora.

Engraçado, nenhum dos 50 que estavam ali provocando tumulto foram presos. Nenhum deles foram presos, não houve nenhuma punição, a não ser para a torcida organizada. Que aí que responsável que foi? A Mancha? Mas não prendeu ninguém. Mas a culpa foi da torcida organizada.

O SR. DANILO - Vereador Conte Lopes, eu concordo com tudo que foi dito pelo presidente da Gaviões da Fiel, pelo Jânio, Diretor da Mancha Alviverde.

Tudo que acontece no dia de hoje é reflexo da prevenção que não vem sendo feita há 30 anos, na cidade e no Estado de São Paulo. O primeiro problema que aconteceu com morte nos estádios foi no Estado Nacional, num jogo júnior entre São Paulo e Corinthians. De lá para cá, muito pouca coisa foi feita. A falta de prevenção do organizador do espetacular, completamente omissa, ausente. Acho que deveria ser feita uma força-tarefa, começando por vocês, representantes da cidade de São Paulo, junto com as torcidas organizadas, Polícia Militar, Ministério Público, Polícia Civil, imprensa, clubes, uma força-tarefa então que todos estivessem num rumo só.

O senhor falou, momentos atrás, se eu acredito que nos dias de hoje não existe ainda uma cultura para tirar a Polícia Militar dos estádios. Mas eu concordo com o Jânio: dentro do estádio, eu acredito que um trabalho benfeito entre o clube, a Federação Paulista de Futebol e as torcidas organizadas com uma segurança privada, eu acho que não haveria problema algum, não teria confronto. Já não existe confronto dos estádios há muitos anos. Dentro do estádio. Existem coisas esporádicas...

P – Mas a Polícia Militar disse que não existe esse confronto justamente porque ela está lá.

R – Olha, Vereador, vou dizer algo senhor, como um grande policial que foi e nunca vai deixar de ser, e eu tenho o meu respeito pela sua pessoa, pelo seu trabalho na cidade de São Paulo: a polícia é muito violenta. No 2º Batalhão de Choque existem bons comandantes, só que muitas vezes a tropa não segue a orientação do comandante. Então ela trata o torcedor, de forma geral, como se fosse um inimigo. O senhor sabe que a formação do policiamento do Choque é de embate, é de confronto. Então não tem um meio termo, não tem diálogo; o único diálogo que existe com o 2º Batalhão de Choque são naquelas reuniões de prevenção lá no Batalhão, normalmente antes das partidas. Mas, fora isso, não tem. Como muitas vezes o policial fala: “O Coronel manda no batalhão; quem manda aqui sou eu, cala a sua boca”, e já vem dando tapa na cara. Na realidade, Vereador, é isso que acontece.

Eu fico até feliz de estar tendo essa oportunidade de falar na casa do cidadão de São Paulo, a Câmara Municipal. Essa oportunidade que vocês estão dando para as torcidas, Srs. Vereadores, é muito importante. Mas isso tinha que ser uma coisa permanente. Nós teríamos que plantar uma semente, e, juntos, todo mundo, para conseguirmos. Porque como bem disse o presidente da Gaviões da Fiel, não temos intuito algum de promover violência, o que nós queremos é fazer festa.

Para o senhor ter uma ideia, o Estado de São Paulo é o único estado em que se proíbe a festa nas arquibancadas. Eu acho que se desse vazão à festa, às bandeiras, às bandeiras com mastro, que foi inclusive aprovado na Assembleia Legislativa, mas foi vetado pelo Governador. Não existe confronto de mastro de bandeira. Por exemplo, vamos permitir 20 bandeiras por cada torcidas, os 20 responsáveis, cada qual com o seu RG. Acabou. Se acontecer qualquer problema, eles vão ser punidos. Hoje, o que a Polícia Militar permite: uma faixa com o nome da torcida, oito instrumentos de percussão e, eventualmente, um bandeirão nos jogos de finais, em jogos grandes.

Então eu acho que tem que ser feito um trabalho coeso de todo mundo, e uma coisa que foi falada aqui muito importante: a imprensa tinha que mostrar o outro lado da moeda – a omissão do organizador da partida, da Federação Paulista de Futebol. Não se faz um trabalho preventivo, não se faz campanha junto com as torcidas. Então gostaria de fazer esse pedido encarecidamente aos Srs. Vereadores: que

encabeçassem isso daí junto com as torcidas, que nós estamos junto com vocês. Estamos aqui para ajudar, para colaborar e para deixar uma mensagem para a imprensa, para a cidade de São Paulo, de que nós queremos fazer a festa. Gostaríamos de fazer aquela festa dos anos 80, como o senhor bem lembrou, como os meus colegas de torcida aqui falaram. Isso que é importante. Precisamos mudar o foco, mas precisamos mudar todo mundo junto: o clube de futebol, os dirigentes, as torcidas organizadas. Então uma força-tarefa onde todos falassem a mesma língua.

Benko

O grande objetivo desta CPI quando eu a requeri, há mais de dois anos, foi tentar acabar com essa história de torcida uniformizada ser boi de piranha.

9.6 - TIPO DA REUNIÃO: ORDINÁRIA 04/11/2015

Atevir Nogueira, Diretor Social da Torcida Pavilhão Nove e Marcelo Moises Moura Lima, Presidente da torcida TUP, Torcida Uniformizada do Palmeiras. Foi convidado o Sr. André Azevedo, que não chegou até o momento, Presidente da Associação Nacional das Torcidas Organizadas e Presidente da Torcida Dragões da Real.

O SR. ANDRÉ AZEVEDO - “Eu, André Azevedo, convidado para depor perante a Comissão Parlamentar de Inquérito para apurar as causas e possíveis soluções acerca da violência das torcidas organizadas no âmbito do Município de São Paulo.”

O SR. ATEVIR NOGUEIRA – Antes de responder qualquer pergunta, só quero esclarecer algumas falas em reuniões passadas. Teve do Vereador Conte Lopes e se não me engano, de outros Vereadores também a respeito do nome da entidade Pavilhão Nove.

O nome escolhido é esse mesmo, Pavilhão Nove, e nome surgiu através de um trabalho social dentro da Casa de Detenção e não quer dizer que o nome Pavilhão Nove que a torcida é de marginal e bandido não. Marginal pode ser porque a maioria dos jovens que entram nas torcidas organizadas não só do Pavilhão Nove, não só do Corinthians, como também de outros times, podem ser marginais por estarem às margens da sociedade e não por serem bandidos.

O Pavilhão Nove saiu de um trabalho social que tinha um time do Corinthians do Pavilhão Nove dentro da Casa de Detenção, que só podia jogar corintianos. Esse time foi campeão lá dentro e como tinha uma rapaziada que era da Gaviões e outros corintianos sem ser de torcida organizada, realizaram um trabalho social dentro da Casa de Detenção. Como tinha essa homenagem ao Corinthians dos corintianos privados de liberdade então, a rapaziada queria formar uma torcida organizada do lado de fora também, os caras queriam representar os corintianos mais

marginalizados, mais às margens da sociedade. Queriam colocar favela, povão e resolveram que não, resolveram colocar Pavilhão Nove.

A gente só espera um pouco mais de respeito com a nossa entidade. Vi pessoas falando da nossa entidade nesta Casa com falta de respeito pelo nosso nome e pelos associados da torcida também. Tranquilo? Só um pouco mais de respeito com a nossa entidade e associados porque em torcida organizada entra de tudo. Lá, tem muitos trabalhadores, homens, mulheres que merecem respeito.

Também queria esclarecer alguns comentários referentes à incriminação dos 12 torcedores presos lá na Bolívia. Os doze que foram presos na Bolívia, infelizmente, morreu um menino lá, o Kelvin, um boliviano de 15 anos, mas os doze que foram detidos não cometeram crime algum. Infelizmente, alguém em um ato impensado e imprudente, acendeu um sinalizador que atingiu esse garoto.

Até a torcida do San José compareceu para visitar os meninos que estavam detidos lá porque viram que eles não tinham culpa nenhuma. Foram presas até pessoas que estavam fora do estádio, aleatoriamente, pela polícia da Bolívia. Os caras não cometeram crime nenhum e não mataram ninguém lá.

O eleito desta Casa em falar que os assassinos que estavam lá na Bolívia cometeram outros crimes aqui em São Paulo. Infelizmente, isso não dá para aceitar não, culpabilizar os caras que estavam lá. É o seguinte, referente a esta CPI, eu acho importante a CPI acontecer, é importante a presença de todos os órgãos envolvidos no futebol, a Polícia Militar, as torcidas organizadas, os Vereadores e os demais responsáveis.

Marcelo, TUP: “Parabenizo esta CPI, porque, por intermédio da gente, vai acabar chegando a coisas maiores, porque os verdadeiros bandos, sei lá, não estão aqui, estão naqueles lugares que forçam as pessoas a se espremerem dentro de um campo, a pagar 20 reais num lanche, a ir num banheiro que não tem entrada para deficiente, que não tem nem como sair. Você sai do jogo, você paga para apanhar, você paga para ficar na fila, você sofre para reservar o ingresso. Meia-noite acaba o metrô, você tem que ficar deitado ali na estação. Então é o Estatuto do Torcedor. Todos estão errados: vocês, as torcidas, os órgãos públicos. Por quê? Pelo descaso. Será que vai precisar morrer mais gente, em todos os aspectos, para que se tome a providência de chamar as torcidas para a gente elaborar um plano e mostrar o foco da onde vem a violência?”

André Azevedo: Nós absorvemos tudo que tem da nossa sociedade, como educação, como falta de trabalho e outros tantos problemas que tem nas periferias, principalmente porque uma grande maioria das torcidas é daqueles segregados sociais, aquelas pessoas que ganham, às vezes, um salário mínimo, e não tem acesso a muita coisa, e entram numa torcida organizada porque é um dos poucos lugares em que será tratado de forma igual. Então, além de absorvemos “ele”, a gente absorve

muitas vezes os problemas deles, e o principal é o da educação. Então não estamos aqui para prometer uma coisa que ninguém conseguiu, que é erradicar, acabar com a violência. Estamos aqui para contribuir, minimizar.

Quando Marcelo fala da entidade, ele está totalmente correto, porque uma camiseta, um bumbo ou alguma coisa desse tipo não comete um crime, e, por muitas vezes, vários órgãos, e, principalmente, a mídia, protegem o infrator usando o nome da torcida – sempre usando o CNPJ, e nunca usando o CPF.

Conte Lopes: A última vez que o Corinthians jogou no Parque São Jorge, era um jogo de torcida única. Era um jogo Corinthians e Botafogo. No ataque do Botafogo tinha o Sócrates e o Geraldão. E houve um gol de 1 a 0 de uma do Botafogo – era uma só torcida. Foi num dia que o Rivelino chutou o bandeirinha. E aquela torcida única resolveu matar... Matar, na expressão dita por mim. Porque quando eu cheguei lá, com as viaturas de Rota, que o resto do policiamento não segurava o que estava acontecendo, o juiz estava carregado pelo (Ininteligível) dentro de uma viatura do tático móvel na época. Então, veja, tivemos que agir lá. Foi uma confusão desgraçada. Até, na época, Sr. Presidente, eu detive um coronel do Exército brasileiro, Nilo Floriano Peixoto, que era o segurança do Corinthians, porque a hora que eu detive pessoas que estavam se mantendo lá, e quis sair de dentro do estágio, ele falou: “Ninguém sai preso daqui, não. Daqui vocês não vão sair presos, não. Fecha o portão”. Aí foi um porteiro, chamado Caldeirão, com dois metros de altura, e fechou o portão. Eu falei para o meu segurança: “Mata o Caldeirão, então”. Quando o policial engatilhou a metralhadora, o Caldeirão saiu correndo e abriu a porta. E quando nós fomos sair, o Coronel falou: “Então é o seguinte: eu vou junto. Eu falei: então o senhor vai, o senhor sabe que o senhor vai junto”. E ele subiu na viatura. Chegou lá fora, bateu nas minhas contas: “Sr. Tenente, eu vou ficar aí”. “Não, não, vamos tudo para a delegacia”.

O Marcelo, que está aqui do meu lado, ele não é o Presidente da TUP. Ele é meu amigo. Há duas semanas, eu estava dentro da quadra da TUP, tomando cerveja com o filho dele. Isso aí não foi uma vez para resolver um problema, é uma coisa corriqueira. Com a Pavilhão 9, eu já saí com o Presidente, com o Vice dele, que é o Tarcísio Filipe(?) Ugandi(?), frequenta a minha casa. Então, nós temos várias ligações. Viajei com o Wagner(?), que é ex-Presidente da Gaviões. Vários, nós temos essas ligações, e essas ligações permite que a gente resolva ou previna muita coisa, só que nós somos representantes de massa, e eu não vou prometer aqui uma coisa que eu não posso cumprir. Eu não sei o que passa na cabeça de todos os associados e isso aí não é uma singularidade, uma particularidade, de torcida organizada, se não, não existiria uma Corregedoria na Polícia Militar, porque aquele que foi – que é pago não – que foi instruído para servir e proteger, por muitas vezes, não faz essa forma. Então nós não somos diferentes.

André, da Dragões: Eu fui para a Alemanha, recentemente, fazer um estudo em relação, pois, além de Presidente da Dragões, sou Presidente da Associação Nacional das Torcidas, e tive como base algumas viagens que fizemos para a Europa para saber como funcionavam algumas coisas, e, chegando lá, vimos que a Alemanha não ganhou só dentro do campo do Brasil no 7 a 1. Ela vem ganhando em várias outras esferas.

Ela tem um projeto para cuidar dos ultras – que é algo parecido com os organizados, com as torcidas organizadas – que chegou, hoje, num limite do aceitável, mas são 25 anos de trabalho. E, aqui, todo ano, nós discutimos a exclusão das torcidas, sendo que isso aí, além de ser um mau futebol, é um desserviço para a sociedade, porque você acha que o cara não presta para a arquibancada, só que vai soltar ele na rua sem ensinar o que é certo e o que é errado para ele. Então o cara vai estar inserido na praia, no mercado, no trânsito, porque ele não é só um torcedor. A vida dele não acaba ali, vai embora.

E, aqui, a nossa cultura é de excluir. E nós, torcedores, não fazemos muito isso. É óbvio que existem os casos mais graves, ou não, mas nós tentamos sempre doutrinar, conversar e explicar, e não segregar no ato do primeiro problema que o cara tem. Eles vão falar - e isso é uma política mais minha – da política deles, mas eu acho que serve só para dar uma refletida e, assim, nós começamos a resolver os problemas e não excluir os problemas.

Marcelo, TUP: E, como frisei, há tanto interesse que a maioria dos Vereadores está aqui. Então, acho que eles não querem uma vacina, querem aumentar a doença. Nós, das torcidas, somos líderes, sim. Somos líderes de verdade, porque não acontece tragédia dentro do campo com as torcidas organizadas. Porque se nós não fôssemos liderança, dentro do campo teria copo, baqueta...

A Federação Paulista libera sete instrumentos com a baqueta contada, é melhor estar preso. É melhor colocar a gente numa cadeia e a gente torce de lá, porque a vida de um torcedor, para ir ao jogo tem de chegar três horas antes. Tem de ser revistado, vem um cachorro. Tem um caminhão da Polícia Militar lá gigante, desse tamanho. Não tenho nada contra o 2º Batalhão de Choque, aliás, eu até acompanho o Batalhão de Choque desde a época do Coronel Farolo e tenho certeza de que, nessa minha herança de torcida organizada, eu mais ajudei do que atrapalhei.

Mas, a gente está indignado com o descaso, porque somos líderes, sim. A liderança das torcidas, se forem chamadas e conversarem como adultos e a gente tiver oportunidade de se expressar da nossa forma, de perguntarem para a gente como tem de ser, “olha, o que tem de acontecer”, “tem como vocês darem a sua opinião”, não essa arrogância, prepotência que existe nos cartolas, de não nos convocar. Às vezes, as coisas acontecem por isso, nós somos um batalhão de choque e repetimos tudo. Falamos tudo, até a hora que sai da casa até a cueca que vai.

Referente à punição das torcidas organizadas, é a mesma que todos os órgãos fazem. Nós expulsamos, o cara continua indo ao jogo. Aí, o que acontece? Você expulsa seu associado, que brigou ali ou que apanhou. Aí você vai chegar no jogo, depois de você chegar dez horas da manhã de uma reunião do 2º Batalhão de Choque, onde você manda o ofício. Depois de três dias, ele responde que você está proibido de entrar.

Acho que todo mundo aqui tem filho, quando o filho passa de ano, qual o presente que ele ganha? Ele é espancado? Porque nós, da torcida, quando passamos de ano com boa ação, somos espancados. Então, é essa a minha revolta. Acho que tem sim, sei lá, não sei se... Onde tem de chegar para ouvir todos, porque as torcidas de futebol têm o poder maciço muito rápido de controlar. Só que algumas pessoas não têm essa vontade. Alguns associados, que se infiltram, gostam de cultivar briga. Eles gostam de ter o corpo grandão, fortão. Outros gostam de... Sei lá, cada um com a sua opção. É como... Cada segmento da vida tem uma pessoa que mais se dedica, mas, porém, nós somos órfãos. Somos órfãos da lei, estamos sendo simplesmente, como se diz? Uma prisão perpétua, só por ser torcida organizada. Eu ando assim, nossa, a hora em que eu cheguei aqui, pensei que iria ser preso. Mas, enfim, é isso.

Altevir, Pavilhão 9:

O SR. ATEVIR NOGUEIRA – Certo. Só quero registrar a ausência do Presidente Felipe do Pavilhão Nove, ele queria muito estar aqui falando a respeito da torcida organizada. Ele não está porque infelizmente está internado, ele passou por uma cirurgia e vai ter alta somente amanhã. Infelizmente, o trabalho da Polícia Militar de Minas Gerais, que causou tumulto lá, a torcida do Corinthians chegou duas horas antes do jogo e a polícia segurou a torcida do Corinthians e levou perto da torcida do Atlético Mineiro para causar tumulto. Assim, as torcidas não *entrou* em conflito, mas a Polícia Militar de Minas desceu a lenha em todos os torcedores, tanto na torcida do Atlético quando na do Corinthians. E o Felipe, como Presidente, com outros torcedores lá do Corinthians, como do Atlético também ficaram feridos. E o Felipe passou por uma situação de cirurgia no braço devido o tratamento da Polícia Militar de Minas, e lá os *caras fala* que é a polícia de Minas, que é a melhor polícia do Brasil: aqui não é São Paulo não! Em diversos Estados que a gente vai, a gente sofre violência policial. No Rio Grande do Sul os *caras* falam: aqui não é a polícia de São Paulo não, aqui é polícia do Sul, de Santa Catarina, de Porto Alegre, aqui bandido não se cria não, *nóis* mata. Esse é o tratamento que a gente recebe quando *tá* fora do município, fora do Estado de São Paulo.

Quero deixar registrada a ausência do Presidente Felipe devido essa questão da saúde dele.

Referente à rivalidade entre as torcidas, como torcedor comum, rivalidade entre torcidas com certeza é maior, mas não dá para *culpabilizar* as torcidas organizadas com a violência. Como eu já falei, a violência vai além das torcidas, além do futebol. É

uma questão utópica, mas eu queria que um dia as torcidas, não precisa de unir, mas cada um trabalhar dentro do seu espaço e, assim, objetivo comum enquanto sistema, devido o ingresso caro. Ultimamente, os ingressos estão excluindo dos estádios a população de baixa renda. Foi falada a questão das famílias nos estádios, mas o ingresso caro também espanta as famílias de ir para o estádio. Como um pai, um casal vai levar o filho se o ingresso está 100 reais, 200 reais, 300 reais, 400 reais? E uma minoria no estádio com ingresso... Que nem no estádio do Palmeiras, o ingresso, acho que custa 80 reais o mais barato. No estádio do Corinthians está 50 o mais barato, e são poucos lugares com esses valores. Fica difícil o acesso das famílias para chegar ao estádio porque infelizmente o futebol está excluindo a população mais pobre, de baixa renda. E futebol não é Fórmula 1, que tem uma vez por ano, em Interlagos, e o ingresso custa 300 reais, 400 reais. Futebol tem toda semana, duas vezes por semana tem futebol aqui. Infelizmente, é a elitização do futebol, o futebol está excluindo também as famílias e a população de baixa renda dos estádios.

Uma questão utópica, não sei se é *nóis* cobrar a questão dos ingressos, falar dos abusos que sofremos nos estádios, tanto em São Paulo quanto fora de São Paulo. Cobrar de poder público... Cobrar não, em parceria com o poder público, cada torcida em sua região ter espaços culturais. A torcida agrega a população da periferia, mas é ter mais espaços culturais, mais espaços esportivos para a rapaziada da periferia ter acesso. Assim evita que essas pessoas entrem na criminalidade, e seria parceria do poder público com as torcidas organizadas.

A torcida organizada acolhe muito os jovens, muitos jovens se sentem bem na torcida organizada por falta de espaços culturais na *quebrada*, na periferia. Seria importante ter uma parceria das torcidas com o próprio clube. Como estamos no âmbito do município, com esta Casa, e aqui tem os Vereadores que também, com certeza têm Vereadores que têm interesse de estar incluindo a juventude para que tenha acesso à cultura e ao esporte.

O SR. CONTE LOPES – ... ele ser atacado por ele estar com a camisa. Esse é o problema. Ter uma prevenção, se trabalhar em uma prevenção para a pessoa não usar uniforme a ponto de não ser atacado e morto por uma outra torcida. Encontra 10 caras de outra torcida e...

O SR. MARCELO MOISÉS MOURA LIMA – Entendi. Mas, infelizmente, a cultura hoje, devido à globalização, hoje o cara que é homossexual é atacado por *punk*. Hoje o *skinhead* é atacado... Isso aí acontece no dia a dia, não é só nas torcidas organizadas, não. Não deveria acontecer, né. As próprias torcidas também têm culpa nisso aí; nós deixamos ultrapassar a quilometragem permitida, que é 40km, e entre nós mesmos estamos conversando para parar. Mas, referente à roupa, hoje em dia o cara está

usando brinco, vem outra pessoa, vai e bate. Na torcida do Palmeiras tinha essa frescura de que não podia usar brinco, nada; hoje foi liberado, o cara faz o que quer. Tanto que as torcidas organizadas hoje são o único setor da arena lotado, todo jogo são 8 mil pessoas, porque o povão também está no meio e gosta de estar entre nós. As torcidas fazem um *show* gratuito. Quer dizer, faziam, né; agora, não: agora a gente só é revistado, cheirado pelos cachorros, pagar ingresso, beber água, lanche caro. Antigamente nós fazíamos espetáculo na arquibancada onde ocupava o tempo de todo mundo. Hoje não: hoje não tem o que fazer. As pessoas vão fazer o quê? Vão ficar ou na Turiassu, como o próprio Vereador foi lá ver. Ou na Turiassu ou nas quebradas, fazendo pegadinha de briga. É isso.

Mas a minha família inteira é de torcida organizada; tenho um filho que é dos Gaviões da Fiel, foi diretor dos Gaviões da Fiel. É muita lenda que a imprensa coloca, é muita mentira. Acho que nem precisávamos estar aqui, mas graças a Deus teve a boa intenção, porque assim nós conseguimos colocar a verdade. Eu até concordo com algumas coisas, como ele falou, mas nós torcida organizada, o ingresso para nós tudo bem que é caro, mas mesmo assim nós pagamos, o clube não dá nada, não. A não ser quando a diretoria quer ir lá chamar a gente para dar uma compradinha, dar um ônibus, isso é normal. Existe em sindicato, existe em política, existe em igreja, existe em terreiro, existe em tudo quanto é lugar. Porém, nós só queremos uma coisa: para voltar ajudar, e tenho certeza de que devolvendo isso, o Estado – porque é uma lei estadual -, devolvendo isso para o povo, para a comunidade. Nós queremos a festa na arquibancada novamente para podermos ocupar o nosso tempo com boas intenções, não ocupar o tempo das agremiações fazendo luta. Nós temos que ensinar os caras a fazerem uma batucata, a gritar o time, a levarem uma bandeira, a levarem alguma coisa que possa ocupar o nosso tempo para o bem. Isso nos foi tirado, se bem me recordo, em 96. Para nós, não existe prisão perpétua no Brasil, e para nós existe a perpétua.

Eu estive numa reunião, sim, na Assembleia, acho que o senhor estava também. Estava tudo certo, foi aprovado por todos os deputados estaduais a lei. Porém, o 2º Batalhão de Choque, que é a autoridade maior no futebol em segurança... Não adianta vir com conversa, que consegue; porque, se o 2º Batalhão de Choque não dá o laudo, nada acontece. Foi autorizado; quando chegou em posse do Governador do Estado de São Paulo, o Geraldo, ele sancionou a lei. Eu estava, eu. Não estou falando que eu ouvi. Nós já sabíamos que passou ali porque muitos dependiam de voto, como aqui também tem. Não dependam do voto do torcedor, porque o voto é público, quer dizer, ele vota onde ele quiser para a melhoria da região dele. E foi sancionado. Inclusive, era até o Ênio Tatto que estava. O único projeto que aprovou foi a diminuição da carteirinha de estudante, e as torcidas novamente foram enganadas. De lá para cá, é só fazer a pesquisa: a violência aumentou. Nos tiraram o poder de diversão, nos tiraram a nossa liberdade de expressão. Nós não podemos gritar, nós não podemos... Existe um padre

católico. O que ele fala de palavrão no jogo do Palmeiras! Lá nós somos iguais, é todo mundo igual. Tem de tudo, somos iguais. Tem policiais, tem tudo. O futebol e o clube são uma emoção muito grande para nós.

Um conselho. Eu sei que não compete a vocês, mas por intermédio de vocês pode ser levantada essa bandeira da paz. Devolvam para as torcidas o direito de torcer para o seu time de coração. Devolvam para as torcidas para a gente poder convocar o pessoal para ir às quadras, para ir ao ponto de encontro para levantar a nossa bandeira juntamente com a bandeira da paz e fazer a festa na arquibancada, porque isso foi tirado. Hoje em dia, não tem o que fazer, a não ser os caras quererem ficar brigando; e, quando não brigam, inventam briga. É só isso.

9.7 - TIPO DA REUNIÃO: ORDINÁRIA 18/11/2015

O SR. DENIS ALMEIDA – Bom dia a todos. Sou Denis, Presidente da Torcida Jovem.

“Meu time tem a sede em Santos, só que a sede da Torcida Jovem sempre foi em São Paulo. Há 46 anos a nossa sede sempre foi em São Paulo.

E, por exemplo, a gente passa por algumas circunstâncias em jogos que, muitas vezes, até o policiamento que está tratando do jogo, ele não sabe disso. Ele nos trata como se a gente fosse de Santos e como se fosse proibido ao torcedor de Santos frequentar o estádio de São Paulo. Então a gente já escutou coisa do tipo: “Ah, vocês não estão em Santos. Aqui não é Santos”, mas assim isso para nós, nós já estamos acostumado com isso. Se a gente não estivesse acostumado com isso, a gente não frequentaria mais as arquibancadas. Porém, isso demonstra o quê? Que o próprio policiamento do jogo, ele desconhece, a maioria né, desconhece com quem está lidando, com quem está tratando. Então a gente, durante muitos anos, teve sede aqui no Centro, aqui do lado, aqui na Brigadeiro durante muitos anos. Mudamos para a zona Leste de São Paulo faz 16 anos, só que sempre fomos de São Paulo.

Então, a partir do momento que não é articulada uma situação para tratar a gente como uma torcida grande de São Paulo, a gente já começa a ter problema. Porque se limitar toda a fiscalização, toda a segurança, toda a escolta apenas achando que vai subir os nossos torcedores de Santos, a gente já começa a ter problema. Nós temos torcedores em toda a Cidade, em todas as regiões, guardadas as devidas proporções, menor que as outras torcidas dos outros três clubes de São Paulo.”

“Só que a gente já participou de algumas reuniões, já teve várias, eu não sei, falaram que nunca fomos ouvidos, a gente foi ouvido sim. A gente foi chamado, só que assim, não sei, as coisas que a gente pautou nas reuniões foram apenas como uma obrigação de chamar a torcida organizada como é também as reuniões de clássicos ou de jogos

no Município de São Paulo. Acho que convidam a gente por obrigação, porque nada que a gente fala ali é ouvido. Então, pelo menos esse é o meu entendimento.”

“Então eu, desde já, falando pela minha torcida, acho que falta monitoramento, conhecimento de como que a torcida está lidando, qual que é o número e fluxo de torcedor que eu tenho na Penha. Eu tive, há um ano, eu tive um associado que ele morreu na Penha, próximo à minha sede. Ah, culpa da briga de torcida, culpa disso, mas não tinha um policiamento, era um clássico, rua escura, quase na periferia... Tipo assim, a responsabilidade volta a cair tudo sobre nós, mas se você pá(?), uma avenida como a Radial Leste não tinha uma viatura de polícia, uma volta de um clássico. Então, assim, de que jeito está sendo tratado? É só em volta do estádio?”

“R – Três vezes maior na cidade de São Paulo, somando o Grande ABC, somando a Grande São Paulo.”

“O SR. ÁLVARO SOUZA – Bom dia a todos, bom dia Srs. Vereadores presentes aqui também. Eu sou Álvaro Souza, o pessoal me chama de Maninho lá na Leões, hoje sou Diretor Social da Torcida. Faço parte da torcida há oito anos, frequento estádio há mais de 10 anos.”

“Eu também queria comentar que o futebol, que a Leões da Fabulosa, assim como outras torcidas, a gente defende o futebol popular e a gente é contra a elitização do futebol. Hoje você tem um processo muito acelerado de elitização do futebol, algo parecido com o que aconteceu na Inglaterra, só que é um modelo bem estranho. Por um lado você constrói grandes arenas, eleva o preço do ingresso lá em cima. Só que brasileiro não tem condição de pagar um ingresso com 100 reais, 120 reais, porque o nosso salário mínimo é bem delicado. Um pai de família não consegue levar seus filhos ao estádio, por exemplo, porque a situação de transporte é muito ruim. Vai fazer o transporte de domingo em um dia de jogo e você não consegue se locomover pela cidade. “

“E pautando essas perspectivas queria também falar que a Leões é um grêmio recreativo esportivo cultural e, dentro dessa perspectiva a gente faz atividades esportivas, a gente organiza campeonatos de jogo de mesa, como pebolim, ping-pong, essas coisas mais relacionadas e também a gente faz campeonato de futsal. Também como entidade civil organizamos atividade sociais no bairro do Pari. Temporariamente a gente consegue fazer arrecadação de alimentos para doar para as pessoas de situação de rua, juntamente, com o pessoal da Portuguesa, que a gente consegue fazer uma parceria. Hoje a gente tem um diálogo interessante com a diretoria da Portuguesa e também conseguimos fazer atividades culturais na localidade no Pari, que é uma região muito carente de cultura. A gente consegue mobilizar, mesmo que não massivamente, mas a gente consegue mobilizar para algumas coisas envolvendo

cultura, como samba, hip hop e outras. E a nossa escolinha de bateria também, que eu precisava ressaltar aqui, que a gente consegue fazer uma vez por semana, aos sábados. Paramos agora por causa da parada dos jogos e vamos retomar no ano que vem.”

Dênis, da Torcida Jovem:

Sobre o policiamento militar, eu acredito que há anos e anos estar na mão da Polícia Militar, acho que não vai ser de uma hora para outra que vai conseguir tirar da mão deles. Porém, eu acredito que a Polícia Militar não pode ter força tão grande para mandar no futebol igual ela tem. Ela tem de mandar na Segurança. E o clube tem de ter responsabilidade sobre o estádio dele.

Então primeiro começa assim: ele passou por onde? Ele pulou o muro? Como que ele entrou no estádio? Ele foi revistado. Então teve um erro da revista. Aí ele acendeu a maconha e fumou a maconha na arquibancada. Um torcedor que foi na ocorrência do jogo estava falando que foi um torcedor; que as câmeras registraram. Se as câmeras registraram, e foi um torcedor, por que ele não saiu preso? Sabe o que aconteceu? A torcida foi punida. Aí eu pego o meu torcedor e falo para ele: “Você não pode brigar; você não pode tacar pedra; você tem que respeitar o policial; você tem que não sei o quê”. Aí eu faço um comunicado: “Olha, a Torcida Jovem está punida de tal jogo porque um associado, ou um torcedor, acendeu um entorpecente na arquibancada”. Imagine esse torcedor como fica. Por isso que eu falo: para mim gera o ridículo isso.

E estranho, que um jogo antes tinha sido a Sangue Jovem, e, um jogo depois, a Torcida Jovem. Eu também tenho que pegar o torcedor que está fumando na arquibancada e levar ele preso. Por isso que eu estou falando: o policiamento é responsável pelo estádio? É. Então seja responsável. Se tem um torcedor fumando maconha, você vai lá, registra esse torcedor. Não é assim, quando jogam copinho dentro do campo? Não é pego? Porque é interesse do clube, senão o clube vai perder mando de campo. Então a polícia faz o que o clube quer: “vai lá e prende aquele cara”. E por que, quando acendeu uma maconha, a responsabilidade é da torcida? Então eu acredito que tem que tirar o poder de festa, porque acaba sendo até uma covardia a divisão que fica. Porque eu não consigo entrar com tal material porque eu não tenho força política, ou porque eu não tenho costas quentes, ou não tenho membros meus em tal órgão, mas tal torcida, por que consegue? E como eu explico isso para o meu associado? Por que o meu associado pergunta: “Por que tal torcida entrou com bandeira dentro do campo e na arquibancada, e para vocês foi prometido – foi prometido para nós, no jogo contra o Figueirense, e foi barrado em cima da hora, a gente com os bambus dentro do estádio.

R – Eu acho que, por enquanto, eu sou a favor, desde que seja feito um trabalho... Vamos supor, se for tirado esse poder da mão da Polícia Militar, tem que ser feito um trabalho aos poucos. Eu acho que o grupo de policiamento tem que ser cadastrado também, e ter um grupo fixo para fazer o trabalho de estádio. Não pode ter um policiamento que está acostumado a, por exemplo, invadir presídio, e ele está lidando

com torcedor. Porque, quando eu achava que o problema era só com nós, quando estávamos com a camisa de torcida organizada...

Álvaro, da Leões:

Nesse jogo da Portuguesa e Vila Nova, a gente foi lá no 2º Batalhão do Choque, num dia programado – acho que eram quatro dias úteis –, para fazer o protocolo de material que a gente queria entrar – 10 bandeiras, 3 faixas e bexigas. A praxe é assim: qualquer torcida vai lá, protocola no Choque o material que você quer entrar no respectivo jogo. O pessoal de eventos lá do Batalhão de Choque dá o seu ok, e a gente entra com essa documentação com o protocolo em mãos. Nesse jogo, a gente pôde entrar com as faixas, e não pudemos entrar com as dez bandeiras. E não foi apresentado uma devolutiva para a gente de por que a gente não pôde entrar com essas dez bandeiras, e por que a gente não pôde entrar com a bexiga. Eram todas bandeiras relacionadas a jogador antigo da Portuguesa, a títulos nossos, a símbolos nossos, que a gente usa o leão. Não pôde entrar.

Pergunto aos senhores como isso afeta na liberdade de expressão dentro de um estádio de futebol aqui em São Paulo. Por exemplo, a Leões é a única torcida da Associação Portuguesa de Desportos. Porém, não existem outras torcidas, porque tem um processo de burocracia de cadastramento enorme. Hoje você tem bem menos torcidas do que se tinha nos anos 90 – antes de 92, para ser mais exato –, porque houve um processo de criminalização muito forte em cima das torcidas organizadas. E essa criminalização foi pautada primordialmente pela mídia.

A mídia entrou para criminalizar as torcidas organizadas porque viu que poderia dar problema, poderia afetar o seu lucro, a sua lucratividade, e a mídia cai matando. Cai matando desde antes de 92 e vem matando até hoje.

“A mídia entrou para criminalizar as torcidas organizadas porque viu que poderia dar problema, poderia afetar o seu lucro, a sua lucratividade, e a mídia cai matando. Cai matando desde antes de 92 e vem matando até hoje.

Outro dia eu estava almoçando e vi o Thiago Leifer comentando que, em um estádio x, que não vem ao caso, aqui em São Paulo, tinha três perfis de torcedores: um que ia com a família, que entrava três horas antes; outro, que a gente chama da “turma do amendoim”, o pessoal que fica no radinho, que chega uma hora antes, duas horas antes; e ele falou também que tinha um terceiro grupo de torcedores, que entrava 15 minutos... “

O SR. ÁLVARO – Então, Calvo, essa questão é uma coisa bem intrigante. Eu até queria trazer essa dúvida para todo mundo, para reflexão. Por exemplo, a gente tem uns dois, três canais, que falam umas quatro, cinco horas por dia, de segurança pública. Eles pautam segurança pública no estádio de São Paulo e na cidade de São Paulo. Tem emissoras grandes envolvidas, e tem gente até que faz parte da vida política. Tem muita gente que se promoveu em cima da criminalização de torcida organizada, e hoje está lá na ALESP, está lá em Brasília, está em um monte de lugar. E o pessoal capitaliza isso através de mobilização na sociedade civil, capitalizando voto. Eu acho que é isso

mesmo, e a imprensa muitas vezes faz o papel sujo de xingar, de falar mal, porque o pessoal fala mal mesmo.

Por exemplo, se tiver uma briga na rua, na Marginal, que nem é perto da minha sede, da Leões da Fabulosa, que é na Nestor Pascoal, que é mais para o lado do Pari. Mas, se tiver algum problema na Marginal, a culpa vai ser da Leões. Mas a gente está na nossa sede social, que é humilde, é pequena. Mas a gente está lá. Como que a gente vai ter o controle sobre 16 mil pessoas que estavam no Portuguesa e Vila Nova? A gente não tem condições.

Para mim, a responsabilidade da imprensa... Por exemplo, você citou um caso agora do suposto palmeirense que teria matado um santista, e nós estávamos falando de uma véspera de final entre Santos e Palmeiras. A imprensa divulgou que teria sido isso, saiu até no Jornal Nacional – briga de torcidas, e tal, siso e aquilo. E foi comprovado que não foi briga de torcida, que foi briga pessoal, que eles teriam brigado antes num posto. Igual foi falado antes: não esclareceu, a imprensa não foi e esclareceu.

Por exemplo, o Guedes já não sabia que tinha tido esse esclarecimento. Imagine quantos santistas e quantos palmeirenses também não sabem que foi esclarecido? Que nível de nervos que nós chegaremos para o jogo.

O SR. ÁLVARO – Então, se você for ver, muitas vezes... O Mesa Redonda: se tiver um clássico entre Palmeiras e Corinthians, as cinco bolas na trave que o jogador chutou não tem graça, mas aquele puxãozinho na camisa, que supostamente foi pênalti ou não, os caras vão mostrar durante 45 minutos do programa. Então, se a torcida abriu um bandeirão, e a outra tentou abrir um maio, se uma abriu descendo de cima para baixa, e a outra debaixo para cima, qual ficou mais bonito, para eles não tem graças. Mas se um idiota veio e tentou tacar uma pedra, errou e ou pegou na janela e saiu correndo, aí eles vão mostrar na câmera lenta, na câmera invertida, e vai falar que se pega na cabeça de criança, e como que vai levar o filho para o estádio. O Flávio Padro faz campanha há anos; por causa de uma briga particular dele, ele faz campanha há anos falando para ninguém ir ao estádio.

Eu mesmo, a nossa torcida, nós ficamos anos sem dar entrevista para nenhum tipo de imprensa devido a esse tipo de coisa. E a gente descobriu que era uma pauta da edição de um certo jornal: que toda torcida organizada teria que ser mencionada como facção. Facção dentro do jornal. Então falei: “então a gente não dá entrevista enquanto vocês não colocarem a gente como torcida; se for como facção, a gente não dá entrevista”. E foi uma matéria que foi feita que fazia dez anos que o Santos tinha tido as pedaladas do Robinho, e eles aceitaram fazer a matéria com a gente sobre isso, e aí aceitaram não colocar facção.

A partir do momento que um pai lê um jornal e fala assim: a facção Torcida Jovem. “Cara, ôpa, peraí, meu filho está fazendo parte de uma facção?” Porque facção, no Brasil, eu aprendi que é o PCC, é o Comando Vermelho, e cada estado tem as suas facções. A partir do momento que vinculam a torcida organizada, que eu entrei na Torcida Jovem, com 13 anos, em 93, ainda todas tinham o nome de torcida

uniformizada. Na época, todo mundo era torcida uniformizada. Então, tipo assim, “A torcida uniformizada tal”. Por quê? Porque a gente se caracterizava por isso mesmo, por todo mundo se vestir igual, cada um só tinha uma camisa para vestir mesmo, e todo mundo ficava igual, e assim que a gente cresceu e se caracterizou.

Então esse que é o problema da imprensa, em si, porque ela faz com que o pai de família tenha o preconceito contra a torcida organizada. Eu mesmo, durante anos, anos e anos, eu venho aprendendo. Eu sou conselheiro do Santos. Até hoje, no Conselho do Santos, tem pessoa que fala para mim: “Pô, eu fui num jogo com vocês lá, e é diferente, cara”. Como se fosse assim: “Eu fui numa jaula e os leões não me atacaram; abriram a jaula, e o leão não veio para cima de mim”. Então é isso que fizeram com a sociedade.

Outra coisa que também teve o papel da imprensa, que já não foi a imprensa, já sanguínea mesmo, que foi por parte do Datena, quando foi mencionado pelo promotor que as torcidas organizadas todas, tirando a Mancha Verde, estavam envolvidas com o PCC. Eu acho que, se isso tivesse acontecido, a Secretaria de Estado, e esta mesma CPI, tinham que se aprofundar profundamente nisso, o promotor teria que vir e provar tudo isso que ele falou. Ele tinha que pegar todas as torcidas que estão, e citar. A Torcida Jovem tem PCC? Quais são os PCCs que estão lá dentro? Por que ele está lá dentro? Por que a polícia não prendeu ele? O que ele está fazendo na rua? Se vocês sabem que ele é PCC, o que ele está fazendo na torcida? Porque eu só tenho uma obrigação dentro da minha torcida: acolher o santista. Eu aprendi com o fundador da minha torcida que na minha torcida tem de marginal a marechal, só que tudo isso da porta para fora; dentro da torcida, quem manda sou eu e a minha diretoria, não tem PCC que manda dentro da minha torcida. Então se o promotor sabe que tem PCC na minha torcida, ele tem que fazer uma força-tarefa, ele tem que chamar o Secretário de Segurança, ele tem que chamar o DEIC, e tem que prender todos os PCCs que estiverem lá dentro da torcida. Porque, se ele está na rua, se ele está solto, se ele está em liberdade, a responsabilidade não é minha.

O SR. PRESIDENTE (Laércio Benko) – Você é uma pessoa maravilhosa, otimista, mas acho que a torcida organizada, agora, nesse momento, queria mesmo era começar a ter direito a entrar no estádio, pelo menos ter um banheiro decente para utilizar, e conseguir comprar um sanduíche a um preço praticado em qualquer bar ou lanchonete de fora do estádio, e não pagar 20 reais em um lanche. É um absurdo as práticas. Os torcedores pagam o ingresso num preço igual aos demais torcedores, e têm um tratamento muito ruim. O nosso preço é europeu, e o nosso tratamento dentro dos estádios é horrível.

O SR. FLÁVIO GUILLE – Eu vou responder essa. Eu acho indiferente, viu, Alessandro, porque pode vender bebida, hoje vende refrigerante. Eu tomo refrigerante, porque eu prefiro beber cerveja depois do jogo, quando estou mais tranquilo, mas é bom a gente refletir um pouco também sobre a situação da cidade de São Paulo. A cidade de São Paulo é uma cidade muito violenta. Vocês podem observar lá no mapa da violência feito pelo Governo Federal; São Paulo é uma cidade que tem os maiores índices de violência do Brasil. Você pega outras cidades que também têm envolvimento em

morte, infelizmente, com gente de torcida organizada, você pega Maceió, você pega outras regiões do Brasil em que a situação da violência da juventude, da mortalidade da juventude é muito agravante. Eu acho que a gente precisa refletir um pouco sobre isso, porque senão a gente vai tirar o futebol, vai tirar o torcedor do estádio, falar que é um negócio à parte da sociedade; e a gente não é, a gente está incluído na sociedade. Como a gente está numa sociedade violenta, é bem complicado para a gente dialogar com os nossos associados, torcedores da Portuguesa. Por exemplo, a gente não incentiva a violência de qualquer tipo, a Leões da Fabulosa. A gente tem essa prudência, mas, mesmo assim, a gente não tem como responsabilizar a violência fora da porta da nossa sede. Isso eu ressalvo aqui para os senhores.

E só para falar outra coisa também, é importante entender os fluxos de torcedores, porque a sociedade é gigante e a gente está numa região metropolitana, a maior região metropolitana da América Latina. Tem fluxos, por exemplo, de torcedores da zona Leste que vêm fora de São Paulo, da zona Oeste fora de São Paulo também; tem gente que vem da Linha 7 - Rubi, vem lá de Jundiaí, vem tudo ver jogo, e a gente fica bem limitado na nossa situação, porque, em dia de jogo mesmo, a gente não consegue, eu particularmente não consigo sair da sede porque eu tenho que dialogar com as pessoas, tenho que receber as pessoas que estão chegando à sede, os nossos associados. É complexo.

O SR. CALVO – É, a não ser que tenha uma forma de...

O SR. DENIS DE ALMEIDA – Sobre a bebida, eu acredito, na minha opinião, está sendo liberada a bebida por causa da força das grandes cervejarias, principalmente a que vem patrocinando, se eu não me engano, está patrocinando não só a Federação Paulista como os quatro grandes clubes. Não que isso influencie, eu acredito que não vá influenciar; eu não bebo, nunca bebi. Para mim, tanto fez ou tanto faz, só que eu acredito que isso aí é mais uma força do mercado. O que acontece? No Carnaval, tanto no Rio como em São Paulo, as grandes cervejarias se aprofundaram no patrocínio de todas as grandes escolas; brigam pelo desfile, brigam por isso, brigam por aquilo. Por quê? Porque é consumido durante os ensaios, é consumido durante os desfiles e é um grande *marketing* para essas cervejarias.

Agora, sobre a violência, sobre aumentar a violência por causa disso, eu acredito que não, porque, por exemplo, no Paraguai e no Uruguai é proibido entrar bêbado no estádio. Eu fui para a final da Libertadores entre Santos e Peñarol, muitos torcedores foram barrados e tinha bafômetro na porta do estádio. Então, eu vi muitos torcedores chegando, muitos santistas chegando e sendo barrados e nem estarem no nível que eu já vi entrar aqui no Brasil, mas foram barrados por causa do bafômetro. Aqui em São Paulo não tem isso, o cara pode beber, beber o quanto quiser antes de entrar no jogo e entrar e acabou. Talvez ele tendo condição de beber dentro do estádio faça com que

ele chegue antes e se divirta mais e tal, mas eu vejo isso mais como uma força das cervejarias.

O Sr. Laercio Benko – Estive aqui como os presidentes da Gaviões da Fiel, da Pavilhão 9, da Mancha Verde, da TUP, da Independente, da Dragões da Real, da Torcida Jovem, da Leões da Fabulosa e tenho certeza de que eu posso convidar qualquer um dos senhores para sair do País comigo. Mas, se o Presidente da Confederação Brasileira de Futebol puser o pé para fora da divisa, ele estará imediatamente preso. Então, quem é bandido nessa história? É isso que nós temos que apurar.

O problema que eu tenho em todos os jogos acontece com os torcedores daqui de cima quando o time vai jogar lá embaixo. Você paga 200 reais no ingresso, se é palmeirense, os seus torcedores vão sentir isso. Vão pagar 200 reais para assistir à Copa do Brasil correndo o risco de chegar lá com o jogo começando, com 20 minutos de jogo, 30 minutos de jogo e ninguém está nem aí. E aqui vai acontecer a mesma coisa: a gente vai chegar à arena com dez minutos de jogo, com 15 minutos de jogo e ninguém está nem aí. Então, precisamos exigir das autoridades, já que eles estão escoltados e eles exigem ofício para escolta, a gente precisa chegar ao jogo na hora marcada. Se o jogo começa às quatro ou às cinco, no fim de semana, eu quero estar lá às quatro ou às cinco. Se o jogo vai ser às dez horas por causa da Rede Globo, eu preciso estar lá no mínimo às nove e meia, e isso não vem acontecendo em clássico. Fica muito fácil para o policiamento que tem uma verba de gastos numa escolta dessas. Como eles costumam falar: “não podemos fazer dois jogos no mesmo dia porque nós gastamos não sei quantos mil para fazer uma partida”. Mas, espere aí, então, já que gastam não sei quantos mil do público, que é dinheiro do povo, aquele torcedor, aqueles cinco ônibus, dez, um, 20, eles precisam chegar no horário da partida, e não vem acontecendo isso. Então, precisamos saber o porquê de não estar acontecendo isso. É mais prático chegar com o jogo começando? Por quê? Por que está todo mundo lá? Mas e os 200 reais que eu paguei no ingresso, vão ser divididos? Vão me cobrar só o período em que eu assisti ao jogo? Isso aí está acontecendo com todas as torcidas, não é só com a Torcida Jovem. Está acontecendo com a Torcida Jovem e até quando a gente joga em casa, em Santos, porque eu preciso da escolta de São Paulo. Então, o Batalhão de Choque me escolta até o começo da Anchieta e a Rodoviária me escolta até Santos. As torcidas de São Paulo estão sofrendo isso em Santos, e a gente está sofrendo isso em São Paulo. Isso aí ninguém comenta, ninguém fala, e a gente sabe que isso aí é tática da Polícia para diminuir o problema, só que isso aí não é justo.

9.8 - TIPO DA REUNIÃO: ORDINÁRIA 02/12/2015

Temos hoje como convidado o Dr. Paulo Sérgio de Castilho, Promotor de Justiça do JECRIM, que tem experiência vasta sobre o presente assunto.

Laércio Benko, ao abrir a sessão que teve o depoimento do promotor Paulo Sérgio de Castilho:

“Quero passar rapidamente para o senhor o que nos levou a requerer esta CPI. Foi requerida por mim, sou um apaixonado pelo futebol, onde nós vemos que a situação da violência tem crescido, mas tem mudado. Há uma década era muito concentrada dentro dos estádios e hoje, talvez, o lugar mais seguro para se assistir a um jogo de futebol seja dentro do estádio.

Eu, por exemplo, levo meu filho em todos os jogos do meu time, o Palmeiras, mas não o deixo, em hipótese nenhuma, andar com a camisa do Palmeiras em dia de jogo, porque é realmente algo perigoso.”

“Por uma situação de conveniência de vários órgãos envolvidos até hoje, eu tenho uma ideia e nós verificamos, que apenas se criminalizou, investigou e atacou as torcidas organizadas. Realmente em muitos aspectos não são santos, não merecem ser excluídos do problema, mas não podemos olvidar que são parte do problema, mas não o todo.

Infelizmente, quando se vê uma questão de violência só se ouve críticas às torcidas organizadas e, em alguns casos, à Polícia Militar. São dois personagens. As torcidas organizadas têm ligação direta; a Polícia Militar está lá porque é obrigada ficar dentro e fora do estádio. O policial militar não se alista voluntariamente para tratar e cuidar de torcida organizada. Tenho certeza que a maioria deles até gostaria de estar fazendo outra coisa.

Por exemplo, nós tivemos recentemente o Supremo Tribunal Federal, no caso do Mensalão, julgando e acatando uma teoria do Direito que é a Teoria do Domínio do Fato, levando, inclusive, à prisão de alguns políticos.

Mas no futebol nós não temos, estamos longe de ver a Teoria do Domínio do Fato ser aplicada. Por que eu digo isso? Não dá para a gente ignorar que o Corinthians, o Palmeiras, o São Paulo, o Flamengo, o Santos, ou seja, todos os grandes clubes do Brasil sabem da existência das torcidas organizadas.

Não dá para esquecer também que esses clubes, no mínimo, isso nós podemos afirmar, permitem a utilização dos símbolos dos clubes pelas torcidas organizadas. Eu, por exemplo, como Palmeirense desde nascença, se eu fizer 30 camisas do Palmeiras, com o símbolo do Palmeiras e colocar “cortesia do Vereador Laércio Benko”, o departamento de marketing do clube proibirá essa utilização. Serei notificado imediatamente.

Mas todas as torcidas uniformizadas do Palmeiras, do Corinthians e dos demais clubes, usam o distintivo do clube. Mas há uma exceção que eu vi até hoje, a do Cruzeiro

Futebol Clube onde o diretor de futebol proibiu esse tipo de utilização. Por isso, eu não citei o Cruzeiro, porque foi o único que se valeu, talvez até sem pensar, mas acabou acatando a tese da Teoria do Domínio do Fato.

Também não podemos ignorar que as federações e confederações que, no que lhes interessa, interferem em tudo dentro do futebol, ameaçando às vezes punir clubes e uma série de coisas, mas naquilo que não interessa como no caso das torcidas organizadas, eles deixam meio que para lá, fingem que não estão vendo, mas já que são os donos do futebol, afiliados à FIFA, que é a dona do futebol no mundo; já que a Confederação Brasileira de Futebol, é a dona do futebol no Brasil; a Federação Paulista, é a dona do futebol no Estado de São Paulo, eles teriam, sim, na minha modesta opinião, também que ser responsabilizados por quaisquer atos.

Aonde eu gostaria de chegar nesta CPI, que não é segredo para ninguém? Nós temos que criar mecanismos de responsabilizar, não só a torcida uniformizada, por qualquer ato que seja cometido, em qualquer lugar do Estado de São Paulo, ou do Brasil, mas temos que responsabilizar também os clubes de futebol. Porque ou os clubes proibem a existência da torcida uniformizada – e quero ver clube ter peito para isso.

Tenho certeza que o caso que aconteceu no Cruzeiro foi absolutamente isolado, não repercutirá em outros clubes. Não vejo principalmente em São Paulo os clubes proibindo as torcidas de usarem seus símbolos. Enquanto não proibirem, são corresponsáveis, na minha opinião.

Não vejo, muito menos, a Federação – pode tomar o café do Barbosinha que é bom, é um café fantástico - e a Confederação sequer darem um pouco de opinião sobre o assunto, porque querem fingir de conta que o problema não é deles.

Há até, uma brincadeira que às vezes eu faço. Justamente eu a fiz quando estiveram aqui vários presidentes – é uma brincadeira séria, aliás – de clubes de torcidas uniformizadas. Eu falei: “Os senhores são acusados de muitas coisas, mas tenho certeza que se eu lhes convidar para ir para Orlando ou para Buenos Aires, os senhores pegam o avião e vão comigo. Mas o Presidente da Confederação Brasileira de Futebol não vai aceitar esse convite. Ele não pode por o seu pezinho fora do Brasil.”.

São situações que temos de analisar, ou seja, eu, na minha modesta opinião de consumidor assíduo do produto futebol, entendo que enquanto nós políticos – aí me colocando na classe política –, a torcida organizada, as autoridades, o Ministério Público, todo mundo não entendermos a situação como um todo e não responsabilizarmos todas as partes, nós continuaremos enxugando gelo. Não adianta só enxergarmos torcida organizada.

Não estou querendo tirar a responsabilização da torcida organizada, mas também eles não são o único elemento. Repito, a partir do momento que o clube de futebol

autoriza a utilização de imagem é corresponsável, na minha visão como operador do Direito. E também, da mesma forma, sob o mesmo raciocínio, as federações e a Confederação.

Feita essa breve introdução para o doutor poder se situar no contexto da nossa CPI, lhe dou mais uma vez as boas vindas e lhe passo a palavra, não só para o senhor colocar o que quiser, com a sua vasta experiência sobre o assunto, mas também sobre esses comentários que eu fiz. Seja muito bem-vindo, Dr. Paulo.”

Promotor Paulo Sérgio de Castilho:

Esse tema muito me aguçou, me mantém com vontade de trabalhar, vivo, porque me dedico a isso há 10 anos.

Quero deixar claro mais uma vez que faço isso por uma paixão, um ideal, não tenho pretensão política. Várias vezes em público já manifestei isso. Não sou e não serei candidato a absolutamente nada. Até porque entrei no Ministério Público depois de 88, a Constituição não assim permite. Quero deixar muito bem claro: não sou candidato a Vereador, Deputado, Prefeito, vice, nada, nada, absolutamente nada.

Tive a oportunidade de conhecer algumas legislações, estudar as do exterior, visitei a Espanha, Argentina, conheci a torcida organizada. Recentemente tive a honra de trabalhar com o Ministro Aldo Rebelo, no Ministério do Esporte. Fui durante dois anos diretor do Departamento de Defesa do Direito do Torcedor. Tive a honra de trabalhar na articulação da COPA, no Conselho Nacional do Ministério Público, que era junto com o Conselheiro Jarbas e presidido pelo Procurador Geral da República, o Dr. Rodrigo Janot.

Em 2010, fui o autor das propostas de alterações – não estou aqui fazendo autobiografia – que alteraram o Estatuto do Torcedor e criminalizaram algumas condutas.

O meu trabalho começou em 2005, Vereador, impondo o respeito e diálogo com as torcidas organizadas, tratando-os como seres humanos, respeitando-os como cidadãos e como pais de família. Sempre mantive essa linha. Frequentei várias sedes de torcidas organizadas, churrascos, homenagens, alguns deles já frequentaram até a minha casa. Alguns deles passaram o Natal na minha residência.

Quero dizer que a gente tem observado que a violência no futebol não é um privilégio do Brasil, é um fenômeno que ocorre no mundo todo. É o fenômeno de massa. Individualmente eles são bons jovens, trabalham, estudam, tudo tranquilo. Quando eles se reúnem, perdem a identidade e têm esse fenômeno de massa, com alguns ingredientes, onde vai a omissão do Estado.

Se eles sentirem um freio por parte do Estado, onde são trazidos para participar do processo e também são controlados, eles conseguem se comportar de maneira racional, adequada. Mas não estou dizendo que é aquele integrante de torcida organizada nem outro, qualquer cidadão porque na torcida organizada tem filhos de juízes, médicos, políticos, tem filhos de prefeitos famosos.

Continuando o raciocínio, temos uma classe de torcida organizada, eles são predominantemente pessoas de classe menos favorecidas, de periferia, onde encontram na torcida organizada alguma ressonância, onde se sentem importantes. É muito importante deixar claro que nesses dez anos que mantive diálogo, que mantive contato estreito com a torcida organizada, eu sempre fui traído por eles. Eles sabem, já conversei, a última reunião que tivemos no Ministério Público foi em 2014 e eu como todos os presidentes disse que estava voltando de Brasília, que estava mais encorpado, que tinha aumentado o meu relacionamento, eu tinha aumentado o meu conhecimento no tema e que tinha vindo para ajudá-los, mas que não iria compactuar com nenhum ato de violência. Eles não me levaram a sério e me desafiaram e foi um crescente a partir desse aviso em que começaram a se digladiar, e a ter homicídios quase que mensalmente. Temos números assustadores. Nos últimos dez anos chegaram a ser assassinados, ou tentativa de homicídio, perto de 20 integrantes da torcida Mancha Alviverde do Palmeiras.

Temos um quadro caótico em que estabeleceram um código de silêncio e eles têm confronto. Por exemplo, hoje me preocupa muito a Torcida Jovem e a Mancha que vai ter o clássico hoje à noite. Digo, sem nenhuma sobra de errar, que depois que implantamos o juizado do torcedor em maio com a competência ampliada. Esse foi um pleito meu de dez anos que conseguimos consumir e que temos hoje uma delegacia especializada onde temos um juiz especializado para toda a capital, todos os crimes do futebol e conexo ao futebol onde conseguimos nesses meses processarmos, prendermos e afastarmos do estádio mais de cem torcedores, V.Exas. podem constatar estatisticamente que de maio para cá não tivemos mais grandes novidades em torcidas, confronto, nenhuma briga. Por quê? Eles sentiram uma reação por parte do Estado. Eles mesmos estavam pedindo e esperando essa resposta. Então, deram uma acalmada, uma tranquilizada. Só que esse trabalho tem de ser diuturno.

“eu posso falar tranquilamente que 99,9% da violência que ocorre no futebol está por trás a torcida organizada. Eles perderam aquele princípio da torcida organizada, aquele lado romântico, onde eles incentivavam e cobravam o clube. Eles ganharam poder, faturamento. Uma torcida igual a Gaviões fatura esse ano fácil em torno de 10 milhões de reais. É um orçamento alto. Estou falando de Orçamento oficial, sem ter a parte do crime que se permeia, infiltra em algumas dessas torcidas. Não estou dizendo que todos são bandidos, não é isso. Mas é um ambiente favorável. Faço um alerta sobre a palmeirense. Hoje, a Turiaçu se tornou uma Amsterdam. Hoje, a Turiaçu em dias de

jogos é uma terra sem lei. Por quê? Eles aglomeram as pessoas ali que não podem entrar no estádio, tem ali comércio de maconha, cocaína, garrafas de cervejas que são aglomeradas e vai ser muito difícil intervenção policial.”

Eu ainda sugeri – e vou tentar fazer isso mais uma vez junto ao Secretário de Segurança Pública e o comandante da Polícia Militar – tem de se formar um cordão de isolamento. Fechar a Turiaçu em cima e só passar quem tem ingresso.

Nós não temos como controlar e se a polícia for interferir ali, hoje pode ser a tragédia anunciada. É uma bomba relógio e nós não desarmamos essa bomba porque diz que tem o problema do shopping, do trânsito, do carro e a torcida fica ali e vão ficar cerca de quatro mil torcedores sem ingressar, naquela rua estreita, o senhor imagina o que vai acontecer. O ingrediente: bebendo as coisas.

Então, falo para o senhor o seguinte, temos algumas coisas que precisamos enfrentar. Eu, em um determinado momento, em 2006, assinei o protocolo de intenções do CNPG, fui um dos subscritores onde nós trabalhamos pela proibição da bebida alcoólica.

Hoje, eu falo aos senhores, não é a posição do grupo do CNPG e nem do grupo que eu pertencço, é do Promotor Paulo Castilho e que precisamos repensar esse caso da cerveja e da bebida alcoólica. Por quê? As pessoas ficam ali na Turiaçu, no entorno, não se proíbe garrafa no entorno, não se proíbe bebida alcoólica, não se proíbe batizado, pinga, conhaque, tudo quanto é tipo de coisa e isso é em detrimento da segurança, do clube que tem prejuízo porque poderia estar investindo em atleta e você beneficia um mercado clandestino que não tem nenhuma fiscalização ali da vigilância sanitária, dos órgãos de segurança, nada. Sendo que você poderia permitir que esse torcedor entrasse uma hora, uma hora e meia antes, no estádio e tomasse a sua cerveja e o clube que melhore a fiscalização. Quem estiver embriagado não entra e quem estiver inconveniente é levado ao juizado ou é tirado do estádio.

Eu acho que esse é um tema que será vencido. Temos histórico onde foi liberada a bebida alcoólica como em Goiás, Salvador, recentemente, parece que está para liberar no Pará e em outros históricos. Não temos histórico que a violência aumentou e nem diminuiu. Não alterou isso daí. Então, são coisas que temos de enfrentar para poder melhorar o entorno.

“Falo aos senhores uma coisa que seria imprescindível para controlarmos a violência. Não consigo entender como o Estado de São Paulo não consegue implementar isso e o Rio Grande do Sul, com todo o respeito ao Rio Grande do Sul que é muito menor e muito mais pobre do que o Estado de São Paulo, e é um custo irrisório para o Estado

de São Paulo e seria um avanço e iríamos dar uma repercussão para o mundo é a tornozeleira eletrônica.

Tem torcedor que às vezes se exalta e é violento, mas não é bandido, não é o caso de mandá-lo ao cárcere, é o caso apenas de ele tomar uma punição restritiva e ele mesmo aceita de não ficar na proximidade do estádio ou por três meses ou por seis meses de acordo com a gravidade.

Como que a gente controla isso? É um rastreador, coloca lá e delimita o horário. Ele fala assim: “quarta à noite eu tenho faculdade”. Não tem problema, a gente autoriza você ir à faculdade e voltar para a sua casa. E eles mesmos querem isso. É muito mais custoso e trabalhoso o sujeito ter de sair da casa dele, ter de pegar um trem, pegar metro, ir a um determinado lugar, prestar o serviço, sair duas horas de manhã que não tem mais transporte público. Quem controla isso? É tudo uma burocracia.”

Recente decisão do Supremo e tem decisão do Tribunal do Rio Grande do Sul dizendo o seguinte: a Constituição diz que a prevenção em lugar público, aberto ao público é privativa da Polícia Militar. O estádio de futebol, embora o evento seja privado, é um lugar aberto ao público onde o sujeito que está lá tem o direito ao lazer, a ir com a família e foi até incorporado por lei como o patrimônio cultural, o futebol.

Então, eu sou contra tirar a Polícia Militar dos estádios. Sou contra tirar a Polícia Militar em jogos de futebol. Recente decisão do Supremo, nós temos caminhado nesse sentido. A Justiça já está começando a dar decisões derrubando essa taxa de polícia que é cobrada no Estado de São Paulo, que é muito alta e os clubes do interior não conseguem pagar.

Voltando ao tema de torcida organizada, Vereador, o tema está fácil de resolver. Se nós investirmos em um cadastramento da torcida organizada, investirmos em uma ação de socialização para eles, de termos ações do Estado, ter programas sociais junto às quadras que já estão ali os jovens, curso de computação, aula de futebol, aula de ginástica, atendimento odontológico, porque seria a periferia vindo até a torcida organizada é uma gama muito grande jovens, trabalhado com rigor na fiscalização, porque são meia dúzia de torcedores violentos que levam essa massa.

Eu posso falar para o senhor com a maior tranquilidade. Eu só não vou falar os nomes porque fica chato, mas, por exemplo, a gente sabe quem das torcidas organizadas são as pessoas que gostam da violência, impõem a violência para os demais associados. A maioria não quer violência. Eles querem festa e a gente é favorável à festa.

Na Espanha, a torcida organizada fica – desculpa a expressão, eu fui lá e vi – enjaulada: é tela, tela e tela em cima; vidro, vidro e tela em cima. Por quê? Para evitar que arremesse alguma coisa, para evitar a violência.

O Corinthians: está tudo bem lá porque o Corinthians está ganhando tudo. Eu queria ver se o Corinthians fosse rebaixado ou desclassificado, como aconteceu no Pacaembu, acho que foi em 2005, na Libertadores, onde teve aquela tentativa de invasão. Se fosse na Arena, como que ia segurar? Não segura.

Então a torcida organizada tem que ter essa consciência, Vereador. Nós podemos ficar do lado dela, mas eles têm que nos ajudar no espetáculo. Vamos... Quantos são? Cinco mil. vocês vão ficar aqui. Vocês querem o quê? Vamos trabalhar. Vocês querem bandeira, vocês querem festa, instrumento, cântico? Vamos ajustar, mas não vamos matar criança igual nós estamos fazendo, matando jovens, brigando, marcando emboscada.

Recentemente teve o problema lá na Imigrantes, da emboscada da torcida do Palmeiras pela Torcida do (?) Jovem, onde eles atropelaram e mataram mais um jovem do Palmeiras. Então, essas coisas que nós precisamos... Eu queria, meu sonho era ver isso: a gente poder ter: "Nós somos adversários, mas não somos inimigos". Para que essa intolerância?

9.9 - TIPO DA REUNIÃO: ORDINÁRIA 02/03/2016

DATA: 02 DE MARÇO DE 2016

Dr. Felipe Tavares Paes Lopes, Professor da Universidade de Sorocaba-Uniso.

Violência no futebol é plural.

Tem a violência física, mas tem também outras formas de violência.

Uma partida que termina quando não há transporte público para casa, isso é uma violência.

No Brasil infelizmente temos apostado ainda muito fortemente na repressão sem dar a devida importância a medidas de prevenção e, sobretudo, sócio-educativas.

Estive na Alemanha recentemente, duas vezes, fazendo pesquisa com as torcidas e com os projetos de prevenção local e uma coisa que me chamou atenção é que desde o início dos anos 80 eles vêm investindo muito fortemente num projeto chamado Projeto Torcedor, *Fanproject* em alemão.

Os *Fanprojects* são hoje em dia lugares físicos que servem de ponto de encontro para os torcedores. E lá estão presentes tanto educadores quanto assistentes sociais. Esses educadores e assistentes sociais fazem a mediação das torcidas com os dirigentes esportivos, com a polícia e com outros atores envolvidos no futebol e, ao mesmo tempo, dão toda assistência, todo amparo psicossocial para esses torcedores.

No início dos anos 80, na Alemanha, havia um problema muito forte de intolerância de diversos tipos. Em relação, por exemplo, tolerância com os imigrantes a ponto de os

grupos mais radicais de torcedores jogarem bombas nos lugares onde ficavam hospedados esses imigrantes.

Com esse trabalho de mediação e esse trabalho educacional nós temos hoje em dia, não é que não temos conflitos no futebol alemão, claro que temos conflito entre torcedores, mas o nível de tolerância parece ter subido significativamente, a tal ponto de que quando houve a questão da Síria, a questão de toda a imigração na Alemanha, levantaram-se faixas que davam as boas vindas a esses novos imigrantes.

Isso faz com que num contexto marcado por profundas diferenças, desigualdades e num contexto de violência como é o contexto dos grandes centros urbanos brasileiros, o futebol não esteja livre disso. Seria de se estranhar que num contexto desse o futebol fosse uma ilha de harmonia e boa convivência. Então essa é a primeira coisa que não podemos perder de vista.

Talvez aquela que seja mais destacada por uma série de sociólogos seja a questão da masculinidade. Masculinidade que não está só presente no futebol, mas está fortemente presente nesse universo. Por que, por exemplo, há um engajamento em embates corporais entre torcedores?

Entre outras razões, porque o universo do futebol é marcado por um princípio de masculinidade que diz que é preciso resistir e é preciso tolerar a dor. Nos países hispano-americanos há até uma expressão para isso que é: *Aguante, hay que tener aguante*. Ou seja, é preciso aguentar. É preciso aguentar as adversidades. Como é que você mostra que aguenta adversidade? De uma série de formas. Pode ser, por exemplo, acompanhando seu time nas mais difíceis situações. Então o seu time está muito mal e mesmo assim você vai ao campo.

Pode ser enfrentando uma caravana. Uma caravana que vá para algum lugar muito distante. Pode até ser por meio, por exemplo, da auto ingestão de álcool ou pode ser por meio de embates corporais, dando o peito, resistindo aos ataques dos rivais e porque de alguma forma esse tipo de masculinidade, essa lógica do aguante (?), que é uma lógica que está muito presente no universo do futebol acabou atraindo torcedores. Hoje em dia, instituições que talvez antigamente fornecessem, fossem fontes de identidade, fossem fontes de pertencimento, de socialização, de participação política, não tem o mesmo poder de atratividade que já tiveram. Por exemplo, os sindicatos, os próprios partidos políticos, por exemplo, até o mundo do trabalho. Hoje em dia as torcidas acabam oferecendo, acabam sendo um espaço de socialização, um espaço de entretenimento, um espaço de formação de identidade que outras instituições outrora já conseguiram fornecer. Por isso que repito que a questão cultural é muito importante de ser trabalhada se a gente quiser pensar em prevenção de futebol.

Além dessa causa que eu diria mais... de cunho mais sociológico a gente tem algumas questões óbvias, tem a questão da própria organização dos eventos esportivos. Você obviamente, quando o torcedor é maltratado, ele reage mal. Se você tem uma polícia que ela é truculenta, o torcedor vai responder com truculência. Então, você tem a questão da organização dos eventos esportivos, você também tem uma questão que você não pode perder de vista que é uma questão que eu diria mais psicológica, que a violência é fonte de excitação. Ela produz excitação. Se você não tiver isso... assim como os esportes radicais costumam provocar excitação, a violência é uma grande produtora de excitação. Você não pode perder esse elemento psicológico também.

A Inglaterra postou, sobretudo, no Governo Thatcher fortemente na repressão, fortemente. A tal ponto que os grupos hooligans, as firmas hooligans, eram tratados como grupos terroristas. Tinham o mesmo estatuto do Ira. Ali você já tinha nos anos 80 mecanismos muito fortes de vigilância e repressão e isso não evitou que nos anos 80 ocorressem as maiores tragédias do futebol inglês. Tivemos tragédias de grandes proporções nos anos 80, no futebol inglês, mesmo com essa aposta tão forte na vigilância e na repressão.

Quando é que começa a mudar na Inglaterra? Eu nem sou tão fã do modelo inglês, mas quando é que começa a mudar? Quando eles começam a entender que a organização do próprio evento esportivo é fundamental para que você evite esse tipo de confronto. Uma das coisas que eles perceberam é que as maiores tragédias do futebol, ou uma parte significativa das maiores tragédias do futebol envolveram, sobretudo, falta de organização. Por exemplo, superlotação. Superlotação é uma das razões para a morte no futebol. Então, ali eles tiveram a sacada de entender a necessidade de você reorganizar todo o evento esportivo. A Alemanha, que eu acho ainda mais interessante, além disso, destaca a necessidade de você trabalhar com os torcedores. As torcidas organizadas você tem uma oportunidade, o Estado tem uma oportunidade raríssima de aproximar de um seguimento da população, sobretudo, o jovem que vem de classe sociais menos abastadas tenham a oportunidade incrível de você se aproximar desse público e mais ainda trabalhar com esse público, trabalhar com medidas, por exemplo, no caso da Alemanha, sociopedagógicas, que tem sido fundamental, para, por exemplo, você ampliar a tolerância nas arquibancadas alemãs.

Na Alemanha, quem paga isso, não me lembro dos números exatos agora, mas tem uma parte significativa que é a Liga Alemã. Por isso a importância muito grande que eu acho da CBF participar desse processo de transformação cultural no que diz respeito ao universo dos torcedores.

Laércio Benko: Temos também outros exemplos para dar, esse eu senti na pele, durante uma diligência que nós realizamos na Arena Aliança onde na semifinal da Copa do Brasil, Palmeiras e Fluminense, onde nós para diligenciar entramos na beira do gramado ali, fomos muito bem recebidos pela Polícia Militar, fomos muito bem

recebidos pela Diretoria do Palmeiras e chegando lá no gramado veio um brucutu da Federação Paulista de Futebol enfiando a mão na câmera da TV Câmara “Municipal”, dizendo: “Aqui vocês não podem filmar”, “aqui vocês não podem fazer nada”. Ou seja, enquanto eles têm uma preocupação total com as suas imagens, não têm nenhuma preocupação com as consequências que as torcidas podem causar. Para eles, a torcida é um negócio que não lhe diz respeito.

R – Sem dúvida. Eles são organizadores do campeonato, e, conseqüentemente, do evento, eles têm ter que ter responsabilidade nisso também. Isso é evidente. Eu iria um pouco além, voltando para o caso do alemão, e entrando na questão da liga alemã. Foi um trabalho meio árduo de convencimento da liga alemã que eles tinham também a perder com a violência no futebol, porque, claro, se você tem violência, os estádios ficam mais esvaziados, enfim, uma série de problemas decorrentes disso. Eles não somente se limitaram à questão da organização do evento mesmo, que isso é óbvio – se existe um evento que está mal organizado, e, em função dessa falta de organização, existe violência, é claro que o organizador tem que ser responsabilizado –, mas, além disso, seria fundamental que houvesse um envolvimento mais profundo para que exista e haja essa transformação tão necessária.

Infelizmente eu não tenho os números aqui, mas, se não me engano, agora está por volta de 50%. Eu não tenho esse número exato, mas acho que é mais ou menos isso. Os *fanprojekt* (?) recebem quantidades significativas de recursos oriundos da Liga Alemã. Ou seja, é a Liga Alemã investindo em projetos educativo e socio assistenciais. Fazer prevenção de violência não é levar faixa ali da Federação no dia de jogo e dizer: “A Federação é contra a violência”. Isso, do meu ponto de vista, me parece mais um ato promocional da própria Federação do que propriamente uma campanha consistente contra a violência. Fazer prevenção radical da violência significa, no sentido de ir à raiz da violência, significa tentar concretamente transformar culturalmente esse universo, de forma criativa e pacífica. Para tanto, é preciso esse investimento fortíssimo em assistência social e em educação, que, no caso específico da Alemanha, faz também a mediação contra os atores, que é tão necessária.

R – Eu acho que a polícia é parte fundamental, tanto do problema quanto da solução. Tem de haver o diálogo, mas esse diálogo não pode ser... Primeiro: tem que ser um diálogo. Quer dizer, tem de pressupor não ser alguma coisa de cima para baixo; tem de pressupor uma certa horizontalidade. Segundo: se, em situações de conflito, me parece, pelo caso alemão, é sempre bom ter um mediador. Aqui no Brasil teria de ser repensado isso, porque, no Brasil, existe um diálogo maior entre as torcidas e a polícia. Mas na Alemanha, onde não existe esse diálogo, a figura do mediador é fundamental. O que eu posso dizer em relação à polícia, especificamente, de alguns estudos que eu tenho lido, é, primeiro, da necessidade de se especializar essa polícia. É preciso ter uma polícia especializada – o Rio de Janeiro tem o DGPE. É preciso ter uma polícia especializada para grandes eventos esportivos.

Entre outras coisas, o que os resultados das pesquisas que estão sendo realizadas na Europa têm indicado é que o modelo holandês – alguns outros países têm adotado esse modelo, mas acho que começou sobretudo na Holanda – tem sido muito bem

sucedido em grandes eventos. Qual é o modelo? É um modelo que geralmente vai um pouco na contramão do senso comum do que se diz que a polícia tem que fazer. Depois de uma série de pesquisas, eles concluíram mais ou menos o óbvio: que a grande maioria dos torcedores não vai ao estádio de futebol para brigar – apenas uma pequena parte. A grande maioria dos torcedores vai e age de forma ordeira. A não ser que, obviamente, que a polícia haja de forma truculenta com ele. Então qual que foi o princípio da polícia holandesa hoje em dia? Como ela tem agido hoje em dia? Ao invés de baixar o teto de tolerância, ele subiu o teto de tolerância, de tal modo que isso evita uma série de conflitos. Na Alemanha também é um pouco assim: a polícia só entra em último caso. Porque quando ela entra e age de forma desmedida, ou de alguma forma mais truculenta, isso alimenta mais empresa violência. Então vou dar um exemplo, para não ficar muito abstrato. Nas minhas pesquisas de campo na Alemanha, eu pude observar, por exemplo, em um dos jogos, que uma torcida – outra de lá – acenderam, no começo do jogo, um monte de sinalizador. Um monte. Eu não estou fazendo aqui o julgamento se isso deveria ser aceito ou não. O fato é que na Alemanha é proibido o uso de sinalizador. Qual foi a reação da polícia que estava no estádio? Ela entrou para tirar o sinalizador? Não, não entrou para tirar o sinalizador, ela deixou o sinalizador até que a fumaça abaixasse e os sinalizadores apagassem, ao mesmo tempo tinha todo o trabalho de inteligência policial, tinha gente ali observando quais eram os torcedores e tudo o mais. Isso fez com que, talvez, evitasse uma tragédia, porque se a polícia entrasse naquele momento o que aconteceria? Provavelmente iria ter uma reação violenta dos torcedores, a polícia teria que reagir e, conseqüentemente, poderia ter ali enormes problemas, até porque ali tinha torcedores dos mais diversos tipos.

Agora, só para finalizar, talvez eu tenha me manifestado mal, de forma alguma minha ideia foi responsabilizar única e exclusivamente a polícia. Pelo contrário. Acho, por exemplo, o jogo que termina quase à meia noite, sem transporte público, é um problemão para a polícia. Acho um absurdo o policial ter que lidar com um monte de torcedor com pressa e aborrecido, porque não tem transporte público para voltar para casa, numa situação dessa. Claro que numa situação dessa tem que se pensar nos organizadores do evento. A polícia, de forma alguma, é a única e exclusiva responsável pela situação.

Conte Lopes: Só uma colocação. Nós tentamos, quando Deputado na Assembleia, realmente mudar esse horário do jogo de futebol, que é um absurdo, até para quem vai assistir o jogo, para quem sai, mas chegou a um ponto simples, quem é que paga a conta do jogo às dez horas da noite, depois da novela? Era a Rede Globo de Televisão. A partir daí não se mexeu nenhum ponto nem para cá e nem para lá, se eles que pagam o futebol então não mexeram no horário também. Onde eles colocarem o horário, vai funcionar. Tanto que tem uns horários que vai pegar o horário coincidente com o de outros países da América do Sul. Então interessa servir realmente a emissora que está transmitindo a partida, o objetivo passa a ser simplesmente financeiro. Então parou o estudo, parou a CPI quando falaram isso: “Os próprios times de futebol, quem paga são eles”.

9.10 TIPO DA REUNIÃO: REUNIÃO DE TRABALHO – 30/03/2016.

Em razão da relevância do tema abordado e da representatividade dos depoimentos, mesmo não se tratando de reunião ordinária, juntam-se os presentes depoimentos ao conjunto probatório.

Presentes na abertura do Sr. Lúcio da Silva Blanco, Superintendente de Arrecadação do Sport Club Corinthians Paulista, e do Sr. Renato Renatino dos Santos, advogado do São Paulo Futebol Clube. Depois de iniciados os trabalhos, chegou o Dr. Leonardo Holanda, advogado da Sociedade Esportiva Palmeiras. A seguir, os principais trechos das manifestações dos representantes dos clubes:

O SR. LÚCIO DA SILVA BLANCO (Corinthians) – Com relação a essa questão, é importante ressaltar que os clubes já têm feito um trabalho nesse sentido, em especial vou falar com relação ao Corinthians.

Hoje, tenho uma gestão operacional na Arena Corinthians e também sou consultor na Federação Paulista de Futebol. Trabalho no sentido de entender na prática o que está acontecendo, isso já vem ocorrendo há tempos. Em especial, nesse momento foi formado um grupo na Federação Paulista de Futebol, onde existe a participação de oficiais do Segundo Batalhão da Polícia de Choque, do Drad, que é a Polícia Especializada nesse tipo de conflitos. A própria Federação Paulista participando, inclusive, com o objetivo de entender o que vem ocorrendo, o que tem agravado esse tipo de comportamento e quais são os procedimentos que podem ser tomados, enfim, melhorias que podem acontecer. Em especial no caso do Corinthians, existe, obviamente, uma relação com todos os seus torcedores. Não de maneira especial com a torcida organizada, até por conta de um projeto de venda de ingresso que ele foi implantado em 2008, e vem a cada ano, passando por melhorias e por evoluções e as torcidas organizadas inclusive fazem parte desse processo de venda de ingressos. Estou citando a venda de ingressos porque na prática, ele é, vamos dizer a porta de entrada para o estádio. É ali que se inicia a relação do torcedor com o clube, com o estádio, com todos que organizam o evento. Então é importante que esse segmento seja feito de maneira adequada. Como eu disse, o que estamos fazendo hoje é mantendo conversas, temos sempre reuniões preparatórias antes de cada evento, onde de torcidas participam dessas reuniões para alinharmos e melhorar procedimentos. Tivemos aí um caso no jogo retrasado, na Arena, no sábado onde houve um confronto entre torcidas e polícia militar que também já sentou-se a mesa todos, para que pudesse ser esclarecido o que aconteceu, o que motivou aquilo e também implantar procedimentos de melhorias para que isso não volte a ocorrer. No processo de conversas e tentar fazer com que o evento se organize de maneira melhor. O Corinthians já vem atuando nisso, mas como eu disse, pelo fato de também fazer um trabalho de consultoria junto a Federação Paulista, esse trabalho também vem sendo feito, através da federação, e com a participação de outros clubes.

Em relação ao conteúdo das faixas exibidas nas arquibancadas, algumas de protesto:

O SR. LUCIO DA SILVA BLANCO - O Clube não tem a menor preocupação do que está escrito na faixa. Então o direito de manifestação é livre. O clube concorda com isso. Só que a preocupação do clube, e minha em especial que sou responsável pela organização do evento, é que se entra uma faixa de maneira clandestina, pode entrar com outros materiais. Pode entrar com rojão, uma arma. Pode entrar uma serie de outros itens. A única preocupação é essa. E o que foi tratado nessa reunião preparatória, que acabei de falar para os senhores.

Medidas para aproximar torcida dos dirigentes.

O SR. RENATO (São Paulo) - Com relação às medidas, eu trago aqui uma teoria que eu chamo a teoria da janela quebrada. É uma teoria americana de um psicólogo de Stanford que entendeu que, quando colocássemos um veículo no bairro do Brooklin, que é um bairro um pouco mais popular dos Estados Unidos, ou em Palo Alto, independentemente do carro ter sido abandonado nesses locais, as atitudes neles a princípio eram diferentes. Então, no Brooklin esse carro foi completamente destruído e em Palo Alto esse carro manteve-se íntegro na sua integralidade, conservado durante um período. Depois que a janela foi quebrada, em Palo Alto, o carro também começou a sofrer a mesma forma de degradação que sofreu no bairro do Brooklin. O que ele diz é que se você deixar uma situação ao leu, você abandonar uma situação qualquer que seja ela vai sofrer a mesma consequência, independentemente do lugar que você esteja. Aonde eu quero chegar com isso? Hoje, para nós evitarmos principalmente a questão das brigas e desordens e atos hostis, tanto os clubes, quanto as federações e confederações, ou seja, as entidades de administração do desporto, quanto o poder público, devem agir em conjunto nisso. O clube é responsabilizado no limite da sua responsabilidade, de acordo com a Resolução do CNE Nº 29, de acordo com o Estatuto do Torcedor, que são todas as leis que regulam a partida esportiva. O poder público deve fazer a sua parte e as entidades de administração também têm de ser interessadas em resolver a situação.

O que o São Paulo Futebol Clube tem feito e fez no último ano para tentar evitar essas questões – e aí com base nessa teoria da janela quebrada. O São Paulo Futebol Clube reduziu o preço dos ingressos para tentar trazer a torcida mais próxima do clube, não só por questão de arrecadação, mas também com relação à motivação de atletas – o momento não estava bom, e tinha que trazer a torcida mais próxima do clube. Nós tivemos a promoção com relação a famílias. Você comprava um ingresso, e o segundo ingresso era gratuito para um familiar. Tivemos o do Dia da Mulher: compra um ingresso, para a mulher era gratuito. Tentar trazer as famílias dos torcedores para mais próximo do clube justamente para evitar essa questão de atos hostis e desordem nos estádios.

Vale ressaltar a questão do Estatuto do Torcedor, que, pelo art. 14, as entidades de prática são responsáveis pela segurança dos torcedores dentro e fora dos estádios, na área que permeia as arenas ou os estádios, no caso. E, para isso, todo o jogo, todo evento em que o São Paulo Futebol Clube seja mandante, há reunião prévia entre a equipe de segurança do São Paulo Futebol Clube e o Poder Público, para que possam ser planejados os acessos, as vidas de acesso para o estádio, tanto a entrada quanto a

saída desses torcedores, para que, de fato, seja evitado esse tipo de desordem e atos hostis, enfim, um cenário desfavorável para o cenário desportivo.

O SR. LEONARDO HOLANDA (Palmeiras) – Primeiramente, bom dia. Gostaria de cumprimentar V.Sa. pela presença, os demais colegas e todos os presentes.

Só fazendo um preâmbulo aqui: o Paulo Nobre agradeceu, pediu para que eu viesse e agradecesse pessoalmente o convite. Ele acabou não podendo comparecer justamente porque nós temos uma reunião no período da tarde que envolve CONMEBOL e os clubes brasileiros de uma eventual liga que vá se formar. Ele gostaria de estar presente, porque nós vivenciamos todos os dias e, recentemente, tivemos um episódio um pouco conturbado em relação às torcidas organizadas. Só pegando esse gancho do que os nossos colegas falaram, o Palmeiras não faz diferenciação entre torcidas; nós tratamos o torcedor de forma igual. É levada, lógico, em consideração a torcida organizada, mas a gente tem que fazer um planejamento ou algo em relação a todos os torcedores. Em todas as partidas de futebol que há no Allianz Parque ou no Pacaembu de mando do Palmeiras, nós fazemos uma reunião com o Poder Público, com o 2º Batalhão de Choque, sempre para evitar quaisquer danos que possam ocorrer. Logicamente, considerando o número de efetivos que vão à partida, talvez a gente não consiga controlar da forma ideal. Por exemplo, no caso que você mencionou das semifinais e finais, o Palmeiras não consegue fechar a rua, porque, embora já tenha solicitado anteriormente, sozinho ele não consegue; ele precisa do Poder Público para auxiliá-lo nas regiões. Para o torcedor, o Palmeiras tenta fazer medidas preventivas para que o torcedor chegue antes, porque nós temos um sócio-torcedor numeroso, há necessidade de eventualmente trocar o ingresso nas bilheterias; então o Palmeiras, de toda forma, tenta informar o torcedor para chegar antes, com uma hora de antecedência, porque sabe que esse tipo de problema vai acontecer, dependendo dos jogos de maior massa. Agora em relação aos demais questionamentos, o Paulo me pediu uma coisa específica aqui, até por conta da invasão recente da Mancha Verde na academia de futebol. Falo abertamente porque a Mancha Verde assumiu a autoria, por meio de uma nota oficial, e ele entende que a medida que tem sido tomada hoje, também já foi tomada pelo Ministério Público em relação aos TACs das torcidas organizadas; é uma medida imprescindível para o futebol brasileiro, mas, considerando todos os fatos recentes de invasão de torcida, do momento do time, ele pediu que um representante do Palmeiras viesse aqui somente e meramente como ouvinte, justamente porque ele não gostaria que pudesse, eventualmente, inflamar, o que já tem acontecido e que a gente está vivenciando nesta data, que é o conflito torcida organizada e associação esportiva.

O SR. RENATO - O São Paulo Futebol Clube tem, sim, uma política de ingresso com valor reduzido nas arquibancadas superiores, onde inclusive a Torcida Organizada do São Paulo Futebol Clube, não só a Independente, mas outras torcidas também. Inclusive, no ano passado, não foram raras as vezes em que oficiamos as entidades da administração para que pudéssemos vender o ingresso ainda mais barato do que o definido na tabela, justamente pelo momento em que o São Paulo Futebol Clube vivia na época e que necessitava do torcedor presente no estádio como forma de motivação, de festa, de arrecadação. Inclusive, essas entidades concordaram com os

argumentos apresentados pelo São Paulo Futebol Clube e chegamos a vender ingressos a dez reais. Tínhamos um valor reduzido com relação à entidade administração e o sócio torcedor tinha o benefício de um percentual de desconto proporcional ao plano que tinha adesão.

Com relação à proibição de mastros, sabemos que há uma proibição de lei específica que já tem alguns anos na cidade de São Paulo. No Rio de Janeiro não existe. Com relação às bebidas, ou seja, são proibições vigentes – em alguns estados estão sendo liberadas – para tentar coibir a violência nos estádios. Mas mesmo assim não estão sendo coibidas na sua integralidade. Então, essas medidas, na limitação da responsabilidade do clube, estão sendo tomadas, porém, ressalto que o Poder Público e as entidades de administração deverão auxiliar os clubes nessa demanda para que possamos evitar esse tipo de tumulto nas portas dos estádios, a desordem dentro dos estádios e também na ida e volta do torcedor para a residência depois do espetáculo esportivo.

9.11 TIPO DA REUNIÃO: ORDINÁRIA 11/05/2016

Representante da Federação Paulista de Futebol responde aos questionamentos da CPI e concorda com algumas propostas desta Comissão;

O SR. PRESIDENTE (Laércio Benko) – Bom dia a todos. Declaro aberta a sétima reunião ordinária da Comissão Parlamentar de Inquérito das torcidas organizadas no âmbito do Município de São Paulo (processo RDP nº 08-018/2013), na condição de reunião de trabalho, com a presença dos Srs. Vereadores Membros: Toninho Paiva e Nelo Rodolfo.

Estão presentes os convidados: Dr. Roberto Cicivizzo Júnior, vice-presidente do Departamento Jurídico da Federação Paulista de Futebol, e Américo Calandriello Júnior, representado a Federação Paulista de Futebol.

O SR. ROBERTO CICIVIZZO – Bom dia a todos. É uma honra fazer parte dessa mesa, e a Federação Paulista, com certeza, tem toda intenção de colaborar. Nobre Vereador Nelo Rodolfo, pessoa que admiro há muitos anos, grande parceiro, advogado. Nobre Vereador Toninho Paiva, pessoa ilustre, com quem tive um bom relacionamento. Estivemos juntos em várias ocasiões e sempre boas.

A Federação Paulista tem uma preocupação muito grande, o senhor disse que em 10 anos as coisas mudaram. Realmente, há 12 anos a Federação Paulista vem trabalhando junto com a Polícia Militar, Polícia Civil, Magistratura, Ministério Público e todos os órgãos envolvidos para poder realizar um trabalho cada vez melhor.

O primeiro advento e o pioneirismo nosso aqui em São Paulo foi trazer o Juizado do Torcedor. Na verdade começou com o Jecrim aqui em São Paulo. Nosso primeiro Jecrim é datado de 2004 e sentimos que a torcida, percebendo que tinha uma pronta resposta, a coisa começou a melhorar. É como o senhor bem disse. Hoje, dentro do Estádio, conseguimos ter uma tranquilidade, uma paz. Juntamente com o advento das

novas arenas, que dão um conforto maior. Uma tranquilidade maior. O nosso grande desafio hoje, infelizmente, é o caminho, o entorno. Isso é uma cidade muito complexa, muito grande, é um problema, de segurança pública que precisamos ver o que está acontecendo para poder movimentar isso. A Federação Paulista, junto com Ministério dos Esportes, também foi pioneira em fazer o cadastramento das torcidas organizadas. Hoje temos um número, de aproximadamente, 140 mil torcedores já cadastrados. Inclusive estamos tentando fazer, teremos uma reunião em muito breve com o Diretor do RGD, Dr. Caetano Paulo, a respeito de fazer um cruzamento de informações com o próprio RGD, para ver se isso é possível, se a gente consegue fazer um cadastramento, até em prol de ajudar o próprio juizado. Estamos empenhados em ter as famílias nos estádios. Todos os campeonatos, tentamos fazer essa promoção de trazer as famílias aos estádios. Deu certo e tem dado muito certo. Infelizmente, parece que esses episódios de violência fora do estádio afastam. Mas vimos que não aconteceu, nem na Arena do Palmeiras, nem na arena do Corinthians, muito menos na arena do São Paulo. Posso falar que o estádio do São Paulo teve um boom de torcedores de mais de 50 mil. Acredito que hoje teremos uma torcida bem representativa lá num jogo de Libertadores, o que nos preocupa, inclusive estaremos lá instalados com o juizado.

O SR. TONINHO PAIVA - Dr. Roberto, que tem procurado nos transmitir as providências que a Federação Paulista de Futebol tem tomado. E vejo que tem um avanço já, a instalação do Juizado Especial trouxe realmente resultados positivos. É lógico que é praticamente recente, ainda está na memória de todos os brasileiros, a seleção brasileira no papel da Copa do Mundo, em 2014. Isso realmente abalou o futebol, que está se recuperando e realmente precisa, porque o brasileiro tem o futebol no sangue. Recente, a medida que o Secretário de Segurança Pública de proibir as torcidas no estádio de futebol é um prejuízo para o futebol, porque tomam prejuízo os clubes que vão disputar, a Federação; todos perdem. Acho que realmente não é por aí que nós devemos proibir a torcida, acho que inibe de uma maneira até ferindo a Constituição, o direito de ir e vir. Agora o que nós precisamos é incentivar mais a juventude, para que realmente ela possa participar, criar um incentivo para que eles possam participar nas próprias escolinhas dos clubes, com aula sobre civismo, sobre a educação, sobre a participação nos campos de futebol, incentivando que levem a família, pais, avós, porque antigamente a gente ia ao campo com a família, de uma maneira até trajada. Tem fotos da década de 40, de 60, de pessoas trajadas com gravata no estádio de futebol. E isso tudo pode retornar. Quando se fala que a violência está fora do estádio, tem uma maneira de inibir também, de tomar providências, porque isso é combinado pela rede social, publicamente. A própria polícia deveria tomar providência, como no episódio da estação, na Praça de São Miguel, a polícia teria condição de ter evitado isso. Agora se proibir bebida no estádio, como bem falou o Laércio: em Ribeirão Preto, o Município aprovou a venda de cerveja no estádio, e em volta do estádio vende de tudo, não só cerveja como bebidas mais fortes, com uma dosagem de álcool maior, e outras coisas mais que a gente sabe que tem. Para isso também deveria ser tomada uma providência urgentemente, para que nós possamos realmente voltar a vender. Agora vêm as Olimpíadas, e a cidade de São Paulo vai sediar 11 jogos das Olimpíadas, então precisava realmente voltar a ter bebida nos estádios, porque tem numa cidade vizinha e não tem na cidade de São Paulo.

Então, eu acho que vocês têm tomado providências, houve um avanço, as arbitragens melhoraram. A gente acompanha. Eu fui federado, joguei na Portuguesa em 1957, posteriormente fui ao Juventus, então sou um apaixonado. Hoje sou conselheiro, há mais de 20 anos, vitalício do Corinthians. Então a gente tem essa paixão. Acho que o Presidente, Reinaldo, tem realmente se preocupado juntamente com V.Exa. com o nível não só do futebol, mas melhorar todas as condições de segurança. Eu gostaria de perguntar qual o caminho que nós podemos tomar na sede das torcidas uniformizadas, que foram diligências feitas pela polícia, e encontramos não só armamento pesado, mas droga, que é o grande problema do século. A juventude se droga e, depois, comete esses absurdos por aí.

O SR. NELO RODOLFO - Presidente, Dr. Roberto, só para começar eu não concordo com o senhor que é essa maravilha toda a gente assistir o jogo no Allianz Parque, eu acho que quando a gente está dentro do estádio é uma situação realmente de primeiro mundo, agora para chegar no estádio é um inferno. Trânsito não se tem onde parar o carro, onde você vai parar o carro o estacionamento cobra um absurdo, a fila que se forma para você chegar ao estádio, quer dizer, eu, por exemplo, deixo de ir porque é uma aventura central.

O que o Laércio colocou do Palestra Itália é verdade. A gente ficou sitiado lá. A gente fica sitiado, você fica sufocado, com filho, com a filha, é tanta gente. Quer dizer, eu não concordo. Acho que quando você está dentro do estádio você vive realmente uma situação de extrema felicidade de ver o Palmeiras ter um estádio daqueles lá. Mas até você chegar ao estádio, e para você sair do estádio, é uma aventura. É uma aventura. Dr. Roberto, obrigado pela sua presença, acho muito importante a sua presença como Vice-Presidente Jurídico da Federação Paulista.

Quero aqui lamentar um assunto tão importante desses, que o Vereador Laércio Benko teve a coragem de trazer aqui para a Câmara, a questão das torcidas, que são tratados como bandidos e não são bandidos. A gente tem bandido em tudo que é lugar, mas quero lamentar a ausência do Dr. Reinaldo, não ter vindo a esta CPI. Eu acho que o Presidente da Federação, ele, dentro da Câmara de São Paulo, onde tem muitos amigos.

O Dr. Reinaldo é um homem que nasceu dentro do futebol, é um homem probo, é um homem correto, acho que ele daria muito peso com a sua presença aqui na CPI. Então quero registrar a minha – não decepção – a minha tristeza de não ver o Presidente ter vindo aqui. Acho que ele era importante, porque ele é o Presidente da Federação Paulista de Futebol. Ele, como Presidente da Federação, é o campeonato mais importante do País, é a maior federação do País, eu acho que o Presidente tem que se posicionar em várias questões.

O que eu queria saber do senhor e saber se é isso que o Presidente quer, porque você tem na torcida organizada, você tem as medidas preventivas que são tomadas e as medidas punitivas que deixam de ser tomadas. Então quando um torcedor está depredando o metrô a polícia tem que ir lá e prender o cara que está estragando o metrô. Tem que ir lá e prender em flagrante. Se o cara está vendendo droga dentro do

estádio, tem que ser preso em flagrante como qualquer crime que se comete na Cidade.

Daí como a polícia é muito mais preventiva e deixa de ser punitiva, então, acontece é que torcida são todos são ruins. E não é isso que acontece.

O que eu queria saber do senhor, Dr. Roberto, é se a Federação Paulista de Futebol, nós tivemos agora, quando teve o jogo do Palmeiras e Corinthians, teve a briga fora do estádio, eu queria saber, o Presidente da Federação Paulista ele participou da reunião com o Secretário da Segurança, mas eu não ouvi nenhum pronunciamento do Presidente em saber se ele concorda ou não concorda com esse negócio de torcida única. Porque esse é o fim do futebol. É um absurdo você pegar um Palmeiras e Corinthians, São Paulo e Corinthians, Santos e Corinthians, e você não ter as torcidas para cada uma torcer para cada time.

Então eu não ouvi da Federação Paulista nenhum posicionamento em relação às medidas que foram tomadas. O Secretário da Segurança se manifestou e falou: “Tirem as torcidas e pronto, está resolvido o problema.”. Não está resolvido o problema. Qual que foi o posicionamento da Federação Paulista em relação às medidas que foram tomadas depois daquele jogo, Dr. Roberto?

O SR. ROBERTO CICIVIZZO JUNIOR – Primeiro, nobre Vereador, gostaria de falar da ausência do nosso presidente nesta Casa, que não se deu por qualquer outro motivo senão essa reunião de emergência da Conmebol no México, infelizmente, marcada para a mesma ocasião da...

O SR. NELO RODOLFO - Dr. Roberto, esta CPI começou em agosto. Nós temos requerimento desde agosto convidando o presidente para cá. Quer dizer, agora já não dá mais. Mas eu acho que de agosto até hoje ele poderia ter vindo em qualquer data, e foi convidado várias vezes, não foi, Presidente?

O SR. PRESIDENTE (Laércio Benko) – É.

O SR. ROBERTO CICIVIZZO JUNIOR – Então, quando me pediu para participar dessa reunião, justamente é porque eu é quem faço essas reuniões com torcida organizada no Batalhão de Choque. Talvez a pessoa que poderia esclarecer melhor até com relação a isso.

A Federação Paulista fez realmente um ofício e, se eu não me engano, foi noticiado até em nosso site, com relação à posição da torcida única.

Nós não concordamos com a torcida única, mas é uma ordem do Secretário de Segurança, então nós temos que acatar. A gente jamais iria contra o Poder Público e jamais trabalharíamos contra uma ordem de um secretário de estado. Então a gente tem que obedecer, tem que fazer o jogo como é determinado, como a Polícia tem-nos ajudado a fazer esse tipo de jogo. Vejo exatamente como o senhor, e tenho a certeza que a visão do meu presidente, Reinaldo Carneiro Bastos, que tire o brilhantismo do

futebol. Eu acho que faz parte do jogo ter o adversário, faz parte do jogo ter os hinos, ter os cânticos, ter as brincadeiras. Tudo faz parte. A única coisa que não faz parte, nobre Vereador, é a violência, comandada ou capitaneada por essa minoria dentro dos estádios, que traficam, que criam problemas, que criam brigas, que depredam patrimônio público. Concordo plenamente com o senhor, que tem que ter uma ação mais forte, e é isso que a gente espera do Poder Público. Uma ação mais forte, prendendo esses verdadeiros vândalos do futebol, que nada têm a acrescentar em qualquer coisa dentro da sociedade.

O SR. NELO RODOLFO – Dr. Roberto, a Federação já tem uma das sugestões que temos aqui, que os Vereadores fizeram, e eu coloquei no relatório, um cadastro de todas as torcidas organizadas em São Paulo?

O SR. ROBERTO – Temos.

P – Tem um cadastro atualizado, com foto, que nem aquela questão do celular que você colocou?

R – Temos, temos. É a única federação no Brasil, eu garanto para o senhor, com toda a certeza, que tem 140 mil torcedores organizados, cadastrados. Até quando eu falei com o delegado (Ininteligível), ele achou que eu estava brincando. Eu falei: “Gostaria de estar brincando, mas, infelizmente, é verdade”.

P – O senhor, como vice-presidente jurídico, o que o senhor acha da criação do Conselho Municipal do Torcedor na cidade de São Paulo, envolvendo as torcidas, o Ministério Público, a Polícia, todas as pessoas envolvidas no espetáculo do futebol?

R – Eu acho muito bom. Tudo o que vem para acrescentar e melhorar o espetáculo, é bom para o futebol, é bom para a população, é bom para a cidade. Eu só acho que a coisa tem que ser feita de forma séria e continuada. Não é uma crítica, nada disso. Até comentei com o senhor que, como é feito fora daqui, uma câmara do desporto. A câmara tem o poder de julgar o cidadão administrativamente. E é uma forma de a gente poder pensar, e vocês até pensarem uma forma de bolar isso. A participação da torcida é muito importante. A gente observou isso no processo do pré-jogo, na reunião preparatória que nós fazemos. Eles têm participado. Depois dessa medida de proibição das torcidas, raríssimos torcedores comparecem, principalmente nos grandes clubes, porque hoje o problema são os grandes clubes. Eu posso fazer um jogo Palmeiras e Santo André e posso ter as duas torcidas, mas não posso fazer um Palmeiras e Corinthians, um Palmeiras e São Paulo, e ter a mesma torcida. Esse realmente é o nosso problema. E eles não comparecendo, a gente perde a participação, eles perdem o grau de importância. Eu não acho isso interessante. Eu acho que a torcida tem que participar do processo.

P – Nós tivemos lá em Porto Alegre, há questão dois anos, a liberação das torcidas do Grêmio e do Inter, eles entrando juntos nos estádios. E agora virou até uma prática lá, e a violência diminuiu muito quando eles passaram a conviver nos jogos juntos, cada um torcendo para o seu time. O que o senhor acha disso aqui em São Paulo, de a Federação se posicionar em tentar misturar as torcidas?

R – Eu acho uma medida salutar. Nós já tentamos. Por incrível que pareça, isso deu muito certo no jogo Fla x Flu que nós fizemos aqui em São Paulo. Num jogo Corinthians e Santos, vou dar um exemplo aleatório, que até tive a presença da Assembleia Legislativa do São Paulo, do NAE – Núcleo de Ação Estratégico da Assembleia

Legislativa –, que quis participar de um jogo para ver como funcionava. E eles viram a dificuldade de colocar um santista no meio de um corintiano. Por causa dos episódios de violência, por causa da brincadeira, o cara não pode levantar num momento de gol. Eu acho que a gente tem que mudar isso? Eu acho. Eu, quando era garoto, assistia ao jogo assim, misturada, sem divisão de torcida. Eu acho que a gente pode voltar nesse tempo? Acredito que sim. É tudo uma questão de conversa, de mudança de cultura. Eu acho que, se a gente conseguir barrar a violência, a gente vai ter grandes avanços. Nós tivemos, nesses dez anos, e teremos muito mais, tenho certeza. Esse é o pensamento da nossa casa, é o pensamento do meu presidente, Reinaldo Carneiro Bastos, e é o meu pensamento pessoal: temos que mudar o futebol e acabar com a violência nos estádios. Isso vai acabar com os nossos torcedores, e não é intenção de ninguém.

P – A violência geralmente não é no estádio, né, Roberto?

R – Exatamente.

P – E a questão do horário das partidas? A Comenbol agora tem feito vários horários – terça, oito horas da noite... A CBF vai fazer jogo de segunda-feira à noite. A Federação já se posicionou em tentar começar o jogo mais cedo, às 21h, por exemplo?

R – Claro, com certeza. Mas é o que eu falei na resposta que eu dei para o Vereador Benko, nosso presidente: eu preciso ter um feedback do nosso parceiro comercial. Preciso saber como a gente pode modificar isso. Não adianta tomar medida arbitrária. Nenhuma medida arbitrária dá certo. Eu tenho esse pensamento para mim. Entendo que a gente precisa ter conversar, precisa ter posicionamentos para ver a mudança de jogo. Achei ótimas essas mudanças da CBF, bem como da Comenbol, e é claro que a Federação Paulista acompanharia qualquer coisa que for decidido nesse sentido, desde que conversado e acertado com todos os partícipes do espetáculo.

P – No Rio de Janeiro, a gente já tem a liberação das bandeiras, dos instrumentos, em Brasília também. O que o senhor acha de a Federação planejar o próximo campeonato, já com a volta desses instrumentos, faixas para as torcidas aqui em São Paulo?

R – Isso é um assunto que vem sendo debatido nessas reuniões com Polícia Militar que a gente tem tido na Federação Paulista. Uma forma de modificar as bandeiras, os mastros. A grande oposição que temos da Polícia é com relação ao bambu, porque tivemos alguns episódios no próprio Morumbi de policiais machucados, que o bambu acabou virando uma lance. Eu até tinha um posicionamento contrário, mas, quando eu vi a filmagem, até eu fiquei assustado, porque a gente não imagina que um torcedor pega aquilo e usa daquela forma, entendeu. Tem formas gozadas: o pessoal usava o bambu para fazer um depósito de cachaça, tinha até torneirinha – isso é folclórico. Mas quando é usado para violência como um material, uma arma, a gente tem que pensar e tem que ver uma forma.

Nós já fizemos alguns jogos aqui em São Paulo com os bandeirões na entrada do campo, na beira do campo. Isso deu muito certo no Corinthians. Por que não fazermos nos outros estádios? Temos que ver a possibilidade de o estádio se adaptar a isso. Se o estádio tiver condições de segurança de poder fazer isso, nós fazemos o cadastramento desses torcedores, o acompanhamento da polícia e cada um se responsabilizar pelo seu material, eu não vejo problema nenhum. É isso que falta, nobre Vereador “Deputado”: precisa a pessoa se responsabilizar pelos seus atos. A torcida organizada tem que responder pelos seus membros. É muito fácil um presidente de torcida vir, como deve ter vindo para vocês, e, quando chega para a

gente numa reunião: “Eu não tenho controle sobre os meus associados”. Mas você é o presidente, você tem que ter uma forma de controle, você está lidando com uma massa, que pode ser perigosa e se tornar violenta a qualquer momento. Então isso a gente quer sentir desses presidentes de torcidas organizadas. E eles têm que ser os partícipes dessas reuniões, dessas conversas. Precisamos da ajuda deles.

P – Obrigado. Eu também não concordo com o senhor que o presidente é o culpado disso tudo. Ele pode ter até uma responsabilidade, mas a reação do torcedor, do camarada que vai lá e pega o revólver e dá um tiro na cabeça do outro, o presidente não tem culpa do camarada que fez isso. Mas, Dr. Roberto, muito obrigado pelos seus esclarecimentos.

Presidente, obrigado. Bom dia.

R - Se eu pudesse só fazer um adendo, Vereador Nelo.

Também acho que o presidente não é responsável, eu só uma fiz uma citação, de que a pessoa deve ser responsável pelos seus atos, não que ele seja responsável por toda a sua torcida num ato de violência extrema. Mas a gente que participa de uma reunião preparatória está envolvendo muita gente para fazer 90 minutos de espetáculo. Então a pessoa tem que ser coerente, ter um pensamento do começo ao fim da mesma forma, não o responsabilizando diretamente.

10 – CONVIDADOS QUE COMPARECERAM ÀS REUNIÕES DESTA CPI

Nº	Convidado	Orgão/Empresa/Instituição
1	Major Luiz Gonzaga de Oliveira Junior	Comando do 2º Batalhão de Choque
2	Dr. Mário Sérgio de Oliveira Pinto	5ª Delegacia de Polícia de Repressão e Análise aos Delitos de Intolerância Esportiva - DRADE
3	Sr.Rodrigo de Azevedo Lopes	Presidência da Torcida Gaviões da Fiel.
4	Sr.Danilo Zamboni	Presidência da Torcida Independente, Conselheiro sócio-fundador da Torcida Independente
5	Sr. Jânio Carvalho dos Santos	Presidência de Honra da Torcida Mancha Verde.
6	Sr. Atevir Nogueira	Diretoria Social da Torcida Pavilhão Nove
7	Sr.Marcelo Moises Moura Lima	Presidência da torcida TUP, Torcida Uniformizada do Palmeiras
8	Sr. Denis de Almeida	Presidência da Torcida Jovem do Santos
9	Sr.Álvaro Sousa	Torcida Leões da Fabulosa
10	Dr. Paulo Sérgio de Castilho	Promotoria de Justiça do JECrim
11	Dr. Felipe Tavares Paes Lopes	Universidade de Sorocaba-Uniso.
12	Sr.Fábio Fagundes	Representante da Torcida Camisa 12
13	Sr. Lúcio da Silva Blanco	Superintendência de Arrecadação do Sport Club Corinthians Paulista
14	Sr. Renato Renatino dos Santos	Jurídico do São Paulo Futebol Clube
15	Sr. Leonardo Holanda (representando o Sr. Paulo Nobre)	Presidência da Sociedade Esportiva Palmeiras
16	Sr. Ricardo Borges Martins	Diretoria Executivo do Bom Senso Futebol Clube
17	Gilson Pereira de Menezes	Comando Geral – Inspetor de Divisão da Guarda Civil Metropolitana

11 - DOS REQUERIMENTOS APROVADOS

Os Vereadores membros efetivos ou substitutos dessa CPI realizaram 06 reuniões ordinárias regimentais, excetuando-se as demais realizadas a interesse da Comissão.

Essas outras reuniões não tidas por ordinárias da CPI são, por exemplo, reuniões de trabalho e as reuniões extraordinárias, no total de 09 .

O momento da apresentação de requerimentos por parte do Vereador interessado em esclarecer um fato acerca do objeto da CPI são as reuniões Ordinárias. Os parlamentares aprovaram 38 requerimentos de autoria singular e/ou coletivamente dos Vereadores membros titulares e/ou substitutos deste. Esses requerimentos aprovados originam e perfazem toda a composição desta Comissão e do relatório, visto que por eles as oitivas e colhimentos dos depoentes da COMISSÃO PARLAMENTAR DE INQUÉRITO PARA APURAR AS CAUSAS E POSSÍVEIS SOLUÇÕES ACERCA DA VIOLÊNCIA DAS TORCIDAS ORGANIZADAS NO ÂMBITO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. (PROCESSO RDP Nº 08-0018/2013). Foram convidados 17 pessoas, assim como esses mesmos requerimentos que também originam a documentação oficial presente na Secretária da CPI situada à sala SGP 14 da Câmara Municipal de São Paulo, uma vez que a documentação é em resposta ao teor do requerimento aprovado e encaminhado ao seu destinatário.

Os requerimentos aprovados versam sobre convites de Presidentes e Diretores de torcidas representante jurídicos de Clubes, Presidentes de Clubes, autoridades policiais, como Comandante da Guarda Civil Metropolitana, Major do Comando do 2º Batalhão de Choque, Delegado do DRADE, Promotor de Justiça do JECRIM e professores, Universidade de Sorocaba-Uniso, que somam mais de 20 depoimentos prestados a essa CPI.

OFÍCIO	CONVIDADO	PROCEDIMENTO	DATA
Ofício 001-15	Comandante 2º Batalhão	Convite	12-08-2015
Ofício 002-15	Dra Margarete Francisca - Delagada - DRADE	Convite	23-09-2015
Ofício 003-15	DRADE	Convite	07-10-2015
Ofício 004-15	Presidente Gaviões da Fiel	Convite	21-10-2015
Ofício 005-15	Presidente Mancha Verde	Convite	21-10-2015
Ofício 006-15	Presidente da Independente	Convite	21-10-2015
Ofício 007- 15	Presidente da Associação Nacional das Torcidas Organizadas	Convite	04-11-2015
Ofício 008-15	Presidente da TUP	Convite	04-11-2015
Ofício 009-15	15 - Presidente da Pavilhão 9	Convite	04-11-2015
Ofício 010-15	Presidente da Camisa 12	Convite	18-11-2015
Ofício 011-15	Presidente da Leões da Fabulosa	Convite	18-11-2015
Ofício 012-15	Presidente da Torcida Jovem	Convite	18-11-2015
Ofício 013-15	Presidente da Torcida Dragões da Real	Convite	04-11-2015
Ofício 014-15	Promotor Paulo Sérgio de Castilho	Convite	02-12-2015
Ofício 015-15	Professor Felipe Tavares Paes Lopes	Convite	17-02-2016
Ofício 2016-01	Professor Felipe Tavares Paes Lopes	Convite	02-03-2016
Ofício 2016-02	Professor Maurício Murad	Convite	02-03-2016
Ofício 2016-03	Presidente Gaviões da Fiel	Convite	17-03-2016
Ofício 2016-04	Presidente da Independente	Convite	17-03-2016
Ofício 2016-05	Presidente Mancha Verde	Convite	17-03-2016
Ofício 2016-06	Presidente da TUP	Convite	17-03-2016
Ofício 2016-07	Presidente da Pavilhão 9	Convite	17-03-2016
Ofício 2016-08	Presidente da Camisa 12	Convite	17-03-2016
Ofício 2016-09	Presidente da Torcida Dragões da Real	Convite	17-03-2016
Ofício 2016-10	Presidente da Leões da Fabulosa	Convite	17-03-2016
Ofício 2016-11	Presidente da Torcida Jovem	Convite	17-03-2016
Ofício 2016-12	Presidente Corinthians	Convite	30-03-2016
Ofício 2016-13	Presidente Palmeiras	Convite	30-03-2016
Ofício 2016-14	Presidente SPFC	Convite	30-03-2016
Ofício 2016-15	Presidente Santos	Convite	30-03-2016
Ofício 2016-16	Presidente Portuguesa	Convite	30-03-2016
Ofício 2016-17	Bom Senso FC	Convite	13-04-2016
Ofício 2016-18	Promotor de Justiça Dr. Roberto Senise Lisboa	Convite	13-04-2016
Ofício 2016-19	Promotoria de Justiça do Consumidor	Convite	27-04-2016

Ofício 2016-20	Federação Paulista Futebol	Convite	27-04-2016
Ofício 2016-21	Jornalista Wanderley Nogueira	Convite	27-04-2016
Ofício 2016-22	Cesar Seabra - Diretor de Jornalismo Esportivo Rede Globo	Convite	27-04-16
Ofício 2016-23	Secretario Municipal Segurança Urbana	Convite	27-04-16

12 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise dos elementos colecionados no correr desses nove meses de investigação, concluímos que o objetivo primordial desta Comissão Parlamentar de Inquérito – buscar as causas e apontar soluções para o problema da violência decorrente dos jogos de futebol profissional - foi amplamente atingido. Com a participação não só dos integrantes da CPI, mas da grande maioria dos Vereadores da Câmara Municipal, apresentamos 18 sugestões para melhorar o espetáculo e dar segurança a quem vai às partidas de futebol em dias de jogo.

Entre as sugestões, a mais urgente é a atualização dos cadastros de integrantes das torcidas organizadas, sob a responsabilidade das próprias torcidas, dos clubes e da Federação Paulista de Futebol. É preciso também dar maior transparência às reuniões preliminares das partidas envolvendo Federação, Polícia Militar, Polícia Civil, Ministério Público, Prefeitura e representantes das torcidas organizadas, – uma exigência do Estatuto do Torcedor --, com transmissão ao vivo através do site da Federação Paulista de Futebol e obrigação de arquivo, para acesso a qualquer tempo, a fim de que o torcedor comum possa acompanhar as medidas de segurança e todo cidadão possa saber se os compromissos entre as partes foram cumpridos.

Também é necessária a criação do Conselho Municipal do Torcedor, para funcionar nos moldes dos Conselhos de Segurança, em que os atores envolvidos no espetáculo do futebol possam ouvir os torcedores e planejar estratégias de segurança e para melhoria dos esportes. A CPI também constatou a necessidade do estabelecimento de parcerias entre a administração pública e as torcidas organizadas, para a execução de projetos sociais e educacionais, com vistas ao exercício pleno da cidadania. Nesse sentido, foi muito oportuno o depoimento do professor universitário, Dr. Felipe Tavares Paes Lopes, um dos maiores estudiosos de torcidas organizadas no mundo, que trouxe ao conhecimento dos parlamentares projetos sociais desenvolvidos na Alemanha.

A CPI também sugere a aprovação de projeto de lei que tramita nesta casa no sentido de obrigar os clubes e a prefeitura (responsável pelo Pacaembu) a reservar uma área do estádio para torcidas mistas, com adeptos dos dois clubes em disputa. A ideia é

resgatar o espírito esportivo vivido no passado, em que torcedores dos times em campo sentavam lado a lado.

Importante também é deliberar no Plenário da Câmara Municipal sobre o melhor horário das partidas de futebol durante a semana. Lendo os depoimentos, restou incontroversa a necessidade de que as partidas tenham início mais cedo, para que, ao término, os torcedores possam voltar para casa de transporte público – ônibus, trem e metrô. O futebol é uma das formas de lazer mais populares em São Paulo e cabe ao legislador propor soluções legais para eliminar fatores de tensão, como a falta de transporte para levar o torcedor para casa.

Por fim, não se pode esquecer de que futebol é um esporte de massa, com forte apelo popular. Não se pode torná-lo privilégio de classes sociais. Todos devem ter possibilidade de acompanhar os jogos em campo. É um espetáculo popular, uma festa e não um evento concebido apenas para transmissão via TV. Jogadores são ídolos populares, não fazem parte de elenco de emissora de TV. É preciso resgatar a natureza do esporte, com segurança nas ruas, paz nos estádios e festa nas arquibancadas. A violência é intrínseca da paixão humana, mas pode ser evitada, com a individualização de condutas e consequente responsabilização dos criminosos, com o fim efetivo da impunidade.

Esta CPI soube aproveitar a oportunidade de debater profundamente o tema e dá às autoridades conhecimento do trabalho. Ouvimos sem preconceito todos os lados envolvidos. Agora é hora de colocar as sugestões em prática. A nós, detentores de mandato popular, caberá acompanhar a implantação das medidas, de olho sempre no bem comum.

13 - PROVIDÊNCIAS, ENCAMINHAMENTOS E INDICAÇÕES DO RELATÓRIO DA CPI DAS TORCIDAS ORGANIZADAS

- 1) Responsabilização solidária das torcidas organizadas juntamente com clubes e Federação Paulista de Futebol ou Confederação Brasileira de Futebol, dependendo da competição, pelos danos causados por torcedores caso não seja identificado o responsável ou responsáveis pelos danos causados em qualquer circunstância que envolva direta ou indiretamente a torcida, clube e evento esportivo (dentro do estádio e imediações).
- 2) Garantia de venda de pelo menos 10% dos lugares disponíveis em um estádio pelo preço mínimo fixado pela Federação Paulista de Futebol ou Confederação Brasileira de Futebol para aquele evento, sem a necessidade dos compradores desta cota ser associado a qualquer programa de sócio torcedor.

- 3) Liberação de venda de bebidas alcoólicas dentro do estádio de futebol.
- 4) O torcedor, ao adquirir o ingresso, poderá optar pela compra (a ser paga junto com o ingresso) de um lanche e uma bebida (água, suco, refrigerante ou cerveja) pelo preço equivalente a 50% do preço praticado no balcão do estabelecimento no interior do estádio.
- 5) Proibição de acesso de quem não tenha ingresso ou credencial num raio de 100 metros dos portões de entrada dos estádios, exceto moradores ou de quem tenha credencial ou reserva em associações ou estabelecimentos comerciais.
- 6) Liberação de uso de bandeiras, instrumentos musicais e faixas por parte da torcida organizada, sem número limitado, desde que cada bandeira ou instrumento que ingressar no estádio tenha o registro de um torcedor responsável.
- 7) Delimitação de uma área do estádio para torcidas organizadas.
- 8) Manutenção, por parte das torcidas organizadas, de um cadastro de seus associados, com cópia atualizada para a Polícia Militar, Ministério Público, clubes, Federação Paulista de Futebol e Confederação Brasileira de Futebol.
- 9) Proibição que condenados pela Justiça por crimes relacionados ou não ao futebol sejam sócios das torcidas organizadas antes e durante o cumprimento da pena.
- 10) Incentivar o uso de tornozeleira eletrônica para os torcedores que estiverem cumprindo medida cautelar de proibição de frequentar estádios, para que não possam se aproximar do local dos jogos num raio de cinco mil metros.
- 11) Aprovar projeto de lei que tramita nesta casa para obrigar os clubes a reservar área do estádio para a frequência de duas torcidas.
- 12) Aprovação do PL 300 de 2014 - Dispõe sobre a comprovação da condição de torcedores, obriga a utilização de identificação por meio de certificado de atributo digital nas entradas e de sistema de monitoramento por imagem em toda a área de uso comum de estádios com capacidade superior a 10.000 (dez mil) pessoas, nos dias de jogos de futebol, e de outras providências.

- 13) Aumentar o efetivo da Guarda Civil Metropolitana (GCM) para garantir que, nas imediações dos eventos esportivos, haja patrulha a pé, de dois em dois guardas, para assegurar a segurança do estacionamento em vias públicas, livrando os torcedores da ação de flanelinhas e “guardadores” de carro.
- 14) Destinar um percentual da renda dos jogos para a manutenção de um serviço socioeducativo para membros das torcidas organizadas, a exemplo do que existe na Alemanha.
- 15) Estimular, em parceria com as torcidas organizadas, projetos sociais por parte da prefeitura para associados das torcidas organizadas que moram em regiões de baixo índice de desenvolvimento (IDH), em geral na periferia, aproveitando que muitos jovens excluídos socialmente encontrem nessas entidades um espaço de resgate da autoestima.
- 16) Transmitir ao vivo no site da Federação Paulista de Futebol, com a obrigatoriedade de arquivo das imagens e visualização a qualquer tempo, das reuniões preliminares das organizações da partida, já realizadas por imposição do Estatuto do Torcedor, com a presença de representantes dos clubes, Federação, autoridades policiais, membros da administração municipal, do Ministério Público e das torcidas organizadas. Tal gravação permitirá à sociedade acompanhar o cumprimento das deliberações tomadas.
- 17) Criar o Conselho Municipal do Torcedor, com a presença de líderes de torcidas organizadas, de representantes dos clubes, da Federação Paulista de Futebol, do Ministério Público e com reuniões periódicas, nas quais todo cidadão, integrante de torcida organizada ou não, possa se manifestar, a exemplo do que acontece com os CONSEGs (Conselhos de Segurança).
- 18) Oficiar o Governo do Estado de São Paulo com vistas à alteração na Lei 9.470, de 27 de dezembro de 1996, que proíbe a presença de hastes de bandeiras nos estádios, de forma a possibilitar o retorno de elementos essenciais à festa nos estádios, como ocorre em outros Estados, Rio de Janeiro, por exemplo.

ANEXO

Torcidas organizadas do futebol brasileiro: singularidades e semelhanças com outros grupos de torcedores da América do Sul e da Europa

Por: Felipe Tavares Paes Lopes & Mariana Prioli Cordeiro

Resumo: Neste trabalho, objetivamos discutir as diferenças e semelhanças dos torcedores organizados brasileiros com outros agrupamentos de torcedores da América do Sul e da Europa. Mais concretamente, com os hooligans, barras bravas e os ultrás. Para tanto, fizemos um levantamento bibliográfico sobre esses agrupamentos em âmbito nacional e internacional. Este levantamento nos indicou que os torcedores organizados brasileiros possuem mais semelhanças com os dois últimos grupos. Entre suas principais diferenças com os hooligans, destacamos que os torcedores organizados não primam pelo anonimato e nem pela transgressão deliberada, que eles atuam como mecanismos ativos de pressão perante seus grupos e federações e que estão mais comprometidos com o espetáculo nas arquibancadas.

Apresentação

A violência no futebol tem sido objeto de estudos científicos desde a década de 1960. Inicialmente, a produção sobre o assunto foi marcada por uma ampla predominância dos estudos de origem britânica, com destaque para autores como Ian Taylor, Peter Marsh e Eric Dunning. Embora essa predominância já tenha sido atenuada, o Reino Unido continua a ter uma ampla influência nesta área, sobretudo em matéria de financiamento. Influência que, muitas vezes, levou a explicações etnocêntricas, com viés anglo-saxão, desconsiderando as especificidades culturais e históricas desta violência em outros lugares do mundo (GIULIANOTTI, 2002). É apenas na década de 1980 que se consolida um processo de globalização dos estudos sobre o assunto. Neste 77 período, surgem publicações em diversas partes do mundo, como Áustria, Bélgica, Holanda, Argentina, Brasil, África etc. Um dos principais efeitos desse processo de globalização foi, certamente, o de mobilizar novas interpretações do assunto, salientando as diferenças culturais existentes entre os grupos torcedores considerados violentos nos âmbitos locais, nacionais e continentais. Diferenças que têm marcado a história da rivalidade violenta e da oposição simbólica própria a cada um deles (GIULIANOTTI, 1999; 2002). A partir de então, um amplo e complexo processo de produção de categorias sociológicas e psicológicas, que visam tanto descrever quanto classificar e analisar esses grupos de torcedores, tem sido produzido ao redor do mundo. No Brasil, a categoria “torcedores organizados” é utilizada para denominar determinados grupos de torcedores que são habitualmente associados a atos de violência dentro e fora de nossos estádios. Embora existam diversos estudos que analisem os modos específicos de organizar e de participar do espetáculo futebolístico promovido por esses grupos, ainda são escassos aqueles que discutem suas diferenças e semelhanças em relação a outros grupos de torcedores considerados violentos ao redor do mundo. Sendo assim,

neste trabalho, optamos por promover, ainda que sem pretensão de exaustividade, tal discussão. Para tanto, fizemos um levantamento bibliográfico sobre esses diversos grupos de torcedores em âmbito nacional e internacional. Neste levantamento, consultamos 9 bancos de dados¹, utilizando e cruzando descritores e palavras-chave² que variaram de acordo com o modo de organização e a terminologia utilizada nos locais.

Uma vez apresentados o objetivo e a metodologia do trabalho, cabe agora apresentarmos sua estrutura: num primeiro momento (1), fizemos uma breve apresentação das origens e características das torcidas organizadas. Num segundo momento (2), discutimos suas semelhanças com alguns grupos de torcedores da América do Sul e da Europa. Num terceiro e último momento (3), apresentamos suas singularidades em relação a esses grupos.

1. Uma breve história e caracterização das torcidas organizadas

Os torcedores organizados surgiram na década de 1940, num momento em que o futebol já era uma paixão nacional, massificada pelo rádio. Entre os primeiros agrupamentos de torcedores deste gênero temos, no Rio de Janeiro, a Charanga do Flamengo e, em São Paulo, a Torcida Uniformizada do São Paulo, a TUSP. Embora estes agrupamentos sejam considerados os primeiros “organizados” no Brasil, eles, como nos indicam diversos autores (PIMENTA, 1997; SANTOS, 2004; TOLEDO, 1996), diferem bastante das torcidas organizadas atuais. Em primeiro lugar, porque não contavam com uma estrutura burocrática e seus vínculos se davam diretamente com o clube de futebol, que muitas vezes financiava suas despesas. Em segundo lugar, porque estavam muito associados a “torcedores símbolos”, que contavam com grande prestígio junto à imprensa. Em terceiro lugar, porque a identificação de seus membros era apenas com o “clube do coração”, e não com o próprio agrupamento, como ocorre hoje em dia. Em quarto e último lugar, porque praticamente não se envolviam em atos de violência. Pelo contrário, a Charanga do Flamengo, por exemplo, condenava com veemência a violência e evitava o uso de palavrões nas arquibancadas. Em comum com os torcedores organizados atuais, estes agrupamentos de torcedores tinham o hábito de acompanhar o time em qualquer situação e o de planejar antecipadamente o espetáculo nas arquibancadas. As torcidas organizadas como as conhecemos hoje são um fenômeno relativamente recente, sendo que as primeiras surgiram no final da década de 1960 e início da década de 1970, quando o Brasil ainda vivia sob o peso do regime militar e avançava no desenvolvimento urbano. Foi nesta época que começamos observar a presença de milhares de jovens nas arquibancadas brasileiras com suas vestimentas, modos de atuação e cânticos de guerra próprios. Neste período, como observa Pimenta (1997, p. 66), “[...] as massas passam a ter um comportamento diferenciado nas arquibancadas dos estádios e começam a cobrar dos clubes, dos jogadores e dos dirigentes um melhor desempenho.” Na primeira metade da década de 1990, as torcidas organizadas crescem significativamente. De 1991 a 1995, as principais torcidas organizadas de São Paulo, por exemplo, quaduplicam o seu quadro associativo: a Mancha Alverde, do Palmeiras, “salta” de 4.000 filiados para 18.000, a Independente, do São

Paulo, de 7.000 para 28.000 e a Gaviões da Fiel, do Corinthians, de 12.000 para 46.000. Destes novos filiados, a grande maioria era constituída de jovens entre 12 a 18 anos de idade (PIMENTA, 2000). Na década seguinte, os números de filiados das torcidas organizadas continuaram subindo, e, em alguns casos, praticamente dobraram. Este crescimento estabelece e sustenta um tipo novo de “cultura torcedora”, que se assemelha em alguns aspectos com outros grupos de torcedores da América do Sul e da Europa.

2. Semelhanças com outros grupos de torcedores da América do Sul e da Europa

As torcidas organizadas são freqüentemente chamadas pelos meios de comunicação de hooligans brasileiros. Os hooligans, muito presentes no Reino Unido e no norte da Europa, são grupos de torcedores que possuem um engajamento constante e coletivo na violência (GIULIANOTTI, 2002). Violência que geralmente ocorre entre torcedores de times rivais, dentro ou fora dos estádios, e que pode ser tanto simbólica – através de cantos e gestos obscenos, por exemplo – como física – através de invasões de campo, confrontos diretos, bombardeios aéreos com pedaços de concreto, assentos 79 quebrados, rojões etc. (DUNNING; MURPHY; WILLIAMS, 1993).

Embora, como veremos adiante, os torcedores organizados brasileiros se diferenciem em muitos aspectos dos hooligans – o que faz com que a denominação dada a eles pelos meios de comunicação seja inadequada – podemos apontar algumas semelhanças entre estes grupos. Assim como os hooligans, os torcedores organizados são, em sua maioria, homens jovens oriundos das classes “populares”. Além disto, como os primeiros, possuem um forte sentimento de pertencimento ao grupo. Sentimento que, às vezes, os levam a transgredir as regras legais. Embora a violência não consista no principal aspecto de agregação dos torcedores organizados (TOLEDO, 1996), esta é uma parte constante do repertório de alguns desses torcedores, ainda que estes sejam uma parcela minoritária. Parcela que, em determinados casos, possui ligações estreitas com outras práticas de violência, como a divisão territorial da cidade e com o tráfico de drogas – o que embora aqui tenhamos de destacar que, como observa Giulianotti (2002), existe uma série de estudos indicando uma mudança no perfil dos hooligans. Há uma participação cada vez maior das classes “média” e “alta” nesses grupos de torcedores. trouxe, principalmente no Rio de Janeiro, uma novidade a partir de 2005: os conflitos entre os torcedores de um mesmo time e até de uma mesma torcida (MURAD, 2007). Do mesmo modo como ocorre no Reino Unido e no norte da Europa, esta parcela promove ações “militarescas”, como criar emboscadas para as torcidas adversárias, dispersando-se sorrateiramente para evitar o conflito com a polícia (PIMENTA, 1997). Por conta destas ações, os torcedores organizados, assim como os hooligans, são sistematicamente acusados de serem os principais responsáveis pelo vandalismo e pela violência no futebol. No Brasil, a mídia tem, desde o fim da década de 1980, dado enorme destaque a essas ações, censurando o comportamento dos torcedores organizados. Hoje em dia, estes torcedores são “assunto noticiável” apenas quando são vinculados à violência urbana e à

desordem pública; suas outras práticas não costumam aparecer nos noticiários e manchetes dos principais periódicos e telejornais do país (TORO, 2004).

No resto da América do Sul, os agrupamentos de torcedores habitualmente associados à violência são conhecidos como barras bravas; enquanto que no sul da Europa são conhecidos como ultràs. Estes agrupamentos – assim como os torcedores organizados e diferentemente dos hooligans, que são menos comprometidos com o “espetáculo” nas arquibancadas – costumam transformar as partidas de futebol (com suas imensas faixas, bandeiras, adereços, instrumentos musicais e coreografias de todos os tipos) numa experiência audiovisual extremamente estimulante. São eles os grandes responsáveis pelos shows pirotécnicos nos estádios. Outro ponto comum entre torcedores organizados, barras bravas e ultràs é que eles estabelecem e sustentam certa “masculinidade agressiva”, que freqüentemente os leva a discriminar os homossexuais. No Brasil, a torcida Flagay, por exemplo, foi alvo de preconceito e discriminação por algumas torcidas organizadas do Flamengo e acabou sendo extinta pelos próprios flamenguistas após sua fundação (MONTEIRO, 2003). Já na Argentina, uma forma privilegiada de demonstrar virilidade e capacidade de suportar a dor, de tener aguante, na linguagem local, é através de combates corpo a corpo, onde as armas de fogo são “proibidas” e os corpos dos combatentes são a única ferramenta de luta (ZUCAL, 2006) Outro ponto comum entre esses três agrupamentos é que eles constituem um mecanismo ativo de pressão perante seus clubes e federações, assumindo um espaço cada vez maior no estádio e na sociedade (PIMENTA, 1997). No Brasil, as greves, piquetes e boicotes das torcidas organizadas cariocas no início dos anos oitenta a fim de, entre outras reivindicações, exigir a diminuição do preço das entradas é emblemática. Também é emblemática a história da torcida Gaviões da Fiel, que, em 1969, surgiu “[...] com o objetivo de fiscalizar e apontar todos os erros praticados pelos dirigentes do S. C. Corinthians Paulista, auto-intitulando-se assim os representantes da nação corintiana junto à Instituição-Clube” (PIMENTA, 1997, p. 67). Esses agrupamentos possuem, portanto, uma relação com o clube apoiado que muitas vezes é de conflito. Entretanto, esta relação parece ser diferente em cada região. Enquanto os ultràs não criam uma relação formal com o clube, embora esta possa surgir – dirigentes podem contribuir para as despesas de fabricação de grandes bandeiras, por exemplo –, os barras bravas, por conta da estrutura do futebol sul-americano, parecem ter uma relação diferenciada. Os clubes de futebol argentino, por exemplo, são organizados como associações de membros particulares, em que os diretores são eleitos pelos membros das torcidas, o que faz com que, os membros da diretoria, freqüentemente busquem o apoio dos barras bravas. Busca que, às vezes, termina em crimes, como ocorreu na década de 1990, quando membros da torcida La 12, do Boca Juniors, foram condenados por “associação ilícita” e extorsão aos dirigentes do clube (GIULIANOTTI, 2002). As diferenças entre esses dois agrupamentos de torcedores, bem como a dos hooligans, em relação aos torcedores organizados constituem justamente o objeto da próxima parte.

3. Singularidades dos torcedores organizados

Uma das principais diferenças entre os torcedores organizados em relação aos barras bravas e aos ultras diz respeito às manifestações de racismo e xenofobia, muito mais freqüentes nos dois últimos. Enquanto, por exemplo, na Argentina, mesmo em jogos entre clubes nacionais, a referência aos paraguaios, bolivianos e brasileiros, como forma de insulto, é comum (FREITAS, 2007); no Brasil, tirando alguns casos excepcionais, a rivalidade entre os torcedores organizados raramente leva a demonstrações explícitas de racismo e xenofobia. A torcida Camisa 12, do Corinthians, por exemplo, costuma levar, no “dia da consciência negra”, um enorme “bandeirão” com dizeres contra o racismo.

Outra diferença substancial entre os torcedores organizados e os barras bravas diz respeito ao posicionamento de cada um acerca da violência dentro e fora dos estádios. Enquanto o site oficial das torcidas organizadas brasileiras (www.organizadasbrasil.com) defende abertamente a paz nos estádios; o dos barras bravas da Argentina (www.barras-bravas.com.ar) conta com uma seção dedicada exclusivamente a narrar as últimas brigas entre hinchadas (torcidas) rivais.

A apologia à violência, assim como a xenofobia e o racismo, também são marcas características dos hooligans. Diferentemente destes, os torcedores organizados não primam nem pela transgressão deliberada nem pelo anonimato, ainda que algumas de suas ações tomem este caminho. Pelo contrário, ao se institucionalizarem, buscam um lugar dentro do futebol profissional e da sociedade. Assim, as torcidas organizadas objetivam ser conhecidas e reconhecidas como instituições representativas e legítimas de seus clubes (TOLEDO, 1996). Para tanto, dialogam e negociam com outras instituições e grupos – como a polícia e a imprensa - bem como participam de eventos oficiais, como o carnaval. Além desta, outras diferenças afastam esses dois agrupamentos de torcedores.

Em primeiro lugar, as torcidas organizadas formam entidades jurídicas. Elas possuem estatutos que determinam uma série de regras burocráticas a serem respeitadas. Assim, têm uma diretoria, um conselho deliberativo e eleições periódicas para presidente (TOLEDO, 1996). Já os hooligans, embora possuam uma forte estrutura hierárquica entre seus membros, constituem organizações bem mais informais.

Em segundo lugar, as torcidas organizadas não apenas possuem um vínculo mais estreito com outros setores da sociedade, como também possuem vínculos com outros grupos de torcedores. Embora a rede de informação entre os hooligans tenha aumentado significativamente com o advento e popularização da internet e dos telefones celulares, criando-se novas conexões de hooligans de diferentes regiões do norte da Europa, como Alemanha e Holanda (GIULIANOTTI, 2002); esses vínculos parecem não ir além de alianças estratégicas na luta contra seus adversários. Já os vínculos entre os torcedores organizados visam principalmente à troca de apoio e infraestrutura. Assim, quando uma torcida organizada viaja para assistir a seu clube em outra cidade ou Estado, ela é freqüentemente recebida por alguma torcida organizada local considerada “irmã”. As torcidas do Palmeiras e do Vasco nos fornecem aqui um exemplo histórico. Na final do Campeonato Brasileiro de 1997 entre os dois clubes, a despeito da rivalidade e da importância

do evento, ambas as torcidas entraram juntas e abraçadas tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo. Além disto, quando o jogo foi em São Paulo, os palmeirenses compraram ingressos para os vascaínos e, quando foi no Rio, os vascaínos compraram para os palmeirenses (MONTEIRO, 2003).

Em terceiro lugar, os torcedores organizados contam geralmente com uma sede. É lá, e não em bares ou pubs (lócus habitual de encontro dos hooligans), onde se confraternizam e “jogam conversa fora”. Nas sedes, promovem festas, churrascos e reuniões. É lá, também, de onde partem as “caravanas” em dias de jogos. Em alguns casos específicos, como o da Gaviões da Fiel e o da Mancha Alviverde, que participam do desfile de escolas de samba da cidade de São Paulo, as sedes também servem de abrigo para seus carros alegóricos e para os ensaios dos desfiles.

Em quarto lugar, os torcedores organizados, em geral, não possuem um envolvimento político com partidos de extrema direita e/ou com projetos ideológicos nacionalistas, bem como com uma concepção mais ostensiva de negação das instituições sociais (TOLEDO, 1996). Enquanto alguns hooligans têm ligações estreitas com partidos fascistas, como o National Front, as torcidas organizadas raramente se manifestam abertamente a favor de causas racistas ou chauvinistas. A participação política dessas torcidas costuma a se limitar à esfera de seus próprios clubes e à realização de práticas beneficentes. Apenas eventualmente há adesões a campanhas de determinados políticos ou a movimentos mais abrangentes, como as Diretas Já! ou o impeachment do ex-presidente Fernando Collor (TOLEDO, 1996). Aqui, a Gaviões da Fiel nos fornece outro exemplo histórico. Em 1979, ela foi a primeira entidade a desfaldar em grande público uma faixa pela anistia no Brasil. Isto se deu num jogo entre Corinthians e Santos, quando mais de 110 mil pessoas lotaram o Morumbi (KFOURI, 1983). Em quinto e último lugar, os torcedores organizados utilizam vestimentas – bonés, camisetas, jaquetas etc. – que os relacionam a suas torcidas, enquanto que os hooligans atualmente não utilizam vestimentas que os relacionam a seus clubes, bem como não fazem uso de bandeiras, instrumentos musicais e outros artefatos. A fim de evitar o controle da polícia, no início da década de 1980, eles substituíram o velho visual agressivo, semelhante ao dos skinheads (cabelos raspados, botas Doctor Marten, múltiplos cachecóis etc.) por um estilo mais “descolado” (camisas Lacoste, moletons Fila, suéteres Armani, sapatos Rockport etc.) (GIULIANOTTI, 2002). Diante disto, podemos dizer que as cores e os símbolos do clube e do próprio grupo não constituem elementos tão fortes na marca do reconhecimento e diferenciação entre eles como constituem para os torcedores organizados.

Considerações finais

Ao apresentar e analisar algumas singularidades e semelhanças das torcidas organizadas com os hooligans, os barras bravas e os ultràs, objetivamos aqui levar a cabo uma discussão mais aprofundada acerca das características sócio-culturais desses agrupamentos de torcedores sulamericanos e europeus que são habitualmente considerados violentos.

Com isso, visamos, não apenas suprir, em certa medida, uma lacuna na literatura científica, mas principalmente desmitificar a idéia simplista, muito difundida pelos meios de comunicação, de que estes torcedores são todos iguais. A crença de que os torcedores organizados não passam de “hooligans brasileiros” certamente mais atrapalha do que ajuda na compreensão de sua identidade social e de sua forma de organização e atuação, bem como na compreensão daquilo que tanto desperta a preocupação da imprensa e de nossas autoridades, seus vínculos com a violência.

Referências

BARRAS BRAVAS. El lugar justo para los inaptos de siempre. Disponível em: <www.barras-bravas.com.ar>. Acesso em 22.04.2009.

DUNNING, E.; MURPHY, P.; WILLIAMS, J. Spector Violence at Football Matches: Towards a Sociological Explanations. In: ELIAS, N; DUNNING, E. Quest for Excitement: Sport and Leisure in the Civilising Process. Cambridge: Blackwell, 1993, p. 245-266.

FREITAS, M. A. Futebol e construção da subjetividade masculina: leituras da psicologia social. Revista Brasileira de Psicologia do Esporte, vol.1. n.1, p. 01-19, 2007.

GIULIANOTTI, R. Social identity and public order: political and academic discourses on football violence. In: GIULIANOTTI, R.; BONNEY, N.; HEPWORTH, M. (Orgs.). Football, violence and social identity. New York: Routledge, 1999, p. 10-35.

Sociologia do futebol. Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

KFOURI, J. A emoção Corinthians. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MONTEIRO, R. A. Torcer, lutar, ao inimigo massacrar: Raça Rubro-Negra! Uma etnografia sobre futebol, masculinidade e violência. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

MURAD, M. A violência ao futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

ORGANIZADAS BRASIL. O portal das torcidas organizadas. Disponível em: <www.organizadasbrasil.com>. Acesso em 22.04. 2009.

PIMENTA, C. A. M. Torcidas Organizadas de Futebol. Violência e Auto-afirmação. Aspectos da construção das novas relações sociais. Taubaté: Vogal, 1997.

Violência entre torcidas organizadas de futebol. São Paulo em Perspectiva, vol. 2, n. 2, p.122-128, 2000.

SANTOS, T. C. Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas: paixão, rito e magia no futebol. São Paulo: Annablume, 2004.

TOLEDO, L. H. Torcidas organizadas de futebol. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.

TORO, C. A. O espectador como espetáculo: notícias das Torcidas Organizadas na Folha de S. Paulo (1970-2004). 2004. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

ZUCAL, J. G. “Soy Macho porque me la aguanto.” Etnografía de las prácticas violentas y la conformación de identidades de género masculinas. In: ALABARCAS P. et al. Hinchadas. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006, p. 39-58.

Autores

FELIPE TAVARES PAES LOPES é doutorando em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo (USP) e bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

MARIANA PRIOLI CORDEIRO é doutoranda em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

São Paulo, 19 de maio de 2016
Laércio Benko (PHS) - Presidente
Nelo Rodolfo (PMDB) - Relator
José Police Neto (PSD)
Patrícia Bezerra (PSDB)
Senival Moura (PT)
Toninho Paiva (PR)